

# **Morrinhos: Coronelismo e Modernização**

**1889 – 1930**



**ERON MENESSES DE AMORIM**

**1998**

# **MORRINHOS : CORONELISMO E MODERNIZAÇÃO 1889 – 1930**

**Dissertação de Mestrado apresentado  
ao Programa de Mestrado em História  
das Sociedades Agrárias, da Faculdade  
de Ciências Humanas e Filosofia da  
Universidade Federal de Goiás**

**ORIENTADOR: PROF. DR. BARSANUFO GOMIDES BORGES**

**GOIÂNIA, 1998**

À esposa e amiga, Maria Nilda  
pelos estímulos, paciência e  
compreensão.

Aos pequenos: Reuter, Andriely e  
Ricardo Fernando, meus filhos,  
pelo carinho e privação de nossa  
companhia, nos momentos de labuta.

À minha mãe, Luzia e irmãos pelo  
apoio dispensado.

## **AGRADECIMENTOS**

Nossos agradecimentos a todos que colaboraram para a concretização deste trabalho. Especialmente ao meu orientador e sempre amigo, Prof. Dr. Barsanufo Gomides Borges, pelo apoio, paciência, atenção e orientação nesta introdução aos árduos caminhos da construção do conhecimento, à Banca pelas sugestões úteis para o aprimoramento do trabalho.

Também nossos agradecimentos para a Prof<sup>a</sup>. Maria das Graças Ferreira, que colaborou na revisão e organização do texto; para o pessoal do Arquivo Histórico Estadual; Para Maria Augusta Xavier Burstzin sempre prestativa e que nos forneceu documentos pessoais para a pesquisa; para Maria de Lurdes B. Azeredo que colocou a nossa disposição a documentação dos Nunes; para Maria Lúcia Fonseca por ceder-nos cópias de documentos relativos ao tema estudado; para o Museu Histórico Municipal de Morrinhos. Além das pessoas e instituições citadas, muitas outras colaboraram conosco de uma ou de outra forma. A todas elas, nossos agradecimentos.

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO I - GOIÁS NA PRIMEIRA REPÚBLICA**

1 -O Brasil na divisão internacional do trabalho .....	12
2 - Goiás e as frentes de expansão e Pioneira.....	33
3 - Coronelismo e diversidade.....	37
4 - Consolidação do regime oligárquico em Goiás.....	48

### **CAPÍTULO 2 - DISSIDÊNCIAS E MODERNIZAÇÃO EM GOIÁS**

1 - Estruturas sócio-econômicas.....	63
2 - Os coronéis de Morrinhos e sua projeção no cenário Estadual.....	79
3 - O governo Xavier de Almeida.....	99
4 - Movimento de 1909 e o ostracismo dos Bulhões.....	106

### **CAPÍTULO 3 -GOIÁS:CAIADISMO E "TRADICIONALISMO"(1909 - 1930)**

1- Os Caiado e os políticos de Morrinhos .....	114
2- Os Moraes e a persistência de uma mentalidade .....	134
3- A Revolução de 30 e a "realização de um ideal." .....	143
<b>CONCLUSÕES .....</b>	<b>148</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>150</b>
<b>FOTOGRAFIAS .....</b>	<b>163</b>
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>174</b>

## **Tabelas**

I.1 - Comparação do café com os principais produtos de exportação - 1821-1850(percentagem) .....	16
I.2 - Exportações brasileiras de café por decênio - sacas de 60 Kg.....	18
I.3- Porcentagem da produção brasileira de café sobre a mundial.....	20
II.1-Exportação Goiana de gado 1889-1900.....	72
II.2-Goiás: População, Produção Agrícola e Pecuária Segundo região- 1920.....	77
II.3-Goiás: Municípios com maior produção Pecuária -1920..	77
II.4-Municípios com maior Produção Agrícola em Goiás-1920.	78
III.1-Distrito Eleitoral, Dec. 1272 de 1904.....	133
III.2-Arrecadação do Estado em 1929.....	138
III.3-Secretaria de Finanças - arrecadação - 1929.....	139
III.4-Coletorias - arrecadação - 1929 .....	140

## **Gráficos**

I.1- Comparação do café com os principais produtos de exportação - 1821 - 1850 (percentagem) .....	17
I.2- Exportações de café do Brasil por decênios-sacas de 60 kg.....	19
I.3- Porcentagem da produção brasileira de café sobre a mundial.....	21

## **INTRODUÇÃO**

Muito se tem produzido sobre o fenômeno político do coronelismo e suas diversas tipologias. Goiás já possui extensa bibliografia sobre o assunto que continua a despertar muito interesse nos especialistas em ciências sociais que em suas discussões procuram compreender sua problemática. Por outro lado, também se tem trabalhado bastante acerca de modernização e os diversos conceitos que a encerram. Historiadores e especialistas de outras áreas tem analisado o fenômeno com muita assiduidade. Mormente em relação a Goiás, já há uma vasta produção na forma de livros e teses universitárias que tratam do assunto. Porém quase não tem havido estudos com a preocupação maior em relacionar coronelismo e modernização. Aparecem, às vezes, os dois aspectos em um mesmo trabalho mas sem a preocupação de tê-los como objeto de estudo ou enfatizar as relações entre os dois assuntos.

O presente trabalho tem como objetivo principal mostrar a atuação dos políticos, fundamentalmente de Morrinhos, como arautos da modernização e que para isto possuíam uma posição política e econômica favorável para empreenderem esforços no sentido da concretização, pelo menos

de um início, do processo de modernização pelo qual passou o Estado de Goiás, nas décadas iniciais do século, destacando-se a região Sul-Sudeste-Sudoeste que empreenderam um grande esforço no sentido de alterar as estruturas econômicas deste Estado brasileiro.

Os grupos sulistas formados por coronéis e seus filhos, os **doutores**, apesar de fazerem parte dos partidos políticos das oligarquias, preocuparam-se com a modernização e avanço de práticas ditas progressistas com o intuito de estreitar mais as ligações com o sudeste do país e impulsionar o crescimento econômico do Estado.

Liderando este grupo, destacaram-se os Lopes de Moraes, família muito rica do sul de Goiás e que acabou por se estabelecer em Morrinhos, passando a exercer muita influência na política estadual. A ela se juntou um político oriundo da Capital, José Xavier de Almeida que através de casamento juntou-se ao clã.

O processo de mudanças nas estruturas políticas, sócio-econômicas e culturais em Goiás no século XIX e XX, esteve diretamente ligados a um contexto mais amplo de avanço do sistema capitalista mundial para o sudeste do Brasil e daí para o restante do país. Estas mudanças não se deram na forma de uma ruptura, mas foi resultado de um processo longo onde se desenvolveram contradições internas e mudanças sob o impacto do avanço do capital do sudeste e externo, para as novas fronteiras agrícolas que se abriam empurradas pela expansão das lavouras de São Paulo, Rio de Janeiro, Sul de Minas Gerais e pelo avanço da ferrovia da Companhia de Estrada de Ferro Goiás.

Pretende-se também com este trabalho ressaltar as mudanças processadas no interior do Estado de Goiás relacionando o avanço da economia do sudeste através das Frentes de Expansão e muito mais ainda com o avanço das

Frentes Pioneiras, segundo os conceitos que lhes dão José de Souza Martins<sup>1</sup>.

Há de se destacar ainda o impacto da economia nas mudanças que se processaram em nível político com a formação de um grupo com mentalidade modernizante, mesmo que integrantes dos quadros do setor politicamente dominante.

Procura-se ressaltar o papel modernizante adotado pelo setor mais **progressista** dos grupos dominantes da região Sul-Sudeste-Sudoeste, cujo grupo teve nos políticos da cidade de Morrinhos, os Lopes de Moraes, seus expoentes máximos.

Os Lopes de Moraes, mesmo integrando os partidos das oligarquias dos Bulhões e depois a dos Caiado, na maior parte do período adotaram uma postura seja em Goiás ou mesmo no cenário Federal - Câmara e Senado - em que primavam pela defesa da inserção do Estado no contexto da economia de mercado do sudeste e por conseguinte, no sistema capitalista internacional devido às intensas ligações da região com o capitalismo europeu e norte-americano.

Durante o período ora estudado ( 1889-1930 ), a hegemonia política em Goiás quase sempre esteve nas mãos dos grupos dominantes da capital do Estado: Oligarquia dos Bulhões e Caiado. Porém no início do século atual, num interregno entre o mandonismo das duas oligarquias - 1901-1912 - as contradições internas geraram dissidências no seio do regime coronelístico imperante na região. Neste contexto sobe ao poder José Xavier de Almeida, estranho à família da oligarquia dos Bulhões, porém seu antigo colaborador. No governo, logo buscou apoio em setores contrários à hegemonia da antiga oligarquia no poder desde o tempos do Império. Seu maior apoio

---

<sup>1</sup> O referido autor mostra em seus trabalhos o avanço do capital do sudeste gerando as chamadas Frentes de Expansão e as Frentes Pioneiras. As primeiras se caracterizam pelo avanço demográfico e ocupação de áreas devolutas que se transformam em zona de economia de excedente onde este é escoado para os mercados. Já as segundas, estabelecem uma ocupação e transformação da área numa economia dirigida diretamente para produzir de forma diferente: produção destinadas às zonas de maior consumo já com uma economia muito dinâmica.

partiu dos coronéis de Morrinhos, partidários de uma política com tendências para o liberalismo econômico e a modernização da Estado. Isto pode ser comprovado pelas ações constantes de políticos de Morrinhos como o próprio Coronel Hermenegildo Lopes de Moraes, o Dr. Hermenegildo Lopes de Moraes e o Dr. Alfredo Lopes de Moraes, os dois últimos, filhos do primeiro, o patriarca dos Moraes.

O grupo de Morrinhos, durante o governo Xavier de Almeida e Rocha Lima procurou estabelecer sua hegemonia no Estado com o fim de construir uma estrutura política que, apesar de possuir muito das práticas coronelísticas, acabou por adotar no Estado um conjunto de medidas alheias às práticas de até então. Na área federal insistiu na aquisição de recursos com o fim de modernizar Goiás e aumentar a produção e produtividade agrícola e pecuária - Estações de Monta, Patronato Agrícola, etc. Mesmo com a queda do Grupo Xavierista, em 1909, os Lopes de Moraes continuaram a defender a modernização do Estado e o desenvolvimento de sua potencialidade para ser capaz de competir com outros mercados.

A bibliografia estudada sobre o tema foi encontrada em obras historiográficas goianas e gerais sobre coronelismo e sobre modernização: Maria Augusta Sant'ana de Moraes (História de uma oligarquia: os Bulhões); Maria Luíza Araújo Rosa (Dos Bulhões aos Caiado); Joaquim Rosa (Por esse Goiás Afora); Barsanufo Gomides Borges (O Despertar dos Dormentes) e (Goiás: Modernização e Crise - 1920-1960); José de Souza Martins (Capitalismo e Tradicionalismo) entre outros.

Com referência a literatura produzida em Morrinhos foi de muita valia o livro da Profª. Zilda Diniz Fontes (Morrinhos: de capela a Cidade dos Pomares); artigo de Guilherme Xavier de Almeida (O Sobrado - Revista da VI Festa de Arte de Morrinhos).

Ainda lançou-se mão de fontes primárias como documentos da Coleitoria Estadual de Morrinhos, documentos de polícia, Delegacia Literária, instrução pública, documentos de arrecadação de impostos prediais e territoriais, fotografias de prédios e móveis, Relatórios do Governo Estadual e Mensagens ao Congresso Legislativo Estadual além de discursos do Senador Hermenegildo em: Em Prol de Goyaz e No Cumprimento do Dever.

O trabalho compõe-se de três capítulos. No primeiro procura-se mostrar o contexto nacional e a inserção do Brasil nos quadros do capitalismo internacional; a expansão das diversas "**Frentes**" do sudeste do país para o sul goiano; a diversidade de tipologias de coronelismo no território nacional e em Goiás e especialmente Morrinhos com coronéis "diferentes"; a formação do regime oligárquico no Estado. No segundo capítulo, procura-se destacar as dissidências e sua influência no processo lento de modernização, enfatizando a ascensão do Grupo Xavier de Almeida e sua derrota com o movimento de 1909. E por último, no terceiro capítulo analisa-se a postura política dos Caiado frente aos Morais de Morrinhos; o declínio da Oligarquia Caiado; e por fim os "ideais" dos Morais sendo concretizados pela Revolução de 1930.

## CAPÍTULO I

### GOIÁS NA PRIMEIRA REPÚBLICA

#### 1 - O Brasil na divisão internacional do trabalho

O cenário internacional, no período ora em estudo (1889-1930), foi marcado pelo avanço do sistema capitalista de produção englobando novas áreas e transformando-as em zonas integradas ao capitalismo europeu e norte-americano. Num ritmo como até então não se tinha visto o sistema capitalista mundial, numa voracidade sem limites submetia direta ou indiretamente amplas áreas do globo, mundializando a economia e criando amplos mercados consumidores, que deveriam funcionar como absorvedores dos produtos oriundos dos países industrializados e ao mesmo tempo se inseriam no sistema capitalista como fornecedoras de gêneros primários agrícolas e matérias-primas para os países dominantes. Por outro lado, percebe-se o avanço em nível regional, da especialização econômica das diversas regiões de um mesmo país numa divisão inter-regional de funções agropecuárias. Neste contexto é que o Estado de Goiás foi lentamente sendo submetido como área cada vez mais integrada à economia do sudeste do país, isto na medida em que se processava o avanço do setor econômico predominante do sudeste, o café e, na sua esteira, de forma secundária, a indústria. Um importante instrumento utilizado para a expansão do capital e integração do Estado de Goiás à economia do sudeste foi a construção da Estrada de Ferro Goiás.

As ferrovias, na segunda metade do século XIX, tiveram um papel de destaque na expansão desse capital e num processo maior de modernização dependente dos países da América Latina. Esta se integrou como área dominada e dependente dos países de indústria avançada, principalmente da Inglaterra através, em grande parte, deste meio de transporte revolucionário e eficaz, tornando economicamente viável a adoção da economia de mercado no território; aproximando assim a nova área à economia capitalista dominante numa situação de dependência estrutural do capitalismo dominante europeu e no final do século, também, dos Estados Unidos da América do Norte.

Após a afirmação do "novo pacto colonial" e, como resultado da expansão do capitalismo, os países latino-americanos são incorporados como economias dependentes das leis da economia de mercado.

No bojo da economia da América Latina, o Brasil se encontrava como área mais dependente e integrada ao sistema capitalista internacional na medida em que avançava a economia capitalista, mormente para o sudeste do país que se especializava como fornecedor de artigos primários para os mercados capitalistas centrais. Assim como os outros países da América Latina, se viu também como consumidor dos produtos manufaturados dos países metropolitanos.

A reorganização da economia mundial se deu com o avanço do capital imperialista, principalmente o inglês, secundado pelo norte-americano, que fazia com que agora "os produtos industrializados consumidos na América Latina não mais se limitavam àqueles consumidos outrora (têxteis e artigos domésticos). Os investimentos externos asseguravam uma entrada variável de bens produzidos pela nova indústria metalúrgica européia, principalmente para a edificação de

*obras de infra-estrutura urbana e a construção de estradas de ferro, advindas com a modernização.”<sup>1</sup>*

Agora, diferentemente dos séculos anteriores de avanço do capital, as áreas dependentes passaram a consumir não apenas mercadorias como forma básica, mas cada vez mais capital na forma de investimentos na infra-estrutura urbana como iluminação, sistemas de esgotos e outros serviços urbanos, além de construção de estradas de rodagem, ferrovias, etc.

Concomitantemente ao avanço do capitalismo, ele trazia a modernização das estruturas com novos valores gerando transformações em diversos aspectos da vida social e cultural como forma de solidificar a dominação econômica. A situação de dependência extrapolava o aspecto meramente econômico e se estendia aos costumes cotidianos. As regiões sob sua influência, mais do que nunca, procuraram imitar as metrópoles européias com a adoção das últimas novidades produzidas e importadas da Europa. A literatura brasileira da segunda metade do século XIX, principalmente a de José de Alencar e Machado de Assis, está permeada de exemplos que ilustram muito bem este contexto. É citada constantemente a Rua do Ouvidor, centro da Moda no Rio de Janeiro. Moda esta copiada de Paris e Londres, principais centros econômicos europeus. Desta forma, a dependência ia se dando em todos os níveis e tendia a ser total.

As transformações econômicas do final do século XVIII e primeira metade do século XIX fizeram com que o Brasil conhecesse um novo direcionamento de sua vida

---

<sup>1</sup> Cf. DONGHI, T. Halperin. **História da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. P. 128. In BORGES, Barsanufo Gomides. **O Despertar dos Dormentes**. Goiânia: Cegraf, 1990. P. 27 - 28.

econômica, acabando por criar novas condições favoráveis a sua inserção, numa escala maior na economia capitalista dominante. O declínio e esgotamento da extração aurífera engendrou novas atividades de produção a partir do final do século XVIII. A falta de outra fonte de riquezas levou à revitalização de outra atividade econômica que permaneceu por muito tempo em estado letárgico (durante o período do desenvolvimento da mineração). "Depois da grande fase de extração mineral e atividades induzidas, assistimos no Brasil a um movimento de retorno à terra, à atividade agro-exportadora. As regiões de Minas Gerais foram reconvertidas e afetadas à criação extensiva de gado. O açúcar volta parcialmente à antiga prosperidade e ocupa novas terras na Bahia e em São Paulo. No norte, no Maranhão, desenvolve-se a produção de arroz, que será durante um período muito curto o segundo produto de exportação do Brasil."<sup>2</sup>

Durante a fase de expansão da mineração, a agropecuária não desapareceu. Era uma atividade presente, mesmo sendo acessória a mineração, continuou a ter certa importância. Porém com o declínio da atividade mineradora, houve necessidade de uma intensificação das atividades agropastoris. As diversas regiões do Brasil, mesmo aquelas não ligadas diretamente à produção aurífera, procuraram desenvolver uma atividade ligada à pecuária e ou à agricultura.

Isso num momento em que os mercados internacionais, principalmente movidos pelo capital inglês, condicionaram às áreas dominadas o que deveriam produzir. Nesta esteira, desenvolveu-se também a produção de algodão que chega até aos sertões de Goiás. Porém o algodão produzido nos

---

<sup>2</sup> JÚNIOR, Caio Prado. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1984. P. 83. Apud DOWBER, Ladislau. **A Formação Do capitalismo dependente no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982. P.77

Estados Unidos acabou por suplantar a produção brasileira, desorganizando-a.<sup>3</sup> Durante o século XIX, Goiás ainda continuou a praticar a mineração, apesar que de forma muito esparsa. A produção aurífera por volta de 1820, segundo Maria Augusta, não atingia a uma arroba.<sup>4</sup> A produção pecuária extensiva foi a que funcionou como o sustentáculo de Goiás no século XIX devido as condições de Goiás: possuir muitas pastagens e pouca mão-de-obra.<sup>5</sup>

Mas em nível de Brasil, o grosso da produção para exportação veio com o café a partir do qual o país conheceu o produto que lhe possibilitou inserir-se nos mercados externos e na divisão internacional do trabalho como fornecedor de gêneros primários, principalmente ao da rubiácea para os países capitalistas dominantes.

TABELA I.1

**Comparação do café com os principais produtos de exportação  
1821-1850 (percentagem)**

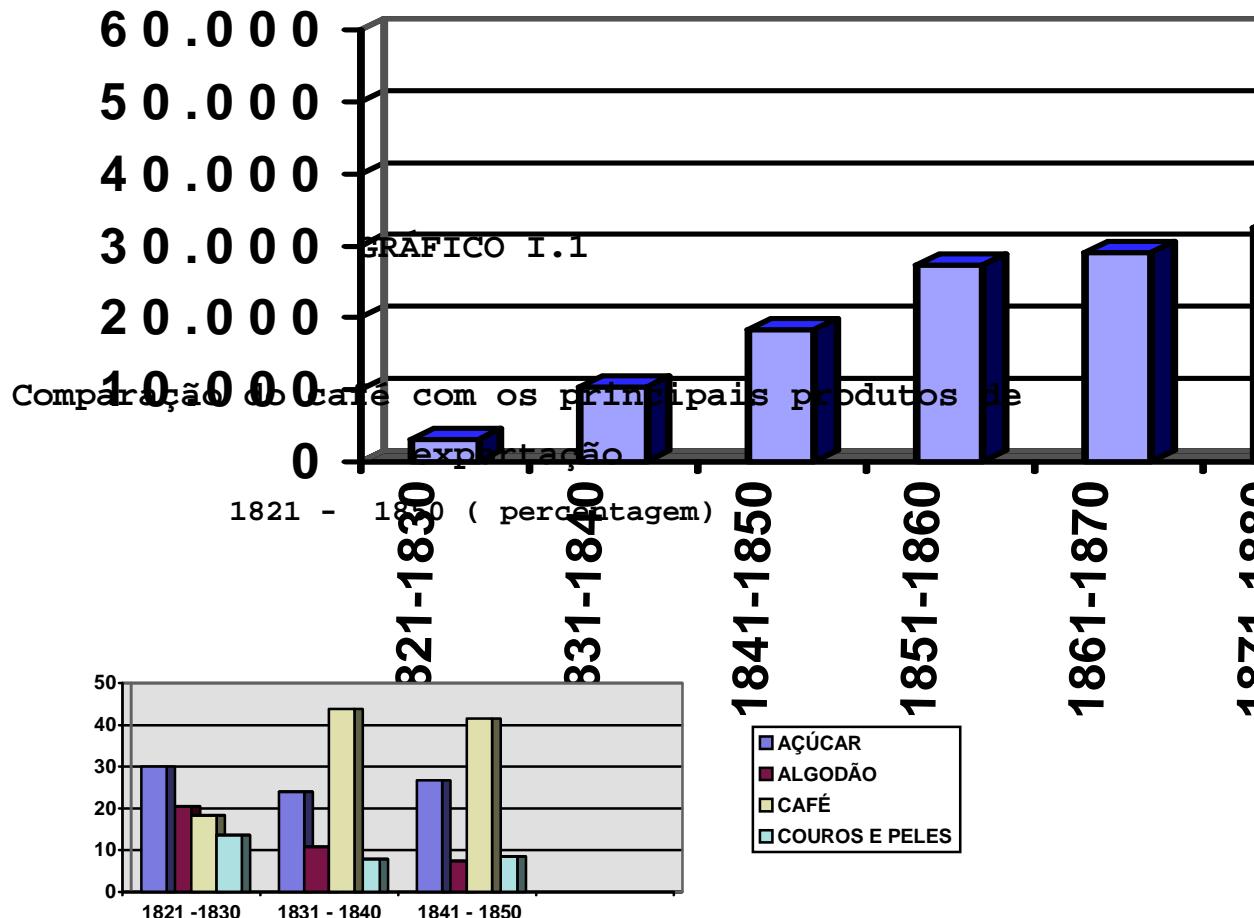
Produtos	1821-1830	1831	1840	1841 -1850
Açúcar	30,1%	24,0%		26,7%
Algodão	20,6%	10,8%		7,5%
Café	18,4%	43,8%		41,5%
Couros peles	13,6%	7,9%		8,5%

**FONTE:** SODRÉ, N. W. *História da Burguesia Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.P.78.Apud PINTO, Virgílio Noya. *Balanço das transformações Econômicas no Séc. XIX*. In Brasil em Perspectiva. São Paulo: Difel, 1984. P. 135.

<sup>3</sup> FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. P. 141.

<sup>4</sup> MORAES, Maria Augusta Sant'anna. *História de uma Oligarquia: Os Bulhões*. Goiânia: Oriente, 1974,p.27.

<sup>5</sup> Idem, p. 31.



FONTE: SODRÉ, N. W. *História da Burguesia Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. P.78. Apud PINTO, Virgílio Noya. *Balanço das transformações Econômicas no Séc. XIX. In Brasil em Perspectiva*. São Paulo: Difel, 1984. P. 135.

Pelos dados acima, na tabela I.1 e gráfico I.1, percebe-se que a partir do período 1831-840, o café passou a figurar na pauta de exportações brasileiras como o principal produto com quase metade do volume total - 41,5% seguido de longe pelo segundo colocado, o açúcar, com 26,7%. Nas décadas seguintes conhece um ligeiro declínio. Com o aumento das exportações deste novo produto foi possível a projeção de um ascendente grupo econômico, o dos cafeicultores que reivindicavam o poder político. A importância do produto continuou a crescer na Segunda metade do século XIX. Com a proclamação da república e a expansão das lavouras cafeeiras

num ritmo crescente e, como eco de sua expansão econômica deu-se a ascensão política de um novo grupo, o dos cafeicultores paulistas, principalmente os do Oeste Novo Paulista.

Estes já produziam adotando técnicas mais modernas de produção, ao subirem ao poder máximo da república. A partir daí, a prioridade na política de valorização do café foi a tônica na administração dos diversos governos da Primeira República.

#### TABELA I.2

---

**Exportações Brasileiras de Café por decênio - sacas de 60 Kg.**

---

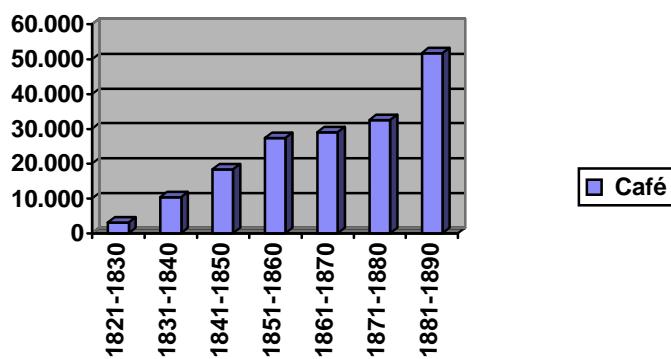
1821 - 1830	3.178
1831 - 1840	10.430
1841 - 1850	18.367
1851 - 1860	27.339
1861 - 1870	29.103
1871 - 1880	32.509
1881 - 1890	51.631

---

**FONTE:** JÚNIOR, Caio Prado. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1984..P.  
160.

### GRÁFICO I.2

**Exportações de café do Brasil por decênios-sacas de 60 kg.**



FONTE: JÚNIOR, Caio Prado. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1984. P. 160.

Percebe-se, pela tabela e gráfico acima, um volume ascendente nos quantitativos das exportações brasileiras de sacas de café que figura na pauta de exportações como principal produto e fonte de divisas para o crescimento econômico do país, diga-se, mais diretamente do sudeste, que se torna o centro de poder político e econômico do Brasil e vai estabelecendo relações de dominação sobre o restante do país numa divisão inter-regional do trabalho,

levando as áreas dependentes a uma especialização de produção em função de seus interesses econômicos e políticos. Com esta especialização da economia cafeeira, Goiás passa a produzir gêneros que o sudeste necessitava.

Além do aumento do volume da produção, nota-se que em nível mundial e, se colocando na divisão internacional do trabalho como produtor de café, o Brasil, fundamentalmente o Sudeste, passou a apresentar cifras cada vez mais altas em relação à produção total mundial. Houve apenas uma pequena estabilização dos quantitativos sobre a produção mundial entre 1860 e 1879. A partir de 1880, a produção ganha novamente um impulso constante que transpõe a virada do século. Observe a tabela e gráfico abaixo.

**TABELA I.3**

**Porcentagem da produção brasileira de café sobre a mundial**

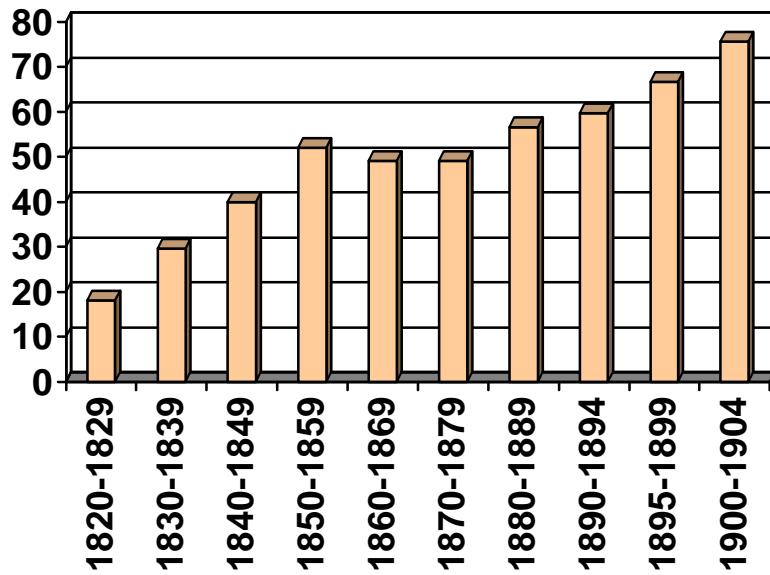
1820 – 1829	18,18%
1830 – 1839	29,70%
1840 – 1849	40,00%
1850 – 1859	52,09%
1860 – 1869	49,07%
1870 – 1879	49,09%
1880 – 1889	56,63%
1890 – 1894	59,70%
1895 – 1899	66,68%
1900 – 1904	75,64%

---

FONTE: H. Bastos. **A Marcha do Capitalismo no Brasil**. São Paulo: Livraria Martins Ed. 1944. P. 120. Apud PINTO, Virgílio Noya. **Balanço das Transformações Econômicas no Século XIX In** Brasil em Perspectiva. P. 139.

### GRÁFICO I.3

**Porcentagem da Produção brasileira de café sobre a produção mundial**  
**1820 - 1904**




---

FONTE: H. Bastos. *A Marcha do Capitalismo no Brasil*. São Paulo: Livraria Martins Ed. 1944. P. 120. Apud PINTO, Virgílio Noya. *Balanço das Transformações Econômicas no Século XIX In Brasil em Perspectiva*. P. 139.

Com o crescimento da atividade cafeicultora, os produtores paulistas fortaleceram-se politicamente e tiveram seus interesses defendidos pelo governo que adotou uma série

de medidas, inclusive, quando a produção extrapolava o consumo interno e externo, procurava restringir o plantio do produto. A fim de manter alto o preço de seu principal produto emitia papel moeda e fazia empréstimos internacionais para comprar a produção excedente e retirá-la de circulação, estocando-a, a fim de manter artificialmente alto seus preços; ou ainda controlando a taxa cambial numa política de desvalorização da moeda com o fim de estimular as exportações.

Assim o Brasil foi se inserindo na divisão internacional do trabalho através da ação dos grandes proprietários, como também do capital internacional, que reservava para o país o papel de fornecedor de um produto primário de que necessitava e a partir do qual pudesse auferir altos lucros e garantir a reprodução ampliada do capital, num processo de contínua acumulação capitalista ao explorar as zonas que iam se tornando mais e mais integradas e dependentes do capitalismo internacional.

Do Vale do Paraíba: partes do Rio de Janeiro e de São Paulo, as lavouras de café estenderam-se para o Oeste Novo Paulista. Acompanhando as lavouras que adentravam para o interior, muito em função da demanda internacional do produto que assim o exigia e estimulava a expansão dos plantios, ia um novo meio de transporte: as fumegantes locomotivas arrastando atrás de si seus vagões carregados de café com destino ao porto de Santos e daí para os mercados europeus e norte-americano.

Por outro lado, o avanço das lavouras se interiorizando só era possível devido à utilização deste revolucionário meio de transporte, que era muito mais barato e rápido, tornando mais competitivo o produto nos mercados internacionais. "No Segundo Reinado ampliaram-se as fronteiras agrícolas e a estrada de ferro tornou-se um fator

*imprescindível na ocupação de novas áreas pela economia agro-exportadora".<sup>6</sup>*

No período republicano continuou sua ampliação por quase todo o país atingindo o sul de Minas Gerais e com menor intensidade outras zonas do país. Segundo Borges, sem as ferrovias seria inviável a expansão das lavouras de café para o interior sem onerar muito o produto, pois até então a produção era transportada em lombos de burros por milhares de quilômetros quadrados sem onerar muito o preço do produto.<sup>7</sup>

Este instrumento da modernização - a estrada de ferro - serviu diretamente ao capital estrangeiro além de fortalecer as classes dominantes do sudeste.

A estrada de ferro possibilitou, assim, a definitiva ocupação de vastas áreas que se cobriram da lucrativa rubiácea, valorizando as terras, gerando um produto de ampla aceitação no mercado internacional e fortalecendo uma classe que procurava se atualizar adotando o novo instrumental de modernização na produção, que veio de encontro aos seus interesses econômicos e com ele, muito do ideário liberal dos países capitalistas dominantes, contanto que isto não significasse a perda de sua hegemonia interna.

Mais do que um avanço nos transportes, a ferrovia foi o elemento que possibilitou uma mudança qualitativa no "processo de organização produtiva do café, sendo o elemento da mudança de um sistema mercantil-escravocrata para uma organização capitalista de produção. Com tal mudança de processo, introduzia-se uma nova tecnologia que impunha novos agentes produtivos e novas relações de produção."<sup>8</sup>

<sup>6</sup> BORGES, Barsanufo Gomides. Op. Cit., P. 40.

<sup>7</sup> Ibid., P. 40.

<sup>8</sup> SPINDEL, Cheywar R. **Homens e Máquinas na Transição de uma Economia Cafeeira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. P. 42. Apud BORGES, Barsanufo Gomides. **O Despertar dos Dormentes**. Goiânia: Cegraf, 1980. p. 45.

A Expansão das lavouras de café engendrava transformações como a construção de troncos ferroviários até as áreas produtoras que trouxeram a modernização para a economia brasileira e ampliaram a integração do país à dinâmica da economia mundial.

Sob o aspecto econômico, novas práticas de produção foram adotadas, principalmente após o Oeste Novo Paulista se tornar a principal região produtora de café, superando a região das antigas lavouras já pouco produtivas e com as terras esgotadas do Vale do Paraíba. Novas técnicas de plantio foram adotadas introduzindo largamente o trabalho "livre" do trabalhador imigrante, além do dos ex-escravos e o restante da população trabalhadora. Várias foram as relações de trabalho que se estabeleceram com o avanço do capital e o fim da escravidão.

Segundo Ana Lúcia Silva, em Goiás, a extinção do trabalho escravo não significou o estabelecimento do trabalho assalariado, pois estabeleceu-se, de fato o regime de camaradagem<sup>9</sup> que segundo a autora definia um novo tipo de escravidão. Diz também que o salário não se tornava uma relação social, mas apenas contábil. Apesar do trabalho ser considerado assalariado, o camarada estava sempre em dívida com o proprietário e acabava tornando-se "sua gente"<sup>10</sup>

O Dr. Luís, em Morrinhos, na primeira metade do século XX percebia no município vários tipos de trabalhadores: "Os Proprietários de Morrinhos trabalhavam com os empregados no sistema de parceria um pouco diferente. O **retireiro**(grifo nosso) recebia um quarto da produção e tinham os outros empregados que mexiam com o serviço de roça, nas plantações,

<sup>9</sup> SILVA, Ana Lúcia. **A Revolução de 30 em Goiás**. Tese de doutoramento, USP, 1982, p.23. O regime de camaradagem se apresentava, segundo a autora como uma prática em que o Camarada era qualquer trabalhador que fizesse ajuste de trabalho com qualquer pessoa para a prestação de serviços em diversas atividades como pecuária, lavoura, empreitada de viagens e serviços domésticos.

<sup>10</sup> Idem, p.23.

*no sistema de arrendo. O sistema de trabalho é o que eu já relatei de retireiros e agregados. Agora na cidade as pessoas abastadas contratavam os serviços das pessoas chamadas camaradas por uma jornada de trabalho recebia um salário. Os camaradas comiam nas casas dos patrões. Os caixeiros das lojas moravam em casas próprias. Me lembro da loja de meu avô (Coronel Pedro Nunes da Silva) e do Coronel Pacifico de Amorim.*<sup>11</sup>

Pelo que se percebe, em Morrinhos, na zona rural existiram dois elementos básicos: os retireiros e os agregados. Os primeiros estabeleciam relações de trabalho com os proprietários em que ficavam com um quarto da produção enquanto os agregados trabalhavam com o sistema de arrendamento. No meio urbano ressalta-se a figura dos camaradas que eram assalariados por uma jornada de trabalho. Já os caixeiros estabeleciam relações mais próximas com os proprietários, inclusive, se fundindo com a família dos patrões ao se associarem nos negócios e casamento com as filhas dos proprietários.

Os dois coronéis citados acima, da condição de trabalhadores caixeiros da loja do Coronel Hermenegildo, tornarem-se seus sócios nas atividades comerciais e genros ao se casarem com suas enteadas e com isso, aliados políticos ao fazerem parte do grupo a exercer o controle político da região de rio Piracanjuba.

Os anos que vão de 1909 a 1912 foram de elevado crescimento dos lucros para a cafeicultura, no sudeste, possibilitando a acumulação de capitais nas mãos dos capitalistas nacionais de São Paulo e sul de Minas Gerais das regiões produtoras de café além, é claro, do capital externo. Mas foi nos anos 20 que se deu o auge da agricultura de

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida pelo Dr. Luís Nunes de Azeredo em 17/01/1996.

exportação, principalmente do café.<sup>12</sup> Para o estabelecimento da hegemonia deste segmento social, muito contribuiu o governo de São Paulo e mesmo o governo federal, controlado pelos interesses daquele Estado; Isto, em nível do Estado Brasileiro acentuou as desigualdades regionais.<sup>13</sup>

Esta política fomentou as condições vitais para o aumento em escala num ritmo mais intenso para a divisão do trabalho agrícola, no Brasil. Porém, o favorecimento dos interesses dos cafeicultores não se deu sem protestos dos representantes das áreas não beneficiadas diferentemente pela política protecionista do café. "Tinham razão os opositores do Congresso quando denunciaram o uso do crédito externo em benefício de São Paulo, enquanto o atendimento das outras regiões era esquecido."<sup>14</sup>

Ao lado da agricultura a industrialização do sudeste começou a desenvolver-se no período e estava estreitamente ligada ao crescimento da cultura cafeeira que forneceu excedentes de capitais para o impulso industrial. Além disso, a industrialização se beneficiou da ampliação dos mercados consumidores internos para os manufaturados, importante para o deslanchar do crescimento industrial e a modernização da economia que se tornou bem mais diversificada, porém, com a hegemonia do setor cafeeiro.

Ainda de acordo com Borges, ao contrário do capital cafeeiro que foi acumulado a partir das relações com o exterior, o capital industrial acumulou-se assentado na expansão dos mercados internos<sup>15</sup>. Além disso, ao expulsar um grande contingente populacional das áreas de ocupação da lavouras de café, este ocupa novas zonas do país ampliando

<sup>12</sup> FAUSTO, Boris. **Expansão do Café e Política Cafeeira**. In História Geral da Civilização Brasileira. Vol. 8, tomo III. São Paulo: Difel, 1985. P. 230.

<sup>13</sup> Idem. P. 223.

<sup>14</sup> Idem, P. 223.

<sup>15</sup> BORGES, Barsanufo Gomides. Op. Cit. P. 48.

assim os mercados consumidores do sudeste e fornecedores de produtos de seu interesse.

O avanço do capital hegemônico internacional trouxe um forte impacto sobre o país com o processo de modernização que se impôs nos diversos setores, como o social. As mudanças se deram mais fortemente no sudeste com o desenvolvimento da indústria e a rearticulação político-econômica dos diversos segmentos dos grupos dominantes com o intuito de serem hegemônicos internamente, pois em nível externo a dependência aumentava. A estrutura social sofreu mudanças com o avanço do capital e as transformações engendradas por ele com o fim de conseguir estabelecer-se e submeter as novas áreas ao seu campo de ação. Em confronto com a forma social oligárquica tradicional, lentamente vão se impondo algumas práticas liberais, apesar de que se restringindo ao nível econômico e ligado aos interesses relacionados aos mercados externos além do discurso liberal que vai se propagando, principalmente por parte dos setores dissidentes.

Apesar das classes dominantes serem oligárquicas, passaram a adotar muito do capitalismo hegemônico como técnicas mais modernas de produção, fundamentalmente. Aplicavam grande parte dos capitais auferidos com os lucros do café na aquisição de mais bens com o fim de produzirem mais lucros. Não obstante, a sociedade do sudeste ainda tinha uma predominância de práticas de sociedades ainda em processo de capitalização.

Assim garantiam uma certa concentração de capitais que quando não era usada para adquirir meios para aumentar a produção cafeeira, foram aplicadas na incipiente indústria oriunda ainda do II Reinado e intensificada com a expansão cafeeira, no período republicano.

O período ora em estudo, marcou o crescimento de uma incipiente indústria na região Centro-Sul do país devido

as condições propícias que possuía como centro intermediário de mercado de capitais do sistema financeiro internacional para a produção cafeicultora. Os resultados dos lucros eram distribuídos entre os bancos estrangeiros, na aplicação na cafeicultura e outra parte era investida na indústria<sup>16</sup>

Entretanto, o desenvolvimento industrial foi muito restrito até o final do período. De acordo com Paul Singer a economia se dividia até 1930 em dois setores básicos: aquele em que as pessoas não tinham acesso ao produto industrializado, e, portanto praticavam-se uma economia artesanal, não monetária onde as trocas se davam de produto por produto. O segundo setor compreende a zona de produção primário-exportadora como a do café e algodão entre outros produtos de menor importância. É neste setor que desenvolveu-se uma indústria incipiente ocupando um papel secundário em relação as atividades agro-exportadoras. Somente após 1930, foi possível desenvolver-se um terceiro setor onde foi possível haver o avanço da atividade industrial com hegemonia internamente. Segundo o mesmo autor, houve um conjunto de mudanças estruturais responsável pela "expansão do setor de mercado externo em detrimento do de subsistência, substituição do trabalho escravo pelo livre e urbanização - foi a criação de um mercado interno de certa significação, abastecido principalmente por produtos importados." <sup>17</sup>

No sudeste, fundamentalmente as classes dominadas compreendiam uma gama muito variada de tipos sociais, mas já em parte sendo exploradas sob regras capitalistas de produção mediadas pelo salário sob uma forma de pagamento em dinheiro que, muita das vezes, "nunca entrava no bolso". O capitalista infligia ao trabalhador livre uma série de maus tratos; freqüentemente devido a formas

<sup>16</sup> SINGER, Paul. **Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1986. p. 33 - 34.

<sup>17</sup> Idem, p. 44.

diversas de atitudes mentais oriundas de costumes praticados desde o período colonial na forma de tratamento dispensado ao trabalhador, sempre associado à figura do escravo negro; mesmo após a abolição da escravidão no país. Do grupo de trabalhadores, o *camarada* foi uma figura de destaque entre os diversos tipos "livres". Sempre estava endividado para com os coronéis, geralmente grandes proprietários de terras, e ficava sempre a sua mercê e um seu eterno dependente devido uma dívida sem fim contraída com o proprietário que, de acordo com sua vontade, ampliava a dívida numa escala cada vez maior<sup>18</sup>; além dos parceiros, dos agregados, dos arrendatários, dos pequenos e médios proprietários, que tendiam a desaparecer na medida em que avançava a economia monocultora cafeeira, expulsando-os para outras regiões como Minas Gerais e o sul de Goiás. Os trabalhadores da incipiente indústria, o proletariado urbano em formação, completava o quadro das classes dominadas. Assim, mesmo que oficialmente o trabalho fosse assalariado, na prática se apresentava sob uma gama variada de tipos de remuneração e relações de trabalho entre os donos do capital e os trabalhadores. Em linhas gerais, estas características estão presentes na realidade goiana.

Sob o ponto de vista político, a modernização e inserção do país nos mercados mundiais significou poucas mudanças na forma de condução do poder. Adota-se princípios do liberalismo, mais, no discurso e nas relações econômicas que se articulam com os mercados externos - adoção de política de valorização do café financiada com empréstimos externos - enquanto em relação às estruturas internas do país, a classe dominante se prima pelas práticas coronelísticas; mesmo que, às vezes, usando um discurso liberal, principalmente as oposições. Adota-se na prática uma política de congraçamentos, estabelece-se o "Pacto Oligárquico Coronelístico" com o fim de

---

<sup>18</sup> SILVA, ANA Lúcia da. **Revolução de 30 em Goiás**. Tese de Doutoramento. USP., 1982. P. 23.

manter o controle e hegemonia dos setores dominantes. A tônica seria a do mandonismo local, na figura dos coronéis da antiga Guarda Nacional que teve sua origem no Período Regencial (1831 - 1840). O mandonismo, porém, é anterior a este período, retrocedendo ao período colonial com a hegemonia social dos senhores de escravos e de latifúndios que constituíam o grupo dominante e formados por homens brancos. Assim, estabeleceu-se uma justaposição de práticas liberais no que se relaciona às atividades econômicas agro-exportadoras de caráter modernizante, na medida em que a economia se inseria nos mercados mundiais, com outras relações, em nível interno, nas estruturas sócio-econômicas, políticas e culturais de caráter tradicional que representava uma visão ainda não plenamente capitalista - mas lançando mão de muitas de suas práticas - baseando-se mais em antigas práticas do mandonismo local dos extratos sociais dominantes.

Enquanto se dava a subordinação econômica das áreas dependentes, o capital modernizante externo trazia elementos culturais das potências capitalistas e os transplantava para as novas áreas inseridas na economia de mercado. O crescimento urbano implementado, resultou na formação de diversos centros urbanos disseminadores, por excelência, de elementos culturais dos novos valores dominantes oriundos do exterior. Os valores culturais metropolitanos que desde o período colonial iam penetrando nas zonas dependentes, ganhavam impulso crescente, agora de uma forma mais agressiva sob a expansão do capital e sua ânsia de lucro e, por abarcar todo o mundo.

Segundo Rosa Luxemburgo, o capital na sua expansão procura abarcar áreas de economia natural e transformá-las em economia de mercado como afirma em seu trabalho, a Acumulação do Capital, citando o caso da Argélia no século XIX sendo transformada de uma organização tribal com

fortes laços de parentesco e propriedade coletiva em uma nova formação social sob a égide do capital.

Para isto teve que promover uma transformação profunda nas relações pré-capitalistas, transformando as relações sociais e econômicas, desagregando o anterior tipo de sociedade e implantando as novas relações capitalistas. Na nova sociedade instalada tudo se torna mercadoria e os antigos valores desaparecem com o avanço do capital.<sup>19</sup> Desta forma, as antigas bases sociais sobre as quais se erigiam as sociedades não capitalista e que agora acabam por serem englobadas pela economia de mercado, são desestruturadas e estabelecem-se novas formas de organização social condizente com os novos princípios dos dominadores.

Os novos valores culturais das sociedades dominantes são estabelecidos, sucumbindo as antigas relações sociais que cimentavam as sociedades das regiões onde outrora vivia-se sob uma forma não capitalista de organização. O trabalho assalariado se impõe como também a propriedade da terra passa a ser privada e se torna uma mercadoria como outra qualquer.

O final do século XIX, marcou o avanço da economia cafeeira no sudeste e isto gerou profundas mudanças nesta região, pois a modernização e divisão internacional do trabalho exigia uma reorganização das relações sócio-econômicas, políticas e culturais das áreas que se inseriam na economia de mercado. Por outro lado, a economia do sudeste exigia uma reordenação de suas relações com as diversas regiões brasileiras numa divisão inter-regional do trabalho. Estas regiões não compreendem somente uma área geográfica, diferenças sociais, políticas, culturais etnográficas, etc. Vão além; e se caracterizam pela especialização econômica e uma estrutura social específica exigida pelo avanço do

---

<sup>19</sup> LUXEMBURGO, Rosa. *A Acumulação do Capital*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. P. 317 - 333.

capital internacional e por extensão ao das regiões já há mais tempo integradas às relações do capital hegemônico mundial.

De acordo com Francisco de Oliveira "[...]privilegia-se um conceito de região que se fundamente na especificidade da reprodução do capital, nas formas que o processo de acumulação assume, na estrutura de classes peculiar a essas formas e, portanto, também nas formas da luta de classes e do conflito social em escala mais geral"<sup>20</sup>

Segundo o mesmo autor, o capitalismo tende a homogeneizar as regiões dentro dos países capitalistas dominantes. Porém em relação às áreas dependentes vai estabelecendo práticas que levam à impossibilidade de homogeneização, sujeitando todas as regiões à especialização de funções de acordo com os interesses do capital hegemônico.<sup>21</sup>

O avanço da economia capitalista, segundo José de Souza Martins se deu através das "Frentes Pioneiras". Porém, as vezes as "Frentes de Expansão" antecederam às "Frentes Pioneiras". As vezes ocorriam simultaneamente.

Goiás entra num processo de modernização e maior integração ao contexto nacional, e mesmo internacional a partir deste processo de ocupação e dinamização de sua vida, ao se inserir na economia de mercado do sudeste, principalmente com o avanço da ferrovia, e como área dependente e integrada mais ainda do que quando estava sob a ocupação das frentes de expansão e ou da economia de excedente.

Com mais intensidade passa a fazer parte de um conjunto maior da economia nacional e cada vez mais, da economia mundial. Fornecia gêneros agrícolas e comprava manufaturados que, na sua grande maioria, provinham dos países capitalistas dominantes e industrializados da Europa e também

<sup>20</sup> OLIVEIRA, Francisco. **Elegia para um Re(lí)gião**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977. p. 27-28.

<sup>21</sup> Idem, P.27

dos Estados Unidos para o sudeste do Brasil. Desta forma o conceito de periferia do capitalismo para Goiás, no período, ou de periferia da periferia, nos dizeres de Ana Lúcia Silva em sua tese "A Revolução de 30 em Goiás"<sup>22</sup>, não tem sentido, pois pressupõe algo às margens e não como um todo se integrando cada vez mais ao mercados capitalistas. Esta integração foi, a princípio, de forma tênue com a economia de excedente, e depois com a fronteira agrícola num ritmo crescente, o Estado foi sendo transformado numa economia de mercado expressivo e em plena articulação com as regiões mais dinâmicas da economia capitalista.

## **2- Goiás e Modernização: as "Frentes de Expansão" e "Pioneiras"**

Na passagem do século XIX ao XX, Goiás era uma região que ainda estava em sua maior parte em processo de integração à economia de mercado numa divisão inter-regional do trabalho. Era fundamentalmente uma região que tinha um processo de crescimento econômico que José de Sousa Martins denomina como uma área de "economia de excedente", pois já produz algum excedente que assume valor de troca no mercado e não apenas de uso.<sup>23</sup> É uma região de expansão demográfica dos excedentes populacionais do sudeste cafeicultor e se configurava como zona de fronteira econômica. Aquela já era fornecedora de alguns excedentes.

Segundo o mesmo autor nem sempre a frente de expansão se dava antecedendo à frente pioneira. Acontecia de ambas se darem simultaneamente. Em Goiás isto ocorreu quando muitas áreas estavam sendo ocupadas. Encontram-se

---

<sup>22</sup> SILVA, Ana Lúcia. Op. Cit., P.01-02.

características das duas "frentes". "A Frente de Expansão está integrada na formação capitalista". Porém, somente com o avanço da frente pioneira se dá "a incorporação de novas regiões pela economia de mercado".<sup>24</sup> De acordo com o mesmo autor, a frente pioneira é resultado do avanço do capital que necessita ampliar-se continuamente. Nesta fase, o capital das primitivas áreas de fronteiras econômicas expandem-se para as novas frentes pioneiras.<sup>25</sup> Transformam-se profundamente as relações sociais com a implementação de empreendimentos capitalistas visando à produção fundamentalmente para os mercados. Nesta nova realidade, as práticas capitalistas imperam, inclusive, tornando a terra uma mercadoria como qualquer outra do mercado. Novas regras se estabelecem de acordo com as necessidades do sistema capitalista para reproduzir-se em suas condições objetivas.

Neste contexto, estabelece-se uma economia em Goiás que se estreita mais através de uma maior ligação com o sudeste. Ao contrário do período anterior em que havia apenas reduzida exportação de gado e um pequeno comércio, se visto o Estado na sua globalidade; agora estabelece-se um estreitamento e intensificação das relações através das "frentes pioneiras" quando o Estado se coloca numa posição de dependência estrutural como fornecedor de gêneros agrícolas e da pecuária; avançando as relações capitalistas e sendo englobado pelo capital, no quadro nacional da divisão regional do trabalho produzindo gêneros primários para exportação rumo ao sudeste, zona mais capitalizada do país.

Até a virada do século, a economia goiana era muito restrita, com baixa produção e produtividade. Isto tanto no setor agrícola, como na pecuária. Esta última era a atividade que garantia alguma receita para o Estado.

<sup>23</sup> MARTINS, José de Souza. *Capitalismo e Tradicionalismo*. São Paulo: Pioneira, 1975, p. 45.

<sup>24</sup> Idem, p. 46.

<sup>25</sup> Idem, p. 47.

Antecedendo às frentes pioneiras, o período era de carência de meios de transportes eficientes que estimulasse o crescimento econômico. O gado, porém, se auto-transportava para os mercados do Triângulo Mineiro e São Paulo e desta forma representou o maior peso nas exportações e fornecimento de divisas para o Estado que tinha na arrecadação de impostos deste produto, os meios mínimos para manter a máquina estatal funcionando.

Nas décadas iniciais do século XX, a fronteira agrícola avança no sul do Estado, favorecida pelos meios de transportes, primeiramente o da ferrovia e posteriormente com a construção de uma malha rodoviária ligando o sudeste e sul com o sudoeste e o Mato Grosso goiano. A partir daí a economia dinamiza-se muito gerando um volume ascendente de produtos destinados aos mercados do sudeste. A ferrovia foi o meio empregado para o escoamento da produção crescente de mercadorias, principalmente do sudeste e sul de Goiás,<sup>26</sup> áreas primeiramente ocupadas pelas frentes de expansão e frente pioneira devido a sua localização geográfica ser estrategicamente próxima do sudeste.

Com um rápido movimento nas frentes pioneiras, ocorre um aumento expressivo da economia dinamizando amplas áreas que se tornam produtoras para os mercados do sudeste. Este aumento pode ser percebido através da arrecadação estadual, como escreveu o Senador Federal por Goiás, Hermenegildo Lopes de Moraes, político oriundo de Morrinhos e defensor de ideais de modernização do Estado.

*"Em 1915, anno em que iniciou o trafego, no Estado, a Estrada de Ferro de Goyaz, toda a exportação do Estado importou no valor de 5.127:475\$020, tendo pago de impostos réis 494:267\$338.*

<sup>26</sup> Recenseamento do Brasil. 1920. IBGE.

Neste anno, o valor das mercadorias exportadas por intermedio da estrada montou a 707:000\$, tendo as mesmas pago 95:749\$711, de impostos.

Em 1922 o valor da exportação total do Estado se elevou a 13.075:765\$, tendo sido arrecadados 1.207:814\$423, de impostos sobre a mesma. O Valor das mercadorias exportadas pela estrada elevou-se a 7.787:479\$160,e pagaram de impostos 550:723\$354.

Em oito annos, pois sem ter havido quasi augmento (arc.)de taxa, e tendo a estrada em trafego apenas 236 kilometros, no território do Estado, o valor da exportação, só pela estrada passou de 707:000\$ a 7.787:479\$160, sendo o augmento de 919%!".<sup>27</sup>

Pelos dados acima, percebe-se a importância da ferrovia para Goiás. Em 1922, a estrada de ferro já era responsável por quase metade da arrecadação total de impostos do Estado. Isto porque além de transportar um volume maior de mercadorias, diferentemente dos antigos carros de bois, também estimulou o crescimento da economia goiana, mormente a agricultura na região sul e sudoeste, que por sua vez exportava sua produção para o sudeste do Brasil.

O referido Senador era filho do Coronel Hermenegildo Lopes de Moraes considerado um dos homens mais ricos e importante político do sul de Goiás em seu tempo. O Senador foi um ardoroso defensor da expansão da estrada de ferro pelo Estado. Em diversos de seus discursos, como o trecho acima mencionado, sempre está a defender exaltar a ferrovia como um meio de desenvolver o Estado. Também defendia

---

<sup>27</sup> MORAES, Hermenegildo Lopes de. **No Cumprimento do Dever**. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1924.p.4.

a adoção de outras atividades que visavam a modernização da economia goiana.

Mesmo estando entrosado com as oligarquias dominantes do Estado, divergiu destas em vários aspectos como as continuas defesas da modernização do Estado e sua inserção de forma mais efetiva na economia de mercado. Assim, sua postura retrata bem a defesa do processo de expansão daquilo que José de Souza Martins denomina de "frentes de expansão".

Ao detectar-se a defesa de tal política no sul de Goiás, pode-se estabelecer uma comparação do coronelismo de Morrinhos e região representado pelos Lopes de Moraes e o sul-sudeste de Goiás com as práticas adotadas pelas oligarquias encasteladas no poder estadual desde o final do Império. Para isso é necessário ter-se uma visão da diversidade de características que o coronelismo assumiu em várias áreas do Brasil e em Goiás.

### **3- O coronelismo e diversidade**

A ordem política já no século XIX, no I Reinado, estabelecida pela Constituição de 1824, concentrava o poder nas mãos de uma minoria que votava e era votada a partir do critério da renda, ou seja, eram censitários aos direitos políticos e participavam do jogo político somente àqueles que possuíam altas rendas. Assim o poder era exercido pela aristocracia com o revezamento de seus grupos políticos no poder.

Com o advento da república, o direito de voto se estendeu a todos os homens alfabetizados que por sua vez eram sempre brancos e pequenos proprietários rurais, profissionais liberais, funcionários públicos, artífices e vendeiros.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> QUEIROZ , Maria Isaura P. Op. Cit. p.162.

Devido o analfabetismo ser muito grande, o número de eleitores quase não teve aumento.

Com raízes no período Regencial, ainda no século XIX, na formação da Guarda Nacional, uma força armada paralela, ou até mesmo com raízes mais antigas segundo Maria Isaura P. de Queiroz o mandonismo local<sup>29</sup> se configurou como uma das características do coronelismo, formação político-social assumida pela organização da sociedade brasileira desde o século XIX; e alcançou sua plena estruturação na Primeira República (1889-1930).

O Coronelismo, em nível de Brasil, se efetivou plenamente com a política baseada no Pacto oligárquico-coronelístico, muito bem ilustrada por Fernando Henrique Cardoso ao mostrar que com Campos Sales se deu o apaziguamento nos Estados através de sua autonomia local frente ao governo central em troca do apoio ao governo federal. Este deu maior autonomia para os executivos dos Estados e Municípios controlados pelas "maiorias" constituídas dos setores dominantes locais. Para o legislativo ficava apenas a função de apoiar as decisões do executivo. Este arranjo político denominado "Pacto Oligárquico" garantiu o predomínio das facções oligárquicas hegemônicas nos diversos Estados<sup>30</sup>.

Os eleitores subordinados a um coronel, fornecendo votos para seus candidatos, possuíam uma situação relativamente calma se o chefe era do partido da situação. Quando se dava o caso de ser o contrário, estavam sujeitos a

<sup>29</sup> QUEIROZ, Maria Isaura P. **O mandonismo Local na Vida Política Brasileira.** São Paulo: Alfa-Ômega, s.d. p.33-46.

<sup>30</sup> CARDOSO, F. H. **Estrutura de poder e Economia.** O Estado Oligárquico nos Primeiros anos da República, In **Historia Geral da civilização Brasileira** de Boris Fausto , tomo III , Vol. 1 "o Brasil Republicano". São Paulo:Difel,1975.pags.47-48.

represálias por parte dos coronéis da situação e, não raro, se viam como "bucha de canhão" nas disputas locais.

Esta forma de poder estabeleceu-se a partir de toda uma situação sócio-econômica, política e cultural favorável e intrinsecamente relacionada no contexto da época. Quando as condições históricas sofreram mudanças quantitativas e qualitativas mais profundas, ocorreu o arrefecimento de suas práticas plenamente caracterizadas como tal.

Com a crise mundial da década de 20 e o advento do movimento denominado de Revolução de 30, esta formação sofreu um forte abalo em seus alicerces. Porém ainda hoje é possível constatar-se muito das práticas e características políticas inerentes ao coronelismo. As persistências ainda hoje estão presentes, não oficialmente, mas com roupagens um pouco diferentes. Isto é perceptível ao observarmos as relações político-sociais nos diversos municípios brasileiros.

Não se pode conceber o coronelismo como algo homogêneo para toda a extensão do país e mesmo em nível regional. Ele assumiu uma gama muito variada de formas e matizes com características peculiares nas diversas regiões do território nacional.

Quanto às tipologias de coronelismo é fundamental destacar que houve uma grande variedade de características de acordo com a região e condições históricas. Vários especialistas o conceituam ao estudarem a realidade de diversas regiões brasileiras.

Clássicos como Nunes Leal, Maria Isaura P. de Queiroz, Pang, Blondel e Itami Campos entre outros dão uma série de características para o fenômeno coronelístico.

Victor Nunes Leal, em sua obra clássica, "Coronelismo, Enxada e Voto" destaca o fenômeno como resultante da diferença entre a superposição de uma estrutura

política atrelado ao poder de proprietários, principalmente ao "senhores de terras" em franca decadência social. O resultado da interferência do privado resulta em entre outras características, "o mandonismo local, o filhotismo, o falseamento do voto, a desorganização dos serviços públicos locais."<sup>31</sup>

De acordo com Maria Isaura P. de Queiroz, ao se estudar o coronelismo regional é necessário observar que tipo de chefia existe: se diretamente no grau de mando, se médio ou no inferior quanto à escala de poder.<sup>32</sup> Para a autora o coronelismo seria o estabelecimento de uma escala na forma de pirâmide em que o poder econômico e político estão interligados. Neste esquema, sob o ponto de vista estritamente político, o coronel representa o extrato médio entre o poder central regional de estadual com as massas que votam.<sup>33</sup>

Assim, como elemento intermediário, o coronel seria um elemento chave no sistema político vigente. Daí sua importância, poder e impunidade que as instituições oficiais acabavam legalizando na prática.

Quanto às bases do poder no coronelismo eram diversas. Fundamentalmente se dava, segundo Queiroz, através da posse de bens de fortuna que originavam-se na herança, casamento e comércio. Porém, além destes fatores ainda era essencial que o indivíduo, o chefe, possuísse o carisma que ao lado do poder econômico e ou o apoio de sua parentela, tornava possível o exercício do poder nos diversos níveis que conseguisse alcançar.<sup>34</sup>

Às vezes, mesmo não possuindo uma parentela, era possível exercer o poder de mando, na medida que

<sup>31</sup> LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1993, p. 20-21.

<sup>32</sup> QUEIROZ ,Maria Isaura P. **Política, Ascensão e Liderança num povoado** . São Paulo: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 1968.

<sup>33</sup> QUEIROZ, Maria Isaura P.O **Mandonismo Local na Vida Política Brasileira**. São Paulo: Alfa-Ômega, s.d. p.268.

<sup>34</sup> Idem. p. 162.

conseguisse os bens de fortuna e tivesse o “**carisma**” (grifo nosso) bem como a aliança que fizesse com outros coronéis e mantivesse influência sobre o eleitorado. Desta forma, tornar-se um chefe poderoso, a exemplo de Delmiro Gouveia, no nordeste, que conseguiu partindo de origem modesta como mascate, tornar-se um grande industrial, em Alagoas, e a influenciar nos destinos da região, desbancando antigos coronéis do poder regional, o que despertou muitas intrigas, conflitos e por fim até o seu assassinato, em 1917, por um capanga a mando dos chefes políticos rivais.<sup>35</sup>

Pang, concorda com a autora acima mencionada no tocante ao esquema do coronelismo se dar pela posição de intermediário do coronel no esquema da pirâmide. O chefe local representa o elo fundamental para todo o esquema ao controlar as massas votantes. Caso esta peça chave se rompa, o sistema entre em processo de declínio.<sup>36</sup>

J. Blondel ao estudar o coronelismo na Paraíba definiu o coronel pelo poder político ao dominar uma grande quantidade de eleitores. detectou várias características quanto a estrutura geral da forma de poder baseada no esquema seguinte: “[. . .] se apresenta hierarquizada em três níveis: os coronéis, abaixo deles, os cabos eleitorais e, na base os eleitores.”<sup>37</sup>

Ainda de acordo com o mesmo autor, o coronel detém o poder de mando pessoal e dominação utilizando-se de cabos eleitorais que por sua vez passam as ordens de como votar, aos eleitores no dia da eleição. Por outro lado, o

<sup>35</sup> MOTA, Mauro **Quem foi Delmiro Gouveia?** São Paulo, Arquimedes Edições, 1967. p.37 - 38.

<sup>36</sup> Pang, E. **The Politics of Coronelism in Brazil: The Case of Bahia**, 1889-1930. University of California, Berkeley, 1970, p. 7.

<sup>37</sup> BLONDEL, J. **As Condições da vida política no Estado da Paraíba**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1957, Apud QUEIROZ, M. Isaura. P. O **Coronelismo numa interpretação sociológica In História da Civilização Brasileira**, sob direção de Boris Fausto, tomo III, 1º vol. O Brasil Republicano. São Paulo: Difel, 1975. P. 155-158

chefe político domina os chefes menores que por sua vez, controlam o eleitorado. Há ainda os casos em que cada membro da família domina uma área. Nesta situação, a dominação é mais aristocrática do que monárquica.<sup>38</sup>

Itami Campos, ao estudar o Coronelismo em Goiás segue a trilha dos autores mencionados acima, caracterizando-o com base fundamentalmente política num arranjo baseado no tripé: "Chefia política municipal, situacionismo estadual e governo federal - habilmente coordenados pela política dos governadores. Cada um destes parceiros vai ser co-responsável pelo funcionamento do sistema".<sup>39</sup>

As características fundamentais do coronelismo são, assim, a barganha, ou seja, a troca de favores em nível local entre um coronel e seus subordinados, seja do local com o estadual, na manutenção das oligarquias ou ainda a troca de favores que se dava entre as oligarquias hegemônicas dos Estados e as que controlavam o poder federal.

Campos se reportando a Love (1975) mostra que houve uma tipologia de coronéis: "o coronel gaúcho como distinto dos coronéis de outros Estados." Os coronéis do Rio Grande do Sul estariam inseridos numa estrutura burocrática que tolhia sua liberdade se comparado a coronéis de outras partes do Brasil onde supostamente havia maior autonomia para os chefes políticos locais.<sup>40</sup>

O mesmo autor, (1987) ressalta o caso de coronéis como Horácio de Mattos, do sertão da Bahia, que possuía tanta autonomia que não havia necessidade de intermediação do governo estadual para ele comunicar-se com o governo central; eliminando assim, na região, a necessidade da

<sup>38</sup> Blondel, Jean. **As Condições de Vida Política No Estado da Paraíba**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1957, p. 59-62 in QUEIROZ, M. Isaura. P. O Coronelismo numa interpretação sociológica In **História da Civilização Brasileira**, sob direção de Boris Fausto, tomo III, 1º vol. O Brasil Republicano. São Paulo: Difel, 1975. p. 161-162.

<sup>39</sup> CAMPOS, F. Itami. **Coronelismo em Goiás**. Goiânia: UFG- Editora, 1987, p.19.

política dos governadores em relação ao governo central. Porém isto não se deu em todo o país. Na maioria dos estados, os coronéis sujeitavam-se às estruturas partidárias .<sup>41</sup>

Campos, citando Pang, mostra que Horácio de Mattos era o típico coronel “pré-político”(Grifo nosso) que tinha poder inconteste na região e era reconhecido até pelos políticos locais e mesmo pelo governo estadual. Tinha acesso direto ao governo Central. Este típico coronel foi a tônica na Bahia e predominante até por volta de 1920 <sup>42</sup>.

Quanto aos coronéis de Goiás, segundo Campos, não se enquadravam nesta tipologia do coronel independente como Horácio de Mattos e nem do coronel gaúcho burocrático. Ainda mais devido ao fortalecimento da estrutura partidária nas mãos dos Bulhões. A exceção foi para os políticos de Morrinhos que, de acordo com Joaquim Rosa, sustentavam o penacho de independentes.

Isto devido à importância política e econômica desfrutada pelos Lopes de Moraes, no sul do Estado, desde o tempo do Coronel Hermenegildo Lopes de Moraes. Porém eram “aliados dos Bulhões” que por sua vez controlavam a estrutura partidária. Já na década de 20 era visível a redução de sua influência.

Não se pode conceber o Coronelismo como um fenômeno basicamente político; pois existe uma riqueza muito grande de tipologias para todo o país com uma variedade muito grande de nuances de uma área para outro dentro do país e mesmo dentro de uma Região apresentando traços mais ou menos uniformes dentro de determinados parâmetros comuns. Porém com especificidades.

<sup>40</sup> Idem. p.49.

<sup>41</sup> CAMPOS, F. Itami.Op. cit. p.50.

<sup>42</sup> PANG, Eul Soo. *The Politics of Coronelismo in Brasil: The case of Bahia (1889-1930)*. Berkeley: University of California,1970.Tese. P. 10. Apud CAMPOS, Itami. Coronelismo em Goiás.

A Região Sul-Sudeste de Goiás, por exemplo, tem mostrado ser um caso específico no contexto do "Sistema Coronelístico". É possível detectar nela muitas variações do Coronelismo regional pois a realidade mostra o aspecto econômico modernizante exercendo muita influência e dando conotações diferentes para que o fenômeno ganhasse uma forma específica. As posturas, mormente de defesa de uma economia e mesmo administração foram um tanto diferentes de outras áreas do Estado.

Tendo como centro a cidade de Morrinhos, a região Sul-Sudeste vai apresentar uma organização política advindo muito do poder econômico construído desde os finais do século XIX, com O Cel. Hermenegildo Lopes de Moraes, estabelecido na cidade desde a década de 1880.

Quando se estabeleceu na localidade vindo de Santa Rita do Paranaíba já possuía enorme fortuna pessoal acumulada com o comércio desde a Guerra do Paraguai. Abastecia o exército com várias mercadorias, principalmente o sal. Na virada do século suas posses aumentam com o comércio pelo Centro-Sul de Goiás e pela prática da usura. Várias caixas de metal existente na antiga residência atestam a prática que se tornou mais comum na vida econômica do Coronel.<sup>43</sup>

Na região era qualificado pelo fisco como exercendo a profissão de capitalista como consta de vários documentos de arrecadação da Coletoria Estadual de Morrinhos. Tudo leva a crer que isto devido a larga utilização da prática adotada de emprestar dinheiro a juros mais do que a prática do comércio, pois também era o **maior comerciante da região** e tornou-se um dos maiores proprietários de terras do sul goiano. Seus filhos também, os doutores, tornaram-se enormes

---

<sup>43</sup> FONTES, Zilda Diniz. **Morrinhos - De Capela à Cidade dos Pomares**. Goiânia: Oriente, 1980, p. 37-38.

proprietário fundiários<sup>44</sup>. Em numerosos documentos oficiais da Coletoria Estadual de Goiás, relativos a Cidade de Morrinhos, o primeiro aparece como o único capitalista e pagando impostos sobre dinheiro a juros.<sup>45</sup>

O poder econômico do potentado era tamanho que, segundo Guilherme Xavier de Almeida, os Bulhões vinham consultá-lo quando da necessidade de tomar medidas de maior ressonância nos destinos do Estado. A exemplo, a escolha dos representantes à formação da Assembléia Nacional Constituinte para elaboração da primeira constituição da República.<sup>46</sup> No capítulo seguinte será discutido com mais verticalidade este aspecto.

Assim vemos um caso em que o poder político e o econômico exerceram controle social sobre a massa de votantes. Nas atas das diversas sessões eleitorais, havia praticamente uma unanimidade de votos no coronel, candidato como vice-presidente às eleições. Também nos candidatos aliados, o mesmo ocorria. As vezes, numa mesma seção eleitoral, havia 103 votos coletados enquanto 84 eleitores "não compareceram às eleições".<sup>47</sup> Certamente os ausentes eram desafetos dos donos do poder local. O Poder econômico estava permeando as relações

<sup>44</sup> Censo de 1920, IBGE. Os Lopes de Moraes, neste censo são destacados como proprietários de muitas fazendas no sul de Goiás, principalmente em Morrinhos.

<sup>45</sup> Arquivo Histórico Estadual. Cópia de alistamento Eleitoral do Município de Morrinhos no ano de 1896. Caixa n.º 5. O Cel. Aparece como o único capitalista. Ver também Arquivo Histórico Estadual Cx. N.º 4. Ata da Eleição à Assembléia Constituinte do Estado em 31/01/1891. Aparece como capitalista encabeçando a lista como um dos mais votados. Como dos mais votados aparece políticos do sudeste como Catalão na pessoa de Ricardo Paranhos, Cel Francisco de Paula Gonzaga de St.ª Cruz, Capitão André Gaudé de Corumbá. Também aparece o nome do Capitão Francisco Joaquim Marques de Pouso Alto (atual Piracanjuba) no sul de Goiás.

<sup>46</sup> ALMEIDA, Guilherme Xavier de. **O Sobrado** - revista da VI festa de arte de Morrinhos, 1970. P. 55

<sup>47</sup> Arquivo Histórico do Estado. Actas da 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> seção de Morrinhos da eleição para Presidente e vice-presidente do Estado em 1901. Cx. N.º 06 - Morrinhos.

políticas e era uma das bases de poder dos coronéis de Morrinhos e dos doutores, seus filhos.

O caráter empreendedor do Coronel Hermenegildo Lopes de Moraes e seus intensos contatos com o Triângulo Mineiro, São Paulo e Rio de Janeiro (era membro do Tribunal de Comércio do Rio de Janeiro)<sup>48</sup> o fizeram um defensor de maior ligação comercial de Goiás com o sudeste e portanto de inserção do Estado na economia de mercado.

Seus descendentes continuaram a defender uma maior ligação comercial e intensificação da fusão da economia goiana com o sudeste já em plena economia de mercado.

Porém na década de 20 acentua-se a redução do prestígio dos Moraes. Em 1925, o jornalista Joaquim Rosa presenciou a passagem da coluna dos Caiado por Morrinhos e que exigia a contribuição de uma cota de homens para perseguir a Coluna Prestes. Apesar de certa resistência, o Dr. Alfredo de Moraes atendeu à solicitação.<sup>49</sup> Ele era já o chefe máximo do clã dos Moraes, em substituição ao irmão Hermenegildo que falecera naquele ano.

Na época era intendente municipal Raul Nunes (primo de Alfredo), um dentre os vários filhos do Cel. Pedro Nunes a exercer cargos municipais. A respeito do episódio de resistência às ordens de Totó Caiado: "Ele passou aqui e foi lá em casa. Agora ele foi lá para meu tio Raul fornecer... para a Prefeitura fornecer arroz, feijão, essas coisas e o tio Raul falou que não ia fornecer coisíssima alguma. A prefeitura não tinha condições de fornecer. Ela não tinha mantimentos, que pudesse fornecer, não é?"<sup>50</sup>

Mesmo assim, com a alcunha de independentes, os coronéis de Morrinhos faziam parte do Partido da oligarquia

<sup>48</sup> Arquivo Histórico Estadual. Caixa 5 – Morrinhos. Documentos de Coletoria.

<sup>49</sup> CAMPOS, Francisco Itami. **O Coronelismo em Goiás**. Goiânia, Cegraf, 1987.p.

<sup>50</sup>

<sup>50</sup> Entrevista concedida pelo Dr. Luiz Nunes de Azeredo, neto do coronel Pedro Nunes e sobrinho de Raul Nunes, então à testa do poder municipal.

dominante e por um certo tempo, durante o governo Xavier de Almeida e no subsequente governo de Rocha Lima, controlou o poder Estadual. Porém, nos anos 20 já não tinham mais as condições sócio-econômicas e respaldo político necessários de setores dominantes suficientemente fortes para estabelecer confrontos com a oligarquia dos Caiado, então com as rédeas do poder fortemente enfeixada nas mãos.

No conjunto do Brasil, o coronelismo se deu como um fenômeno persistente e articulado segundo o Pacto Oligárquico-coronelístico que estabelecia um amplo acordo dos governos federal com os estaduais, geralmente controlado por uma oligarquia<sup>51</sup> que possuía muita autonomia e que dava ampla margem de manobra para os desmandos dos coronéis da oligarquia dominante no Estado, além dos coronéis nos municípios das unidades da federação. O governo central fazia vistas grossas quanto a política das oligarquias regionais, em que a tônica era a violência cometida contra os subalternos sociais e mesmo de coronéis contra coronéis, eleições a bico de pena, disputas acirradas das dissidências contra os coronéis e oligarquias da situação. Muitas das disputas não se dando apenas por interesses políticos mas envolvendo ideais quanto a defesa de princípios modernizadores.

O declínio do coronelismo liga-se estreitamente às transformações que se processaram na sociedade brasileira com o crescimento demográfico e a industrialização, as transformações econômicas e culturais.

A parentela de sangue ou conveniência, característica muito presente na sociedade coronelística foi

---

<sup>51</sup> Oligarquia aqui é visto como uma categoria social em que o poder se concentra nas mãos de poucos elementos, uma plutocracia, geralmente membros de uma mesma família que se apropria do poder, da disponibilidade que possui para dispor de cargos públicos para a prática do nepotismo como caracterizou-se a forma de governar de várias famílias em diversos Estados do país. A exemplo, os Accioli, no Ceará, os Bulhões e Caiado, em Goiás, etc.

cedendo lugar para novas relações. O sistema jurídico lentamente foi absorvendo o poder de mando dos coronéis e novas relações sócio-econômicas foram se estabelecendo. Ainda, assim, se pode perceber muitas características do coronelismo imperando no país, apesar de todo um processo de modernização pelo qual tem passado desde o declínio do coronelismo como fenômeno oficializado.

O coronelismo foi desaparecendo de forma muito irregular. Dependendo da região ainda persiste fortemente sob novas roupagens. Até recentemente ocorreu o caso de Chico Heráclio que, em 1969 mandou assassinar um vereador e sua filha devido à vitória do candidato do MDB, partido opositor ao seu, a ARENA.<sup>52</sup>

#### **4- Consolidação do Regime Oligárquico em Goiás**

A oligarquia dos Bulhões se consolidou ainda durante o regime monárquico, no reinado de D. Pedro II. Com a Proclamação da República ela conseguiu se articular politicamente tendo na figura de Guimarães Natal, republicano civil histórico, cunhado de Leopoldo de Bulhões, a ligação necessária com o novo regime estabelecido. Desta forma passou a exercer a hegemonia na política estadual até a ascensão de José Xavier de Almeida à presidência do Estado em 1901. Reassume o poder após a vitória do Movimento de 1909. Porém por poucos anos, pois a família Caiado consegue estruturar um regime oligárquico no Estado a partir de 1917. O período entre

---

<sup>52</sup> QUEIROZ, M. Isaura. P. O Coronelismo numa interpretação sociológica In **História da Civilização Brasileira**, sob direção de Boris Fausto, tomo III, 1º vol. O Brasil Republicano. São Paulo: Difel, 1975. P. 187 - 188.

1912 e 1917 foi marcado por disputas acirradas envolvendo os Bulhões, os Fleury Curado-Jayme e os Caiado.<sup>53</sup>

Na sua estruturação a oligarquia dos Bulhões se articulou no Clube Liberal e após a proclamação da República, no Partido do Centro Republicano. Com a República o "continuísmo" dos Bulhões foi contestado pelo governo federal de caráter militar e centralista do Marechal Deodoro<sup>54</sup>

Com forte influência da ideologia do Positivismo de August Comte, os militares no poder, chegaram a nomear para presidente de Goiás o tenente Coronel Bernardo Vasques. Este não chegou a tomar posse devido a articulação dos grupos locais que conseguiram a nomeação para a presidência do Estado de uma junta composta por Joaquim Xavier Guimarães Natal, Dr. José Joaquim de Souza e Major Eugênio Augusto de Mello. Esta junta procurava a conciliação entre os grupos dominantes locais e militares. Porém a trama política acabou por criar condições para a imposição do controle do aparelho do Estado pelo grupo dos Bulhões.<sup>55</sup>

O grupo articulou-se, assim, no Centro Republicano de tendência liberal, para fazer frente ao governo central. Na estrutura do partido ficaram, na sua direção, elementos que estavam ligados aos Bulhões.

Lentamente os Bulhões passaram a exercer um forte controle político do Estado e consolidando-se numa oligarquia hegemônica estabeleceram uma série de relações com seus subordinados; sendo muitos seus dependentes diretos e, portanto, sem propriedades, enquanto outros eram possuidores de propriedades, incluindo terras, além de serem chefes

<sup>53</sup> SILVA, Ana Lúcia . **A Revolução de 30 em Goiás** . Tese de doutoramento, 1982. P.66 - 68.

<sup>54</sup> O caráter centralista defendido por Deodoro continuou com Floriano Peixoto que o sucedeu. Este princípio foi um dos pontos caros ao pensamento Positivista surgido no século XIX. Os militares se viam como os salvadores da pátria por estarem imbuídos de todo um pensamento baseado nas virtudes cívicas. Apesar de autoritário, Floriano era legalista e deu posse ao seu sucessor eleito, Prudente de Moraes, um grande cafeicultor de São Paulo.

<sup>55</sup>SILVA, Ana Lúcia . Op. cit., p. 52.

políticos nos diversos municípios. Procuraram estabelecer alianças com outros coronéis regionais e locais; fortalecendo-se politicamente e consolidando-se no poder.

Apesar da supremacia dos Bulhões, outros partidos se organizaram no Estado como o conservador, o Partido Católico, o Clube Liberal e o Partido Republicano<sup>56</sup>.

Mesmo com a concorrência a seus candidatos a cargos de deputados e senadores, o grupo dos Bulhões se firmou elegendo seus representantes e para isto contou com o apoio de figuras importantes no coronelismo goiano a exemplo do Coronel Hermenegildo Lopes de Moraes, importante comerciante, "financista" e grande proprietário de terras no sul e sudoeste do Estado, residente em Morrinhos. Contou ainda com o apoio de importantes políticos da capital.

No jogo político estabeleceu-se a seguinte prática: enquanto os coronéis ocupavam os cargos no legislativo estadual, seus filhos, os doutores, ocupavam as vagas no senado, câmara federal e a presidência do Estado.<sup>57</sup> Poucas foram as exceções de coronéis, neste período, a ocupar diretamente cargos políticos na área federal.

Através de uma bem montada estrutura partidária, os Bulhões conseguiram monopolizar o poder e os canais de comunicações com o governo federal. Segundo Joaquim Rosa, apenas os políticos de Morrinhos possuíam independência em relação ao mandonismo imperante no Estado, conforme foi aventado anteriormente.<sup>58</sup>

Segundo Ana Lúcia Silva, a ausência de uma classe média possibilitara às oligarquias um pleno controle sobre toda a organização sócio-econômica e política no Estado. Os coronéis, grandes proprietários, tinham o

<sup>56</sup>ROSA, Maria Luíza Araújo. **Dos Bulhões aos Caiado**. Goiânia: UCG ,1984 .P. 35 - 36.

<sup>57</sup>Idem. p. 36 - 41.

<sup>58</sup>Rosa Joaquim. **Por Esse Goiás Afora**. Goiânia: Editora e Livraria Cultura Goiana, 1974, p. 61

monopólio sobre o sistema jurídico-político já por volta de 1893. A constituição de 1891 já havia sido promulgada, o código do processo criminal (1892), a Lei dos municípios (1892), a Lei Eleitoral (1892); a Lei de locação de serviços (1893), a Lei de Instrução Pública (1893), o regulamento da força pública (1893), a Lei sobre vendas de terras (1893), a Lei de desapropriação por utilidade pública (1893). Este conjunto possibilitava o pleno predomínio do setor agropastoril da região. Assim os Bulhões utilizando-se destas leis impuseram sua vontade acima da de outros grupos oligárquicos até 1909.<sup>59</sup>

Para Boris Fausto os conceitos de classes médias, no Brasil, são na verdade muito indefinidos e acaba se identificando, na década de 20, como "classes médias urbanas" ou de "população civil urbana que trabalha por conta própria ou que recebe salário por trabalho não-manual, abrangendo desde pequenos empresários e comerciantes, funcionários públicos, empregados no comércio, profissionais liberais".<sup>60</sup>

Em Goiás, segundo Ana Lúcia, estes estratos médios estavam em estreita conexão com os setores dominantes da sociedade. Não chegou a se formar um grupo em nível estadual que oferecesse perigo ao coronelismo imperante.<sup>61</sup>

Isso poderia ser exemplificado em nível municipal, em Morrinhos, com o caso do Dr. Alfredo Lopes de Moraes (advogado), filho do Coronel Hermenegildo. Antes de se tornar Deputado Estadual, depois Federal e por fim Presidente do Estado, foi intendente de Morrinhos por vários anos.<sup>62</sup> Liderou o clã dos Moraes a partir de 1925. Em Morrinhos, para

<sup>59</sup> SILVA, Ana Lúcia. **A Revolução de 30 em Goiás.** Tese de doutoramento, USP, p. 54.

<sup>60</sup> FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930.** São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 6.

<sup>61</sup> SILVA, Ana Lúcia. Op. Cit. p.34.

<sup>62</sup> Arquivo Histórico Estadual. Ofícios do intendente ao Secretário de Interior e Justiça e Segurança Pública acusando sua posse como intendente de Morrinhos já em maio de 1915. Caixa n.º8 - Morrinhos.

o período em estudo, ainda se percebe entre os elementos com curso superior completo ou não e exercendo cargos políticos de maior relevância, quase sempre os filhos dos coronéis como os Nunes ou os casados na família, como o Dr. Saturnino Sebastião de Azeredo (foi juiz de direito de Morrinhos por 20 anos, além de ter exercido o cargo de Desembargador).<sup>63</sup>

Desta forma, as oligarquias dominantes no Estado tiveram forças de se perpetuarem no poder através da prática do Pacto Oligárquico-coronelístico inaugurado com Campos Sales, no primórdios da República e tendo uma forte base no poderio econômico além das influências de diversas espécies que exercia sobre toda a sociedade.

Além do controle sobre a estrutura partidária, o grupo bulhônico lançou mão de outros meios que garantissem sua hegemonia. Utilizou-se da imprensa, do controle do processo eleitoral, da dominação ideológica, do aparato policial e colocou o Estado como tutor da organização social.<sup>64</sup>

Com o intuito de difundir e defender suas idéias além de combater seus inimigos, os Bulhões sempre procuravam utilizar a imprensa. Criaram vários jornais e os utilizaram como arma política contra seus adversários. Em 1867 fundaram o Monitor Goiano (durou um ano); de 1869 a 1873 fizeram circular o A Província de Goyaz; de 1873 a 1884 - A Tribuna Livre; em 1885, O Libertador e a partir de 1886, O Goyaz.<sup>65</sup>

A dominação ideológica se fazia através do sistema educacional, do aparato político, da religião e dos valores culturais disseminados. Os valores pregados pelos Bulhões tinham também como instrumentos os professores que, pelo clientelismo político vigente, eram nomeados pelos donos do poder que ocupavam os cargos de inspetores como o Cel. Hermenegildo em Morrinhos.

<sup>63</sup> Arquivo Histórico Estadual. Diversos documentos da Coletoaria Estadual de Morrinhos - despesas do Estado. Caixas n.º 5-12.

<sup>64</sup> SILVA, Ana Lúcia. Op. Cit. p. 57.

<sup>65</sup> Idem, p.57.

Apesar da educação ficar restrita a um pequeno número de pessoas, repassava-se através dela a ideologia dos grupos dominantes formados pelas oligarquias encasteladas no poder, principalmente os Bulhões e Caiado além de seus aliados.

Também a opinião pública era formada pelos referidos jornais em que circulavam as idéias da oligarquia dominante. A Igreja, apesar da separação em relação ao Estado, ainda era a única instituição religiosa de peso e, assim trocava favores com os coronéis no poder, que por sua vez a defendia. Era através dela que se estabeleciam as relações de compadrio<sup>66</sup> - uma das formas de controle social possibilitando o uso do voto de cabresto.

Os valores culturais defendidos pelas oligarquias no poder eram aqueles tradicionais, clientelísticos e, em nível erudito, fortemente influenciado pela cultura francesa (o idioma era muito utilizado pelas famílias dos coronéis), a literatura e o teatro eram também de origem francesa, principalmente. Os filhos dos coronéis liam e escreviam fluentemente em francês, às vezes em espanhol, italiano e inglês; certamente também se expressavam oralmente muito bem nesses idiomas<sup>67</sup>. Isto, porém, ficava em nível dos grupos dominantes da sociedade. As massas em sua maioria, iletradas, ficavam na subordinação aos coronéis e seus filhos

Quando os meios de controle ideológicos não surtiam os efeitos desejados, utilizavam-se forças policiais que consumiam de 1897-1930 a média de 26,80% do orçamento.<sup>68</sup> A violência era largamente utilizada para manter a ordem social

<sup>66</sup> Os coronéis apadrinhavam literalmente os filhos dos eleitores e por extensão não deixava de ser "padrinho" de seus subordinados sociais com o fim de controlar o voto de cabresto, força de poder do coronel.

<sup>67</sup> Cadernos que pertenceram aos filhos do Cel. Pedro Nunes, um dos mandatários de Morrinhos: Dr. Pedro Nunes, Mário e Raul Nunes. Arquivo pessoal de D.<sup>a</sup> Nina Nunes de Azeredo.

<sup>68</sup> Apud SILVA, Ana Lúcia. **A Revolução de 30 em Goiás**. Tese de doutoramento, USP, 1982.p. 47.

necessária para a hegemonia da oligarquia no poder. Além das forças públicas, não raro, utilizavam-se as forças privadas constituídas de capangas dos coronéis e dos coronéis aliados além das forças da Guarda Nacional com batalhões sediados em vários pontos do Estado.<sup>69</sup>

O Estado oligárquico controlado pelos Bulhões e depois pelos Caiado exercia uma política em assuntos econômicos dando ampla margem de ação para os proprietários praticarem desmandos e utilizarem-se do Estado como patrimônio pessoal. Por outro lado, encorajava a iniciativa particular para abrir estradas, fomentava a imigração, auxiliava as indústrias e o comércio ou ainda ele próprio abria estradas.<sup>70</sup>

Os Bulhões utilizavam-se também, largamente, da prática da familiocracia. Os diversos cargos e postos políticos eram preenchidos por membros do grupo que verdadeiramente se apossava do Estado de forma patrimonialista sem fazer distinção entre o público e o privado. Na verdade a coisa pública era considerada como extensão das propriedades e dos domínios particulares dos oligarcas. Desta forma, o controle era efetivo sobre a vida da sociedade com o controle do aparelho estatal. Geralmente os cargos mais importantes eram ocupados pelos membros da família da oligarquia dominante e seus aliados políticos.

*"Na presidência do Estado estiveram os seguintes membros da família: Guimarães Natal (cunhado de Leopoldo de Bulhões - 07/12/1889 a 24/02/1890); Francisco Leopoldo de B. Jardim (primo e cunhado de Leopoldo de Bulhões - 18/07/1895 a 01/ 11/ 1898); Urbano Coelho de Gouveia (cunhado de Leopoldo de Bulhões - 01/11/1898 a 10/06/1901 e*

---

<sup>69</sup> No Sul girando em torno do Cel. Hermenegildo, havia o Regimento da Comarca de Rio Piracanjuba.

<sup>70</sup> SILVA, Ana Lúcia Op. cit. p. 46.

de 24/ 01/ 1909 a 06/ 04/1912 e de 23/ 04/ 1912  
a 25/ 05/ 1912) .<sup>71</sup>

O líder máximo da oligarquia, Leopoldo de Bulhões Jardim, foi senador federal em três legislaturas, Francisco Leopoldo R. Jardim foi senador em dois mandatos, Urbano Gouveia em duas legislaturas; Francisco Leopoldo R. Jardim, deputado federal em três mandatos; José Leopoldo de Bulhões Jardim, deputado federal em uma legislatura; Urbano Coelho de Gouveia, deputado federal em três legislaturas e também primeiro Intendente da capital; Guimarães Natal, Francisco Leopoldo e José Leopoldo pertenceram também à câmara estadual .<sup>72</sup>

Numa sociedade como a de Goiás, sem um grupo expressivo que fizesse frente às oligarquias - praticamente a oposição vinha apenas de setores dissidentes de alguns coronéis de partidos de oposição - seu poder era quase absoluto sobre aqueles que produziam as riquezas. Os donos do poder econômico também controlavam o poder político e de todo o aparato do Estado em seu benefício, estabelecendo a hegemonia sobre toda a sociedade, controlando os cargos, o erário público, as forças de coerção oficial e privada - polícia, Guarda Nacional e jagunços dos coronéis - as leis, o sistema educacional e garantiam sua perpetuação no poder estadual.

O Estado, neste contexto, não passava de um patrimônio dos grupos dominantes, dos oligarcas, conferindo à esfera pública um caráter privado. Os cargos eram considerados propriedades privadas dos grupos no poder. As oligarquias controlavam a estrutura partidária de forma muito articulada e através desta estabeleciam as ligações políticas necessárias para o exercício do poder.

---

<sup>71</sup> Idem, p.55.

<sup>72</sup> SILVA, Ana Lúcia Op. cit. p.55

Segundo Rosa (1981), nenhum goiano estabelecia comunicação direta com o governo central passando por cima dos partidos políticos estaduais. O caso de Goiás trata-se de um Estado economicamente frágil, mas solidamente estruturado dentro de suas fronteiras, em termos políticos-partidários.<sup>73</sup>

O tipo de economia de Goiás e seu "isolamento" não atraía interesses maiores por parte do governo central, neste período. Assim os grupos políticos dominantes da região possuíam ampla autonomia para praticar os seus desmandos a fim de garantir para si o poder sobre toda a sociedade goiana.

Rosa mostra que a simplicidade da organização social goiana e as nítidas separações entre as classes, a nível econômico-social permitiram a formação da poderosa oligarquia dos Bulhões que conseguiu manter a hegemonia sobre o Estado por várias décadas.

A concentração econômica, o controle da política e da sociedade não garantiu, porém, a superação de vários obstáculos pela oligarquia dominante. Os setores oligárquicos emergentes, nas áreas economicamente mais importantes do estado (Sul-Sudeste-Sudoeste), colocaram em xeque o mandonismo dos Bulhões. Isto por partilharem de novas idéias e práticas econômicas modernizadoras já em consonância com o avanço do capital do Sudeste do país.

Em 1901, as pressões sobre a oligarquia no poder estavam intensas. Os elementos descontentes com a concentração exacerbada de poderes em suas mãos aumentavam as pressões. Para contornar a situação foi eleito para a presidência do Estado, José Xavier de Almeida que não pertencia ao clã dos Bulhões, apesar de já ter ocupado cargos em sua administração.<sup>74</sup>

A ascensão de Xavier de Almeida significou a sentença de morte do domínio dos Bulhões como oligarquia

<sup>73</sup> ROSA, Maria Luíza Araújo. **Dos Bulhões aos Caiado**. Goiânia, UCG, p.39.

<sup>74</sup> Idem, ibidem. p. 62 - 63.

dominante em Goiás. Isto porque a tentativa de formar um novo grupo dominante na política estadual, com os Xavieristas, enfraqueceu muito a oligarquia dos Bulhões que, mesmo retornando ao poder em 1909 com o apoio dos Caiado e os coronéis inconformados com a política fiscal do governo de então, não conseguiu manter a hegemonia, abrindo espaço para a ascensão dos Caiado no controle da máquina estatal de Goiás.

A mentalidade do grupo que detinha o poder político era muito conservadora. Segundo Borges, os coronéis da capital, ligados à oligarquia dos Bulhões, de certa forma se opuseram a que o Estado se empenhasse no apoio aos planos e projetos de construção da estrada de ferro. Isto porque ela representava uma nova força de transformação ligando Goiás ao sudeste. Por temer que com sua realização, seu ***status quo*** fosse ameaçado, era necessário manter o "atraso" como uma forma de garantir a dominação dos coronéis. Leopoldo de Bulhões, a princípio, não acreditava na viabilidade econômica da linha. Posteriormente Bulhões passou a lutar pela construção da estrada de ferro, ao ser convencido de sua importância e viabilidade econômica para o Estado.<sup>75</sup>

De fato, a base de apoio maior dos Bulhões girava em torno dos coronéis da capital que não tinham compromisso com a modernização pelo fato de não terem muita ligação com o sudeste do país, inclusive pela posição geográfica, distante das regiões de economia mais dinâmica. Assim, os coronéis da capital não se empenhavam com o processo de mudanças e o incremento da produção para os mercados do sudeste, com exceção da exportação de gado em ritmo menos intenso do que o Sul-Sudeste.

---

<sup>75</sup> BORGES, Barsanufo Gomides. O **Despertar dos Dormentes**. Goiânia: Cegraf, 1990. P.55

Os Bulhões tinham, de fato, o controle do poder estadual por seus políticos, fundamentalmente os da capital e, secundariamente o apoio de coronéis do norte (Porto Nacional) e do Sul-Sudeste, como é o caso de Morrinhos, mas, com a ressalva de que em vários momentos estes deixaram de apoiar àqueles. Os políticos de Porto Nacional, durante o período em estudo, tiveram uma certa influência na política do Estado como também os de Catalão que, através dos Paranhos, exerceram uma força de pressão sobre a oligarquia dominante. De certa forma, os políticos do sul do território goiano, mormente os de Morrinhos que contavam com o apoio de Catalão e outros municípios vizinhos como Pouso Alto , como Caldas Novas(área pertencentes ao município até 1911) tiveram força de pressão sobre o governo da oligarquia dominante e interessados na modernização da economia de Goiás, passaram a exigir mudanças.

Com o avanço da economia da região Sul-Sudeste as pressões foram aumentando; é neste contexto que uma parte da classe dominante ligada aos grupos oligárquicas e contando com o apoio do capital financeiro internacional, conseguiu com que, diante das pressões, a oligarquia dominante cedesse ao avanço da ferrovia da região do Centro-Sul do país para o Centro-Oeste.<sup>76</sup>

Borges ressalta que, mesmo que as oligarquias que controlavam o Estado não tendo se empenhado pela construção da estrada de ferro (importante veículo da modernização) não quer dizer que não tenham tido parte de seus membros, em determinados momentos, procurando realizar o processo de sua construção como foi o caso de Leopoldo de Bulhões, mesmo que por oportunismo eleitoral tenha lutado em prol de sua realização.<sup>77</sup>

---

<sup>76</sup>BORGES, Barsanufo Gomides. Op. Cit. P.54 -55.

<sup>77</sup>BORGES, Barsanufo Gomides. **O Despertar dos Dormentes.** Goiânia: Cegraf, 1990.P.56.

A idéia de manter o "atraso" econômico, tem sido motivo de controvérsias entre especialistas como Nasr Chaul que fazendo uma análise histórica de Goiás na Primeira República, procura demostrar o preconceito embutido no conceito de **atraso** para aquela realidade. O conceito de atraso pressupõe a existência de áreas "adiantadas" em contraposição a áreas "atrasadas". O que pode ser considerado adiantado e atrasado? Esta mentalidade, sem dúvida é etnocêntrica, pois vê os goianos sempre como atrasados por não possuírem um modo de vida semelhante e no mesmo padrão do capitalismo europeu e norte-americano. Isto já pode ser percebido nos viajantes europeus que visitaram Goiás no século XIX.

Pode-se perceber muito claramente isto, ao analisar-se as obras de especialistas da atualidade além das dos viajantes europeus muito estudadas por Nasr Chaul em seu livro: *Caminhos de Goiás*.<sup>78</sup> Percebe-se esta visão em Saint-Hilaire, Johan Emanuel Pohl, Gardner, Oscar Leal, Castelneau, etc. Todos estes visitaram Goiás no século XIX, vindos da Europa que estava em pleno avanço industrial. Este "atraso" denota inferioridade em contraposição ao *conceito de progresso e desenvolvimento* como um *status quo* superior. Este último oriundo do avanço do capital, com mais intensidade a partir da Revolução Industrial.

Desta forma, o conceito de *sociedade tradicional*<sup>79</sup> pode ser utilizado de forma mais adequada para caracterizar a sociedade de Goiás, do que o conceito do atraso para a sociedade goiana. Esta possuía, isto sim, um modo diferente de sociedade que obrigatoriamente não poderia ser,

<sup>78</sup> CHAUL, Nasr Fayad. *Caminhos de Goiás - Da Construção da Decadência aos Limites da Modernidade*. Goiânia: Editora UFG/Editora UCG, 1997, p.76.

<sup>79</sup> Aqui sendo vista como uma estruturação em que o sistema capitalista ainda não transformou a região com profundas mudanças em todos os níveis da sociedade. Ainda estaria naquilo que José de Souza Martins denomina de Frentes de Expansão ou economia de excedente. Portanto não há ainda maiores preocupações em modernizar as estruturas econômicas do Estado. Isto não exclui relações econômicas já com ligações tênuas com as áreas onde o capital já teve um maior avanço.

por princípio, superior ou inferior a qualquer tipo de sociedade.

Se tomar-se como parâmetro a sociedade capitalista e o **progresso** que engendra no seu avanço, se justifica taxar Goiás como **atrasado**. Isto porque, principalmente antes da construção da ferrovia, as atividades de trocas e produção de riquezas para exportação eram muito restritas. Agora quanto a posição política assumida pelos Bulhões e Caiado frente ao **progresso** capitalista, as evidências mostram uma não preocupação, pelo menos em determinados momentos. Primeiro com os Bulhões e posteriormente com os Caiado. De acordo com Maria Cristina Teixeira Machado, não deixaram qualquer intenção implícita ou explícita na correspondência consultada por ela entre os elementos da oligarquia em Goiás com seu chefe, na Capital Federal.<sup>80</sup>

Desde os Bulhões no poder, não se percebe uma política que fomentasse o crescimento econômico do Estado. Porque José Leopoldo de Bulhões não procurou, durante suas diversas gestões como Ministro da Fazenda, estimular o crescimento econômico de Goiás? Não se percebe original empenho pelo avanço, por parte dos Bulhões e Caiado, da economia de mercado pelas terras goiana.

Somente com as pressões dos setores mais avançados da economia de Goiás na época: Sul-Sudeste-Sudoeste fez com que os Bulhões acabassem por adotar uma política de apoio ao avanço do capital com o empenho pela implantação da linha férrea. É bem perceptível isto, ao analisarmos os discursos do senador Hermenegildo que juntamente com sua família tinha interesses econômicos na parte meridional do Estado e portanto insistiu na modernização do Estado, seja na

---

<sup>80</sup> MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Pedro Ludovico: um Tempo, Um Carisma, Uma História**. Goiânia: Cegraf, 1990, p. 36.

construção da Linha Férrea, seja na construção da Ponte Afonso Pena, e na de estradas interligando o sul de Goiás entre si e com a capital, construção de linhas telegráficas para interligar o sul do Estado e até mesmo a capital e o sudoeste (caso da Construção da linha até Rio Bonito, atual Caiapônia) com o Sudeste do País.

As relações com as regiões mais dinâmicas eram ainda inexpressivas no início do século XX, antes da construção da Estrada de Ferro Goyaz, implantação de linhas telegráficas e construção da Ponte Afonso Pena sobre o rio Paranaíba, além da disseminação de estradas de rodagem ligando os diversos municípios do Centro-Sul do Estado.

Somente com a modernização dos meios de transportes e comunicações, os contatos com as regiões de economia mais dinâmicas voltadas para os mercados e não mais fundamentalmente para a economia de excedente, nos dizeres de José de Souza Martins, como era Goiás, se intensificaram trazendo a modernização para a sociedade goiana que aos poucos foi se inserindo na economia de mercado e na divisão inter-regional do trabalho, com as *frentes de expansão e frentes pioneiras*, como fornecedor de produtos de que o sudeste (Minas Gerais e São Paulo) necessitava na medida em que se especializava cada vez mais na produção de café para os mercados internacionais.

Os políticos, coronéis e seus filhos, os doutores, da região sul do Estado já com interesses mais voltados para o sudeste do Brasil e praticando atividades econômicas cada vez mais direcionadas para a economia de mercado, viam como de vital importância a construção da ferrovia que na medida que era construída, seu avanço gerava a ampliação dos mercados dinamizando a economia e aumentando sua ligação com o Centro-Sul, como zona consumidora da produção goiana e fornecedora de produtos industrializados, na sua maior parte importados dos países industrializados.

Também os contatos mais intensos e a migração geraram uma cultura diferenciada e mais próxima da forma de vida das populações de Minas e São Paulo. A identidade cultural regional do Sul-Sudeste de Goiás com o Sudeste do país, principalmente com o Triângulo Mineiro, formada, desde esta época, a partir dos estreitos contatos com aqueles estados, ainda persiste fortemente na área até hoje (1998).

Desta forma, os chefes políticos progressistas destas áreas emergentes, tendo como um dos principais representantes o Senador Hermenegildo que, mesmo pertencendo ao partido da situação, pressionaram pelo apoio à construção da ferrovia até que Leopoldo de Bulhões acabou cedendo porque necessitava de um certo consenso para continuar a exercer a hegemonia política no Estado como um todo.<sup>81</sup>

---

<sup>81</sup> BORGES, Barsanufo Gomides. **O Despertar dos Dormentes.** Goiânia: Cegraf, 1990, p.55

## CAPÍTULO II

### **DISSIDÊNCIAS E MODERNIZAÇÃO EM GOIÁS**

#### **1 - Estruturas sócio-econômicas**

A afirmação da oligarquia dos Bulhões no poder, em Goiás, não significou sua plena hegemonia; como em qualquer sistema político onde as contradições históricas estão sempre presentes e provocando transformações. O setor hegemônico teve que enfrentar movimentos dissidentes de maior ou menor envergadura no seio da classe dominante, principalmente de setores modernizantes da região Sul do Estado além do movimento dos Wolney, no norte.<sup>1</sup> Contou ainda com contestações a ordem vigente por parte de despossuídos como foi o caso do Movimento de Santa Dica, em Pirenópolis.

Porém as maiores pressões contra os donos do poder e a forma como administravam a "coisa pública", veio de coronéis que não tinham seus interesses fundamentais defendidos, mesmo fazendo parte da própria estrutura partidária, como é o caso de coronéis do sul, sudeste e sudoeste do Estado. Os elementos dominantes destas regiões possuíam fortes interesses ligados a setores dominantes do sudeste do Brasil; daí sua constante insistência na modernização que almejava fazer para Goiás. Utilizava-se o discurso do desenvolvimento, quando na verdade ocorria

---

<sup>1</sup> No governo dos Bulhões, os Wolney, da região de São José do Duro (atual Dianópolis) já começaram a se rebelar contra a oligarquia dominante. Com a ascensão de José Xavier de Almeida, em 1901 apoiam o novo grupo se forma ; rompendo-se, assim, com o grupo opositor a Xavier de Almeida.

fundamentalmente a modernização das estruturas sem o correspondente desenvolvimento.

Estabelece-se, na verdade uma integração maior do Estado na economia de mercado como zona de produção agropecuária complementar à economia do sudeste monocultor e exportador de café para os mercados internacionais.

O Sul já possuía uma economia mais dinâmica e em rápido processo de transformação em relação ao restante do Estado. Estava mais próxima do sudeste e exigia maior ligação com ele seja em termos econômicos, sociais ou culturais. Disto acaba resultando tentativas de "**rompimento**" com a ordem tradicional vigente quando setores progressistas defendem o estabelecimento de um governo voltado para o estreitamento das relações com as zonas mais avançadas do capital no país.

A zona sul do Estado vinha sofrendo influências sob o impacto das transformações ocorridas no sudeste do Brasil, o qual desde o século XIX, cada vez mais, se especializava na divisão internacional do trabalho como fornecedor de café para os países capitalistas hegemônicos europeus e num ritmo crescente, para os Estados Unidos da América. A marcha do café e o avanço da industrialização no sudeste do país incrementaram o movimento migratório e a expansão da fronteira agrícola rumo à região Centro-Oeste, iniciando, a partir daí, um processo de crescimento e especialização na agropecuária goiana.<sup>2</sup>

Desta forma, com o crescimento da economia cafeeira do sudeste do país, a estrutura agrária da região se transformava e com ela a economia. Por sua vez também a sociedade sofria mudanças. A concentração da propriedade agrária exigia a expulsão dos excedentes populacionais para

---

<sup>2</sup> BORGES, Barsanufo Gomides. **Goiás: 'Modernização e Crise' 1920-1960.** Tese de Doutoramento. USP, 1994, p.127.

novas localidades. É neste contexto que se intensifica a ocupação e exploração do sul de Goiás, como já mencionado no capítulo anterior, através das frentes de expansão e frentes pioneiras, conforme a conceituação que lhes dá José de Souza Martins.<sup>3</sup>

*"O capitalismo no seu processo de expansão, além de estabelecer ritmos de crescimento diferenciados nas áreas ocupadas, convive com diversas formas de trabalho. Observou-se em Goiás, que as áreas incorporadas à economia de mercado comportavam diversas formas de extração do excedente econômico e vários graus de compulsão do trabalho, que conviviam lado a lado com o trabalho assalariado. Para o capital pouco importava o caráter das relações de produção nas áreas integradas à economia de mercado, desde que seus vínculos econômicos com o centro hegemônico implicassem relações de troca do tipo capitalista."*<sup>4</sup>

Até o desencadeamento deste processo que afetou a sociedade goiana, primeiramente do sul de Goiás, as estruturas sócio-econômicas se configuravam em moldes mais tradicionais segundo a visão patrimonialista do Estado, das relações sociais e do poder político.

Sob o condicionamento da expansão do capital a sociedade e economia vão adquirir, pois, uma variada gama de tipos sociais e práticas econômicas variadas.

A economia e política se condicionavam reciprocamente. A sociedade goiana possuía no seio dos grupos dominantes facções que mesmo fazendo parte de práticas coronelísticas, entrava em conflito com a oligarquias

<sup>3</sup> MARTINS, José de Souza. *Capitalismo e Tradicionalismo*. São Paulo: Pioneira, 1975, p. 45.

<sup>4</sup> BORGES, Barsanufo Gomides. *Goiás: 'Modernização e Crise' - 1920-1960*. Tese de Doutoramento, USP, 1994, p. 152.

dominantes que não possuíam maiores preocupações com o avanço da economia de mercado.<sup>5</sup>

A sociedade se compunha de classes sociais numa estrutura ainda muito fracamente inserida numa economia de mercado, ou seja, capitalista. [...pelo incipiente desenvolvimento das **forças produtivas**( grifo nosso)<sup>6</sup> locais, sendo, portanto, difícil que os interesses divergentes entre as diferentes classes apareçam como tal. Eles aparecem como conflitos entre credores e devedores, ou como forma de luta pela sobrevivência e afirmação pessoal dos dominados numa estrutura social que os marginalizou]<sup>7</sup>.

Ocorre, no período estudado, a concentração de fragmentos de classes de marginalizados sociais. Isto se deu em torno do elemento messiânico do Movimento de Santa Dica - Benedicta Cypriano Gomes - em Pirenópolis (município muito pobre) e muito bem estudado por Lauro Vasconcellos. Por muitos considerada milagreira, por outros mística portadora de um dom de ligação com os anjos. Em Mensagem enviada ao Congresso Legislativo do Estado de Goyaz, assim o governo de Brasil Caiado se expressava: "o governo viu-se forçado a tomar providências energicas para dispersar os elementos nocivos e ameaçadores da ordem publica, que se congregaram no município de Pyrenopolis, attrahidos por Benedita Cypriana Gomes, vulgarmente conhecida por S. Dica." "os motivos que

<sup>5</sup> Do âmago dos grupos sociais dominantes emerge setores com mentalidade voltada para a economia de mercado, principalmente das áreas mais próximas da economia mais dinâmica do país. Uma contradição se desenvolve aí: parte dos grupos dominantes possuindo idéias modernizantes (enfocando mais o aspecto econômico) entre em conflito com a oligarquia dominante dos Bulhões e mesmo com os Caiado. Estes setores se configuraram fundamentalmente, nos políticos de Morrinhos que vão representar os anseios dos políticos defensores de idéias modernizantes, fundamentalmente do sul do Estado.

<sup>6</sup> Segundo o Materialismo Histórico as forças produtivas compreendem o conjunto das relações que levam a desencadear um processo de produção de riquezas e a estruturação de sistemas historicamente construídos.

<sup>7</sup> SILVA, Ana Lúcia. **A Revolução de 30 em Goiás**. Tese de Doutoramento, USP, 1982, P. 28.

*determinaram essas providencias estão consignados no seguinte relatório, do Sr. Dr. Chefe de policia:<sup>8</sup>*

Entre os argumentos apresentados como pretexto para a destruição do movimento: santa Dica está " *acommettida de certos phenomenos pathologico bem conhecidos na nossa medicina, phenomenos esses de que se serviu ella, com o concurso de outros individuos para implantar, desde logo, a desolação e a miseria em torno de varios lares pobres e rusticos, fazendo desta arte, até o desassocego para o Poder Publico, cujas autoridades siquer ja eram respeitadas nesse antro de bruxaria.*"<sup>9</sup>

Mesmo envolvendo o aspecto religioso o movimento da "Santa Dica" representou um refúgio para as classes mais miseráveis não apenas do município, mas de outros onde o coronelismo imperava e gerava descontentamentos sociais cada vez mais intensos.<sup>10</sup> Por outro lado, o "**Movimento de Santa Dica**" na localidade de Lagoa, próximo a Pirenópolis, representava uma ameaça à ordem coronelística vigente: negação da propriedade, menos braços para trabalhar para os coronéis, desobediência ao governo, vida comunitária. Diante de tal estado de coisas, a "sociedade de Pirenópolis" solicita tropas do governo para desarticular o aglomerado no reduto da "Santa".<sup>11</sup>

Portando, no Estado, formou-se a classe dominante constituída pelos coronéis tendo como aliados o que poderia se chamar de setores médios da População enquanto da sociedade havia a grande maioria constituída de trabalhadores em

<sup>8</sup> Mensagem enviada ao Congresso Legislativo do Estado de Goyaz, em 14/05/1926 pelo governo do Dr. Brasil Ramos Caiado. P.67-71.Ver anexos.

<sup>9</sup> Idem, p.68-71.

<sup>10</sup> VASCONCELLOS, Lauro. **Santa Dica: encantamento ou coisa do povo.** Goiânia: Cegraf, 1991, p.79-96.

<sup>11</sup> VASCONCELLOS, Lauro de. **Santa Dica: encantamento do mundo ou coisa do povo.** Goiânia: Cegraf, 1991,p.104-107.

diversas categorias e situações. Estes eram desprezados como inferiores, miseráveis e ingênuos" (fáceis de serem levados)".

As relações sociais entre os estratos dominantes e os dominados baseava-se em uma série de formas de trabalho assalariada ou não como a do meeiro, dos parceiros, dos camaradas, Conforme discutido no capítulo anterior. No ápice da pirâmide social estavam os coronéis, geralmente proprietários de terras mas nem sempre detendo a posse de grandes latifúndios<sup>12</sup>. Às vezes eram profissionais liberais ou funcionários públicos ocupando altos cargos na administração como Guedes de Amorim, um coronel que por vários vezes ocupou o cargo de Secretário de Obras Públicas e Finanças; além dos Bulhões que tinham como função primária, atividades de profissionais liberais (como o próprio Leopoldo de Bulhões), e que ocupavam a maior parte dos cargos públicos adotando largamente o nepotismo muito comum na formação das diversas oligarquias como em outros Estados brasileiros. A título de exemplo, os Accioli, no Ceará.

Mas quase sempre a maioria dos elementos dos setores dominantes detinha a propriedade de terras.

Estes detentores de propriedades e do poder político, constituíam-se em verdadeiros senhores em seus municípios. Em nível estadual controlavam a estrutura partidária sempre com a hegemonia de um grupo de coronéis constituindo a oligarquia dominante.

A economia goiana até a virada do século era muito incipiente se comparada a de outros Estados. "A inexpressividade econômica de Goiás no início do século XX, reflexo da baixa capacidade de produção e de consumo do

<sup>12</sup> As vezes, os coronéis nem sempre tinham o poder fundamentado na posse da terra. Os Bulhões, por exemplo, eram Profissionais liberais e construíram seu poder através da manipulação da Executiva do Partido dominante, O Partido do Centro Republicano de tendência liberal.

*Estado, verificava-se em todos os outros setores de atividades.*

O comércio interno era exercido de forma debilitada e esparsa, devido ao baixo poder aquisitivo da população, à existência de grandes áreas de economia de **subsistência** (grifo nosso) e à carência de meios de pagamento e do próprio sistema de comunicação e transportes.<sup>13</sup>

Segundo Maria Luíza, a exportação de gado para outras regiões era o único tipo de alguma significação e mesmo assim representava pouca lucratividade visto que a maior parte dos lucros ficava com os intermediários, os mineiros da região do Triângulo, os quais retinham o gado goiano em suas invernadas. Posteriormente o reexportava para São Paulo.<sup>14</sup>

As vezes os lucros da venda do gado se tornavam ainda mais baixos devido a vários fatores como a redução de preço nos mercados do sudeste, já refletindo os altos e baixos das crises envolvendo a economia cafeeira e com seu auge no ano de 1903. Por vezes problemas climáticos, como o excesso de chuvas, tornavam intransitáveis as estradas, e tornava quase impossível as exportações.<sup>15</sup>

Mesmo com todos os problemas advindos, o capital do sudeste ia adentrando no interior de Goiás e lentamente condicionando as transformação adequando o Estado à economia de mercado. Este processo se deu de forma conflituosa entre os interesses mais tradicionais não preocupados com a modernização e os que compartilhavam interesses com os capitalistas do sudeste.

<sup>13</sup> ROSA, Maria Luíza Araújo. **Dos Bulhões aos Caiado**. Goiânia: UCG, 1984, p. 21.

<sup>14</sup> Idem, p. 21.

<sup>15</sup> Mensagem do Presidente do Estado, José Xavier de Almeida ao Congresso Legislativo Estadual, 1905, p.32-33.

Mesmo que em nível global a economia fosse acanhada frente a outros estados brasileiros, principalmente os do sudeste, o capital se interessou pela região.

A criação e exportação do gado significou uma fonte de riquezas que tinha isoladamente o maior peso para garantir o funcionamento da máquina administrativa. Isso sem que o Estado se endividasse, como pode-se perceber pelos diversos relatórios de vários governos nas três primeiras décadas do século XX. As diferenças entre receitas e despesas mostram sempre um superávit e o governo a se gabar do controle das finanças sem depender do governo federal para manter a estrutura estatal funcionando.<sup>16</sup>

No período entre 1889 a 1930, percebe-se pela tabela II.1 , que o gado teve grande expressão para a economia goiana representando um respeitável percentual na arrecadação total do Estado, chegando a representar, durante o governo do Grupo Xavierista, em 1905, 44,30% da arrecadação total do Estado - isto se deveu mais a política fiscalista adotada do que aumento da produção. Porém não se quer dizer que este governo não tenha estimulado a produção econômica. Mas, Isto sem levar em consideração o contrabando que no período já era intenso devido a política adotada pela Oligarquia no poder, que fazia vistas grossas para as ações dos funcionários dos portos e recebedorias (elementos colocados nos cargos por

---

<sup>16</sup> Relatório do Secretário dos Negócios das Finanças, Luiz Guedes D'Amorim, ao Presidente do Estado, Cel. Miguel da Rocha Lima, 1923; Relatório do Secretário de Estado dos Negócios das Finanças, Luiz Guedes D'Amorim, ao presidente do Estado, Dr. Brasil de Ramos Caiado, 1929; Relatório apresentado pelo secretário de Estado dos negócios das obras pública de Goyaz, Jalles Machado Siqueira, ao presidente do Estado, Dr. Alfredo Lopes de Moraes, 1929.

favorecimento dos políticos do grupo no poder) favorecendo os interesses dos grandes proprietários.<sup>17</sup>

É impossível quantificar o montante contrabandeado. Existe, porém, evidências de que o contrabando era intenso e representava muito prejuízo para o erário público. Entre vários documentos e relatos da situação econômica do Estado, ao se ler a Carta de 29/10/1895, a Câmara Municipal de Morrinhos se dirigindo ao governo Estadual a respeito da centralização das comunicações com o Sudeste do país assim se expressava:

"Não escapará ao tino administrativo de V. Excia, a vantagem que tem de advir ao Estado e ao commercio com a abertura da citada estrada e portos, pois que, convergindo para ahi a maior parte dos vehiculos, sujeitos a impostos e locadeiros, com certeza triplicará a arrecadação dos impostos que se cobram nessa immunidade de portos, espalhados pelo Paranahyba, onde a força do governo não é suficiente para embaraçar o monopólio com o extravio da Terça parte de suas rendas, ao passo que, feichando-se alguns destes pela concentração da estrada que se projecta, a fiscalização torna-se segura e potente.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Quando Xavier de Almeida subiu ao poder como presidente do Estado e passou a adotar uma intensa política fiscalista, trocou todos os funcionários das recebedorias e os Portos. Isto causou conflitos devido o descontentamentos gerados pelos apaniguados da oligarquia dos Bulhões.

<sup>18</sup>Arquivo Histórico Estadual . Caixa n º 5- Morrinhos. Carta da Câmara Municipal de Morrinhos em 29 DE OUTUBRO DE 1895 à Diretoria de Instrução, Indústria e Terras e Obras Pùblica. Ver anexos.

**TABELA II. 1**  
**EXPORTAÇÃO GOIANA DE GADO**  
**(QUANTIDADE E VALOR) - 1889-1900**

DATAS	QUANTIDADE (EM CABEÇAS)	IMP.UNIT. (EM MIL REIS)	IMP.TOTAL ARRECADADO (EM MIL REIS)	RECEITA GLOBAL DO ESTADO	PORCENTAGEM
1889	28.758	2.000	57:670\$550	205:906\$679	25,48
1890	44.809	2.000	89:618\$000	260:994\$145	34,38
1891	53.306	2.000	118:612\$000	310:225\$772	38,23
1892	45.364	3.000	136:060\$000	505:903\$202	26,88
1893	26.658	3.000	81:571\$000	621:145\$006	13,13
1894	34.763	4.000	152:824\$210	706:998\$878	21,61
1895	14.111	4.500	69:533\$354	659:080\$679	12,21
1896	21.159	4.500	108:822\$275	750:736\$184	14,49
1897	46.190	4.500	230:127\$332	703:954\$163	32,70
1898	41.817	4.500	206:995\$580	762:462\$864	27,14
1899	34.511	4.500	170:813\$276	686:057\$236	24,90
1900	50.597	4.500	250:457\$460	757:987\$551	33,04
1901	64.170	4.500	317:644\$522	870:043\$139	36,50
1902	68.882	4.500	340:967\$330	858:183\$246	39,73
1903	36.654	4.500	181:437\$883	633:948\$996	28,62
1904	55.060	4.500	272:538\$145	710:259\$499	38,37
1905	66.164	4.500	327:843\$014	740:015\$357	44,30
1906	82.196	4.500	406:870\$574	1.023:045\$665	39,77
1907	64.936	4.500	321:437\$751	914:236\$087	35,15
1908	83.560	4.500	413:625\$300	977:701\$744	42,30
1909	39.716	4.500	196:598\$994	972:647\$806	20,21
1910	69.609	4.500	304:966\$200	1.315:422\$060	23,10
1911	77.103	4.500	381:659\$278	1.000:204\$565	36,15
1912	80.476	4.500	398:345\$341	1.084:392\$955	36,73
1913	102.946	4.500	509:579\$028	1.340:116\$760	38,02
1914	52.961	5.000	291:284\$100	1.142:967\$666	25,48
1915	55.784	7.000	390:491\$469	1.244:638\$720	31,21
1916	102.528	6.000	676:688\$100	2.203:195\$384	28,15
1917	118.404	6.000	781:470\$023	1.981:375\$309	39,44
1918	88.082	6.000	660:676\$125	2.335:913\$136	22,24
1919	121.119	7.500	1.065:849\$580	2.969:337\$262	35,89
1920	90.895	8.000	799:881\$877	2.729:794\$802	29,30
1921	77.833	9.000	770:552\$816	2.880:236\$256	26,75
1922	65.760	9.000	650:926\$070	3.097:510\$895	21,01
1923	150.434	7.000	1.489:302\$199	3.862:434\$159	38,55
1924	102.648	8.000	1.220:499\$907	4.479:581\$558	27,24
1925	113.492	10.000	1.295:504\$496	5.129:480\$065	25,25
1926	75.548	10.000	831:036\$286	3.863:237\$519	21,51
1927	148.207	10.000	1.698:064\$500	5.141:323\$917	33,02
1928	154.249	-	1.961:004\$650	5.971:052\$977	32,84
1929	87.030	50.000	1.113:917\$200	5.450:754\$802	20,43
1930	82.371	50.000	1.047:689\$500	4.961:020\$241	21,11

**Fonte:** Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas pelo DR. Pedro Ludovico Teixeira, Interventor Federal no Estado de Goiás. 1930-1933, p.168.

Mesmo com uma incipiente produção agropecuária e o constante contrabando, o Estado possuía uma produção que despertava interesses no sudeste. Principalmente a região sul que possuía mais estreitos laços com o Sudeste do país e era área de ocupação com o avanço das fronteira agrícola. As Frentes Pioneiras davam sinal de suas pretensões. Já no final do século XIX:

*"A Camara Municipal de Morrinhos tem a honra de dirigir-se hoje a vossa excia, pedindo-vos a vossa attensão para o que vamos expôr. Daqui há poucos dias terá de ser inaugurada em São Pedro de Uberabinha, Estado de Minas Gerais a chegada da Via Férrea Mogyana. Este acto que para nós já é um facto, provocou entre as Câmaras Municipais de São Pedro de Uberabinha e Morrinhos, o pensamento de uma estrada que partindo daquele termo e attravessando provisoriamente e em barcas os rios Paranayba e Corumbá vinha tocar neste termo e daqui ramificando-se por diferentes pontos do Estado, especialmente do sul, atrahindo a exportação e com especialidade do gado para um ponto mais proximo e commodo, indo Ter a Estação do Mogyana em S. Pedro de Uberabinha." "Não é sem razão a linguagem deste conselho: como V. Excia. terá tido sem dúvida conhecimento pelos jornaes do passo que se pode dar com a abertura de estradas e de que já no Congresso Federal, na verba orçamentada passou uma cota de duzentos contos para o levantamento de uma ponte sobre o Paranayba, em logar já no explorado, é evidente a concurrenceia do commercio em toda a extensão da palavra para a referida estrada e ponte, sendo facilima a fiscalização e economia por quanto, feichando-se alguns portos desnecessarios desapparecem essas*

dispesas quando também é certo ter a Câmara de S. Pedro de Uberabinha offertado ao governo de V. Excia. duas barcas que serão presas em dous cabos de metal no Paranayba e Corumbá, cuja despeza reduz-se quanto muito a dous empregados em cada uma das barcas, como tudo tereis occasião de ver pela copia do que se passou na conferencia do dia 29 já ditto entre esta Camara e a Comissão que para este fim foi enviada pela Comarca de S. Pedro de Uberabinha, cientificando mais a V. Excia. que a distancia desta cidade a de S. Pedro, actualmente são quarenta léguas, ao passo que pela projetada ficará reduzida a distancia de vinte e cinco léguas e alem disso por melhores caminhos. A Câmara Municipal de Morrinhos, pois concia de que V. Excia. prestará toda a vossa attensão para a abertura da estrada e portos, retificando com vosso placed o resultado da conferencia havida entre esta Camara e a de S. Pedro de Uberabinha, sobre o que se acha exposto. Finalmente esta Camara por intermédio de seus municipes, vai já e já dar começo a abertura da estrada que lhe compete, desde esta cidade até a barranca do Paranayba, no logar denominado Porto do Major Camillo e para com mais facilidade, isto se realizar esta Camara dirige-se ao patriotismo de V. Excia..., pedindo o auxílio de quatro contos de réis para o sustento dos trabalhadores que pela patria vão trabalhar sem outro dispendio.

*Saude e Fraternidade*

Ao Exmo Snr.

Te. Cel. Francisco Leopoldo R.

*Jardim*

D.D. presidente do Estado.

O maior dinamismo da economia do sul com o avanços das "**frentes**", acaba por levar a região a um

crescimento sem precedentes em todo o território goiano. Já no Censo de 1920, percebe-se uma população maior no sul do Estado. Também a produção agrícola e pecuária bate recordes em outras regiões de Goiás.

Pela tabela II.2, a seguir, percebe-se já um maior dinamismo do região sul mais do que o centro, sede do governo estadual. Em correspondência a este crescimento era natural que os grupos dominantes na região tivessem respaldo e força política como os Moraes, de Morrinhos; econômico e politicamente fortes. Porém submetidos ao poder de mando da oligarquia no poder, através de "alianças". Também era por motivo óbvio que Joaquim Rosa, em 1925, assim se expressa: "...Os argumentos de Totó Caiado amoleceram com relativa facilidade os pruridos **independentistas** dos coronéis de Morrinhos, ante a indiferença de seu povo, dos mais **progressistas** de Goiás.". <sup>19</sup>

O autor destaca o caráter "independentista" dos políticos de Morrinhos. Por outro lado, o elemento progressista do povo como dos **mais** de Goiás. O primeiro aspecto vem da relativa força que os coronéis da cidade possuía, na época, frente aos Caiado. Segundo o caráter progressista do povo já denota a existência de medidas modernizantes na região.

Morrinhos, localizada no sul, já desde longa data se destacava como um importante centro político, comercial e econômico tendo seus políticos sempre defendendo o **progresso**, ou seja, o avanço do comércio, da produção e exportação para os mercados do sudeste do país. Daí Joaquim Rosa chamar o **povo** de progressista.

Observando-se a tabela II.2, a seguir, percebe-se que em 1920, a economia do sul tanto na pecuária como na

---

<sup>19</sup> ROSA, Joaquim. **Por Esse Goiás Afora.** Goiânia: Oriente,

agricultura, destaca-se do restante do Goiás. É também nesta região que se concentra um maior percentual da população por região.

Mesmo ocupando um quinto lugar na produção pecuária e um terceiro lugar na produção agrícola, segundo o Censo de 1920, Morrinhos ainda era um importante centro do Sul-Sudeste-Sudoeste.

Desde o final do século XIX, ocupava uma posição de relevo tanto econômica como politicamente. Mormente a partir da chegada dos Moraes à cidade, na década de 1880. Estes se articularam como comerciantes e "capitalista" - assídua prática do empréstimo de dinheiro a juros - como era qualificado o Cel. Hermenegildo Lopes de Moraes pelo fisco e justiça eleitoral.

Com esta base econômica e as ligações com a oligarquia dos Bulhões, os Lopes de Moraes construíram uma importante posição sócio-política que tornou possível a hegemonia do grupo em nível local e relevo na política estadual; principalmente com a Proclamação da República.

O patriarca dos Lopes de Moraes adquiriu tanto prestígio que opinava constantemente em assuntos de maior importância no governo.

A postura progressista e o poder que a partir dela foi se formando, porém, não ofereceu bases internas em nível estadual para que o grupo assumisse o controle efetivo do Estado e fomentasse a modernização pelo território. Somente entre o período de 1901 e 1909, com o Grupo Xavierista, o poder estadual esteve nas mãos da oligarquia modernizante que tentava se constituir e adotar novas práticas administrativas. Isto, porém, em meio a constante pressão dos descontentes com as medidas adotadas.

**TABELA II. 2**

**Goiás: População, Produção Agrícola e pecuária Segundo regiões, Em 1920**

REGIÕES	POPULAÇÃO	REBANHO	PROD.
			AGRÍCOLA
CENTRO	130.563	803.208	48.670,8
NORTE	115.159	910.833	12.374,4
NORDESTE	78.978	597.910	12.554,8
SUL	155.433	973.150	105.807,3
SUDOESTE	31.786	604.230	20.508,4
<b>TOTAIS</b>	<b>511.909</b>	<b>3.889.331</b>	<b>199.915,7</b>

FONTE: Recenseamento do Brasil, IBGE, 1920.

**TABELA II.3**

**Goiás: Municípios com maior produção pecuária -1920**

MUNICÍPIOS	REGIÃO	REBANHO(cabeças)
01-Rio Verde	Sudoeste	213.647
02-Jatahy	Sudoeste	204.681
03-Catalão	Sul	186.034
04-Pouso Alto	Sul	184.337
05-Morrinhos	Sul	159.955
06-Boa Vista do Tocantins	Norte	159.508
07-Pedro Affonso	Norte	139.911
08-Palmeiras	Centro	122.465
09-Goyaz	Centro	122.426
10-Natividade	Norte	115.440
11-Outros Municípios	-	2.280.927
<b>TOTAIS</b>	<b>-</b>	<b>3.889.331</b>

FONTE: Recenseamento do IBGE, 1920.

**TABELA II.4****Municípios de Maior Produção Agrícola em Goiás - 1920**

MUNICÍPIO	REGIÃO	TONELADAS
Corumbaíba	Sul	22.402,2
Catalão	Sul	21.813,4
Morrinhos	Sul	18.137,9
Palmeiras	Centro	10.223,8
Rio Verde	Sudoeste	9.091,8
Goiás	Centro	8.650,7
Ipamerí	Sul	8.124,0
Anápolis	Centro	8.071,8
Pouso Alto	Sul	7.919,2
Sta. Rita do Paranaíba	Sul	6.879,3
Outros	-	123.999,9

FONTE: Recenseamento do Brasil. 1920 v.3.

Além da produção do gado bovino, o Estado se destacou como criador e exportador de suínos que ao lado do bovino era exportado para o sudeste semi-industrializado ou vivo. Daí desenvolver muito no sul as charqueadas onde se abatia e industrializava os produtos oriundos da pecuária. Resultava como produtos a banha suína, o sebo, o couro, etc. O desenvolvimento desta "indústria" só se tornou possível com o avanço da estrada de ferro.<sup>20</sup>

A agricultura ganhou importância nas décadas iniciais do século XX, principalmente no sul goiano e inclusive com o avanço da ferrovia que passa a incrementar a produção agrícola para o mercado externo. De acordo com a tabela II.4 o grosso da produção destinada à exportação, em 1920, vinha de três cidades do sul: Corumbaíba, Catalão e Morrinhos.

---

<sup>20</sup> BORGES, Barsanufo Gomides. *O Despertar dos Dormentes.* Goiânia: Cegraf, 1990, p.90-91.

Segundo o Censo de 1920, Goiás figurava como o quarto produtor de arroz, que se torna um dos principais produtos agrícolas. Somente São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul superaram a produção goiana.

Em nível interno o arroz se destacou como o segundo produto para exportação do Estado. Outros produtos tiveram relevo como o milho, além da cana-de-açúcar (mercado interno).<sup>21</sup>

De acordo com Borges, a especialização da agricultura goiana não foi acompanhada na mesma proporção que a mecanização no setor e as relações de trabalho também não seguiram o mesmo ritmo. Persistiram práticas de trabalho semi-livres e compulsório lado a lado com o trabalho assalariado.<sup>22</sup>

Segundo o mesmo autor, a agropecuária goiana estava diretamente relacionada com a economia primário-exportadora do Sudeste do país e a reorganização interna da economia capitalista. Nesta reorganização, as áreas além dos limites da fronteira da economia cafeicultura, vai diferir muito pois vai se caracterizar pela policultura voltada para o mercado interno estabelecendo, assim, uma divisão inter-regional do trabalho agrícola com São Paulo e Rio de Janeiro, numa forma de atividade complementar da economia exportadora<sup>23</sup>.

## **2 - Os Coronéis de Morrinhos e sua Projeção no Cenário Estadual**

A projeção dos coronéis de Morrinhos e seus filhos no cenário político de Goiás esta ligada a questão

<sup>21</sup> BORGES, Barsanufo Gomides. Op. cit. p.93.

<sup>22</sup> BORGES, Barsanufo Gomides. *Goiás: 'Modernização e Crise' - 1920-1960*. Tese de Doutoramento, USP, 1994, p.128.

econômica e o prestígio político formado e consolidado pela participação da estrutura partidária dominante no Estado.

Economicamente Morrinhos se destacou como um elo de ligação de Goiás com o sudeste. Destacou-se como centro comercial e teve em seus quadros dominantes, elementos que de fato, devido as estreitas ligações com o Sudeste, optaram por defender uma modernização conservadora utilizando o discurso liberal e o do progresso capitalista. Pode-se constatar de perto os vestígios desta ligação. Conforme fotos nos anexos é perceptível a existência de móveis importadas da Europa no final do século (mesa com cadeiras em palhinha importadas da Áustria através dos portos do Sudeste).

Pelos numerosos cartões postais que os Lopes de Moraes enviavam da Europa para os parentes, constata-se uma forte ligação com a vida e sociedades capitalistas do velho Mundo. São também numerosas as correspondências que enviavam de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro para parentes em Morrinhos.<sup>24</sup>

Os coronéis de Morrinhos tiveram na figura do Coronel Hermenegildo Lopes de Moraes o líder político máximo e assegurador da expressão maior no conjunto do controle sócio-econômico e político na região sul do Estado, até sua morte em 1905. A influência que consolidou sobreviveu à sua morte. Maria Augusta Sant'anna de Moraes o coloca como "o baluarte dos Bulhões no sul de Goiás"<sup>25</sup> Acumulou enorme fortuna pessoal através do comércio, de atividades agropastoris e no papel de financista tanto na região do Triângulo Mineiro como no sul do Estado, numa época em que inexistiam bancos. Ainda hoje é possível ver no sobrado onde

<sup>23</sup> Idem, p.129

<sup>24</sup> Arquivo Pessoal de D.<sup>a</sup> Nina Nunes de Azereedo, Morrinhos - GO.

morou, vários pequenos baús de metal com tampas arredondadas que funcionavam como cofres onde se guardavam as moedas acumuladas com o comércio e com a prática de emprestar dinheiro a juros.

O coronel Hermenegildo Lopes de Moraes era oriundo da cidade de Goiás, onde já praticava o comércio. Saindo desta cidade estabeleceu-se em Santa Rita do Paranaíba (atual Itumbiara). Lá acumulou enorme fortuna como fornecedor de mercadorias para o Exército Brasileiro, principalmente enormes quantidades de sal, durante a Guerra do Paraguai. Além de comerciante, foi administrador do porto existente às margens do Rio Paranaíba. Quando resolveu mudar-se daquela localidade, já era dono de mais de trinta fazendas e de muitos escravos. Perdera muitos braços escravos e a Vila estava grassada pela epidemia da malária.<sup>26</sup> Assim partira daquela localidade a fim de fugir da epidemia. Era elemento já de muito destaque e tinha forte conexão comercial com o sudeste sendo membro matriculado no Tribunal de Comércio do Rio de Janeiro.<sup>27</sup>

Em 1874 estabeleceu-se em Vila Bela de Morrinhos. Ampliou seus negócios como comerciante atacadista abastecendo toda a região sul do Estado e transformando a Vila em importante centro comercial da região.<sup>28</sup> Segundo o Sr. Darli Fontes<sup>29</sup>, o coronel exportava mercadorias em suas tropas de numerosos burros até Anápolis. Além do comércio, praticava o empréstimo de dinheiro a juros. Segundo o Sr. Darli Fontes o Cel. hipotecava as terras dos devedores. Quando a dívida não

<sup>25</sup> O coronel Hermenegildo se tornou vice-presidente do Estado até sua morte, tamanha era sua importância no sul de Goiás - região de economia mais dinâmica de Goiás, no período.

<sup>26</sup> FONTES, Zilda Diniz. **Morrinhos - de capela a cidade dos Pomares.** Goiânia: Oriente, 1980. P. 37 - 38.

<sup>27</sup> Arquivo Histórico Estadual. CX. N° 5 - Morrinhos.

<sup>28</sup> FONTES, Zilda Diniz. Op. Cit. p.38.

era resgatada, acrescia-se mais um pedaço de terreno às suas já inúmeras fazendas como atestam inúmeras escrituras de partes de terras que ia adquirindo, principalmente no final do século<sup>30</sup> e que legou aos seus descendentes. Além de atuar no sul de Goiás como "financista", emprestou muito de sua fortuna a juros no Triângulo Mineiro.<sup>31</sup> Certamente pelo exercício desta última atividade, nos documentos da Coletoria Estadual de Morrinhos referentes ao período da década de 90 do século XIX, à meados da primeira década deste século, sua profissão sempre é assinalada como sendo "*capitalista*."

À medida em que aumentava a acumulação de capital, mais aumentava o peso político do Coronel Hermenegildo que, relacionando-se com outros coronéis e pequenos comerciantes e tendo um maior número de dependentes em suas numerosas fazendas e na cidade, ditava as regras políticas no sul de Goiás.

Um dos mais influentes coronéis e também comerciante de Pouso Alto (atual Piracanjuba), Pacífico de Amorim, era casado com uma das enteadas de Hermenegildo de Moraes e, assim seu aliado político e base de apoio e influência naquela localidade.<sup>32</sup>

Outra das enteadas casou-se com o Coronel Pedro Nunes da Silva, importante político de Morrinhos e herdeiro do patriarca, após sua morte em 1905, do título de Comandante Superior da Guarda Nacional na região e líder político municipal além de continuar com a antiga casa comercial que possuía em sociedade com o Coronel.

<sup>29</sup> Conversa informal com o agrimensor Sr. Darli Fontes, em 1996, esposo da Profª. Zilda Diniz, autora de Morrinhos - De capela à Cidade dos pomares.

<sup>30</sup> Partes de terras nas fazendas: Areias, Gabrieis, St.ª Rosa, Samambaia ou várzea em Morrinhos.

<sup>31</sup> Revista da VI Festa de Arte de Morrinhos. Artigo "**O Sobrado**" de Guilherme Xavier de Almeida.

Portanto, em nível local e mesmo Regional, a hegemonia do Coronel Hermenegildo era incontestável pelo que tudo indica. Os coronéis locais lhe eram subservientes no esquema político. Nada encontramos que mostrasse algum outro mandatário que lhe disputasse a hegemonia regional como ocorreu em outros municípios goianos, inclusive do sudeste, como Catalão onde os Paranhos tiveram que enfrentar acirradas lutas pelos poder em disputas com diversos coronéis, às vezes com apoio do governo central, ora com ajuda do governo provincial e depois estadual desde a ascensão do coronel Paranhos e com morte deste, seu filho Dr. Ricardo Paranhos<sup>33</sup>

Além de influência em nível local, o coronel Hermenegildo, estabeleceu estreitas relações e alianças com pessoas influentes do Triângulo Mineiro. As relações comerciais e financeiras que mantinha com aquela região eram estreitas; principalmente com Uberaba onde, inclusive, havia muitos familiares de sua esposa, a família Marquez, o que lhe facilitava o desenvolvimento de suas atividades econômicas.

No sul do Estado, tornou-se Comandante Superior da Guarda Nacional da Comarca de Rio Piracanjuba (Morrinhos e áreas adjacentes).<sup>34</sup> Além desta patente e os poderes inerentes a ela, ocupou em nível municipal a suplência de juiz, foi presidente do Conselho Municipal e intendente por diversas vezes<sup>35</sup> Foi inspetor paroquial por diversos anos; influenciando diretamente no setor educacional em Morrinhos, além de membro da Comissão de Construção da Igreja Católica na cidade.<sup>36</sup> Curioso pelo fato de ser “maçom e católico ao mesmo tempo”.

<sup>32</sup> Antes de se estabelecer em Piracanjuba, o Coronel Pacífico de Amorim, trabalhou na “Loja” do Cel. Hermenegildo e acabou se tornando genro do “capitalista”. Através dele, o sogro exercia muita influência na região.

<sup>33</sup> GOMEZ, Luís Palacín et alli. *História Política de Catalão*. Goiânia: Editora UFG, 1994, p.57 - 100.

<sup>34</sup> BRANDÃO , A . J. Costa. *Almanach da Província de Goyaz (ano de 1886)*. Goiânia , Editora UFG , 1978.P.92

<sup>35</sup>Idem,p.92

Ainda por diversos mandatos, ocupou a vice-presidência do Estado até sua morte em 1905.<sup>37</sup> Segundo Guilherme Xavier de Almeida

"[...]o Coronel Hermenegildo foi alargando, aos poucos, o círculo de suas relações e amizade, até se tornar um dos chefes políticos mais prestigiosos no sul da Província, desde os últimos anos da Monarquia. Com o advento da República, o seu prestígio consolidou-se e estendeu-se a tal ponto que passou a ser eleito vice-presidente do Estado em todos os quadriênios que se sucederam até sua morte em 1905, tornando-se de certo modo, vice-presidente vitalício de Goiás."<sup>38</sup>

Zilda Fontes, diz que o Coronel Hermenegildo foi o homem de maior prestígio de Goiás em sua época e o baluarte dos Bulhões no sul do Estado. Sua influência foi tamanha que nenhum assunto de maior importância na política era tratado em Goiás sem que Morrinhos se pronunciasse, como declarou o deputado Cônego José Trindade.<sup>39</sup> Na elaboração da Constituição Estadual de 1891, o Coronel participou como membro da Assembléia Constituinte do Estado.<sup>40</sup>

Guilherme Xavier de Almeida no artigo "O Sobrado", da revista da VI Festa de Arte de Morrinhos, destaca este prestígio...

<sup>36</sup> Arquivo Histórico do Estado, CX. N ° 02 e 03.

<sup>37</sup> BRANDÃO , A . J. Op. Cit. p.54.

<sup>38</sup> Revista da VI Festa de Arte de Morrinhos. Artigo "O sobrado" de Guilherme Xavier de Almeida.

<sup>39</sup> FONTES , Zilda Diniz .Morrinhos : de capela a cidade dos Pomares. Goiânia, Oriente, 1980. P. 38

<sup>40</sup> Arquivo Histórico do Estado. **Ata da eleição à Assembléia Constituinte do Estado, 31/01/1891.** CX. N ° 4- Morrinhos. ( A profissão citada era de Capitalista enquanto outros representantes são comerciantes, promotores, empregados público, professor desembargado).

"..pouco antes, nos primórdios da República. E foi o caso que líderes da capital do estado vieram a Morrinhos para de acordo com o Cel. Hermenegildo, escolherem a chapa dos representantes goianos à Assembléia Nacional Constituinte, que iria fazer a Primeira Constituição Federal do Brasil".<sup>41</sup>

Portanto, vê-se que sua influência não se restringia a assuntos municipais e estaduais, influenciando até em decisões que se refletiam na esfera federal.

Foi por influência do Cel. Hermenegildo Lopes de Moraes que Villa Bella de Morrinhos foi elevada à condição de cidade em 1882 pela lei n.º 686, com o nome de Morrinhos.

As bases para a posterior influência de Morrinhos estavam lançadas pela posição e articulação política do Cel. Hermenegildo. Isto com fortes fundamentos em seu poder econômico que influenciava todo o sul, o sudeste e até o sudoeste goiano onde possuía vastas extensões de terras.<sup>42</sup>

Segundo Alencar, o Coronel só em Morrinhos, entre 1874 e 1901, adquiriu 27 propriedades num valor total de 39:273\$000. Em 1904, no município de Rio Verde comprou duas fazendas: a Fazenda Ponte da Pedra pelo preço de 50:000\$000 e Fazenda Estreito pelo valor de 10:000\$000.<sup>43</sup>

Ainda, no tocante a propriedades de terras, segundo Maria Augusta Xavier Bursztyn, bisneta do Coronel, ele teria possuído até 60.000 alqueires no total de suas propriedades fundiárias. Mesmo que este valor seja um pouco

<sup>41</sup> ALMEIDA, Guilherme Xavier de. **O Sobrado** - revista da VI festa de arte de Morrinhos, 1970. P. 55

<sup>42</sup> ALENCAR , Maria Amélia Garcia. **Estrutura Fundiária de Goiás** .Goiânia , Ed. UCG , 1993,P.74.

<sup>43</sup>Idem, p.84 nota 15.

elevado, mostra o quanto o patriarca dos Moraes tinha poder econômico e por conseguinte influência no sul do Estado. Sua influência econômica foi tamanha que lhe possibilitou uma forte base para exercer direta ou indiretamente o poder através de seus filhos e genros.

Conseguiu concentrar enormes riquezas que na partilha de seus bens os diversos herdeiros continuaram ricos e com muita influência política no Estado até mesmo depois da Revolução de 30. Houve a exceção de Xavier de Almeida, seu genro, que não se envolveu **muito diretamente** com a política após a "Revolução de 1909" e a conseqüente queda de seu grupo do poder estadual; apesar de que indiretamente apoiava o Dr. Sylvio de Mello, médico vindo do nordeste e que se estabeleceu em Morrinhos na década de 30. Proveniente de Alagoas, filho de um coronel, estudou medicina em Salvador. Passou a ditar as regras do jogo político na região de Morrinhos com as transformações sofridas nas estruturas políticas do país com a Revolução de 30.

Apesar de ter ficado muito rico com a morte do sogro e os Lopes de Moraes terem continuado a atuar na política em nível estadual e federal através do senador Hermenegildo Lopes de Moraes e Alfredo Lopes de Moraes, José Xavier de Almeida não se sentiu em condições de se envolver em uma nova tentativa de assumir qualquer cargo político no Estado sob a égide do Partido Democrata controlado pelos Caiado, elementos em parte responsáveis pela deposição de seu grupo do poder estadual, em 1909.

Porém preparou seus filhos para ingressarem na política. Segundo Guilherme Xavier, seu filho e deputado federal, Xavier de Almeida, próximo de sua morte, ainda era muito rico. Possuía muita terra e animais. Numa época em que era ainda muito utilizado animais para montaria, ele possuía

umas quinhentas éguas em uma de suas fazendas nas terra que hoje formam o município de Bom Jesus, além de rebanhos bovinos<sup>44</sup>.

Grande parte desta fortuna foi herdada pela esposa, a filha do coronel Hermenegildo. Mesmo muito rico, não mais se sentia com o apoio necessário para enfrentar os Caiado que se estruturaram numa oligarquia muito forte após 1912, com o afastamento dos Bulhões.

Como quase todos os coronéis que não possuíam curso superior, o Coronel Hermenegildo tratou de enviar os filhos para cursar a faculdade de direito e adquirir o título de bacharel<sup>45</sup>, uma forma de legitimar ainda mais o poder de mando com a sabedoria do doutor. Por outro lado, era quase uma obrigação que os candidatos a cargos federais fossem bacharéis. Enquanto isso, os cargos da esfera estadual e municipal ficavam na quase totalidade com os coronéis que não possuíam o título de bacharel.

No Município de Morrinhos a atuação em nível municipal se dava com o poder de mando do Coronel Hermenegildo e seu genro, o Coronel Pedro Nunes da Silva. Após sua morte, o poder em nível municipal passou para o controle de seu filho, Alfredo Lopes de Moraes, o Coronel Pedro Nunes e vários de seus filhos até o início da década de 30.

Durante todo o tempo em que controlaram o governo municipal, só se percebe claramente uma resistência muito clara aos Lopes de Moraes e aos Nunes. Após a derrocada do grupo Xavierista, em 1909, membros locais do Partido

<sup>44</sup> ALMEIDA, Guilherme Xavier de. Op. Cit., p.55.

<sup>45</sup> O contato com o ambiente acadêmico trouxe aos Moraes benefícios como a amizade com elementos que se tornaram importantes figuras na área do poder federal. A exemplo de Alfredo Lopes de Moraes com Júlio Prestes o que lhe favoreceu na ascensão à Presidência do Estado em 1929.; Hermenegildo Lopes de Moraes(filho) com Afonso Pena. Por outro lado tomaram contatos com o pensamento liberal e os ideais de modernização muito defendidos pelos Moraes e seus parentes, os Nunes da Silva.

Democrata, controlados pelos Caiados, fizeram um abaixo-assinado exigindo "paz". Os eleitores protestam contra a autonomia de Morrinhos, visto que traz a desarmonia, a desabitação devido a sua enorme pobreza. A autonomia traz constantes "revoluções" e falta de paz para os lares. O Abaixo-assinado nomeia o capitão José de Rezende e Oliveira como representante e defensor do povo visto o mesmo chefe do Partido Democrata de Morrinhos apoiar incondicionalmente o governo do Estado, seguindo a "população" a mesma rotina.<sup>46</sup>

Os Lopes de Moraes foram dos poucos políticos do Estado, fora da capital, que conseguiram expressão política na estrutura partidária: na executiva do partido da oligarquia dominante e ocupação de cargos estaduais e federais. A quase totalidade dos membros nos cargos políticos e funções era de coronéis da Capital. Com poucas exceções, Morrinhos ficou numa situação de privilégio tendo seus representantes sempre ocupando altas funções dentro da estrutura de poder: seja em cargos federais, estaduais e na composição da Comissão executiva do partido hegemônico.

Como mostra as tabelas 1-4 quase todos os deputados e senadores na área federal eram oriundos da capital. As poucas exceções são Bonfim, São José do Tocantins, Catalão, Porto Nacional e Morrinhos. Estas duas últimas cidades, ao lado da capital, ditavam as normas políticas apesar da hegemonia da Capital que girava em torno dos interesses diretos da oligarquia dos Bulhões e depois dos Caiado.

As bases da influência e força de pressão do sul de Goiás sobre a oligarquia dominante no Estado foram sem

---

<sup>46</sup> Arquivo Histórico Estadual. Abaixo-assinado de eleitores do Partido Democrata de Morrinhos exigindo a volta a conservação o grupo Bulhônico-

dúvida lançadas pelo Coronel Hermenegildo Lopes de Moraes, muito rico e influente em seu tempo. Ainda sob o governo dos Bulhões sempre figurava como um dos vice-presidentes do Estado. Esta influência sobreviveu à sua morte. Seus descendentes continuaram a ter intensa participação na estrutura política estadual. Os interesses semelhantes dos mandatários do sul com os do sudeste e sudoeste do Estado possibilitaram uma união como a dos Lopes de Moraes e Paranhos quando da defesa de seus interesses políticos e econômicos.

Estes muito pressionaram pela modernização da economia do Estado e inserção dele nos mercados do sudeste. Isto se viabilizou muito com a construção da ferrovia atravessando sua zona Sudeste que, através de Catalão vai ampliar as zonas pioneiras com a expansão do capital para o interior de Goiás.

A coesão gerou forte pressão pela ocupação de cargos políticos, participação nos quadros da Comissão executiva do partido e com isto a possibilidade de defesa da construção da ferrovia muito proclamada pelo Senador Hermenegildo, conforme acima mostra um trecho de seu discurso.

Além de grande expressão política local e regional, a família Lopes de Moraes e aliados procurava manter sua influência até em nível federal, a fim de conseguir dividendos políticos para o Estado e principalmente para o Sul-Sudeste-Sudoeste, áreas de economia mais dinâmica devida à expansão das frentes de expansão e frentes pioneiras e onde possuíam interesses econômicos.

O Senador Hermenegildo Lopes de Moraes, filho do Coronel, formou-se em direito em 1891 e já em 1894 elegia-se deputado federal, reelegendo-se diversas vezes. Foi eleito senador em 1909 e no mesmo ano, presidente do Estado (cargo que não assumiu devido ao movimento de 1909 articulado pelos Bulhões e coronéis descontentes com a política seguida pelo grupo de Xavier de Almeida, além de quererem retomar o controle político do Estado). Voltou à política durante a formação da Oligarquia chefiada pelos Caiado. Em 1918 tornou-se senador federal e morreu durante seu segundo mandato, em 1925.

Dr. Hermenegildo Lopes de Moraes Filho, desde 1895, empenhara-se para a liberação de recursos federais para a construção da ponte Afonso Pena. José Xavier de Almeida, quando deputado federal, também atuou no sentido de obter a aprovação de lei no sentido e liberação dos recursos necessários para a construção da referida ponte sobre o Rio Paranaíba, vital para as ligações comerciais do sul-Sudoeste do Estado com o Triângulo Mineiro e daí com São Paulo. O primeiro também conseguiu o prolongamento da linha telegráfica de St.<sup>a</sup> Rita do Paranaíba até Rio Verde num projeto que ia até Rio Bonito(Caiapônia); facilitando as comunicações com as áreas mais dinâmicas do sudoeste<sup>47</sup>. Além de se empenhar pela melhoria nos transportes, conseguiu do governo federal a aprovação de recursos para o estabelecimento de uma estação de monta em Morrinhos, objetivando a melhoria da qualidade do rebanho de gado bovino de corte para

---

<sup>47</sup> FONTES, Zilda Diniz. **Morrinhos: de capela a cidade dos Pomares.** Goiânia: Oriente, 1980. P.39 - 40.

exportação rumo ao sudeste. Tentou recursos para a construção de mais duas estações de monta para outras áreas do Estado

Segundo Fontes, a educação foi também uma das preocupações do Senador Hermenegildo, inclusive, pela doação de parte de sua herança destinada à construção de escolas como a do Colégio Senador Hermenegildo, em consórcio com a Igreja, em Morrinhos.

**TABELA 1****Representação Federal: Senado - Goiás - 1890 -1908.**

Nomes	Legislaturas						Freqüência	Profissão	Origem
	I	II	III	IV	V	VI			
1 - Joaquim José de Souza	X	X	X	X	X	X	06	Advogado/comerciante	Capital
2 - Antônio Amaro S. Canedo	X						01	Fazendeiro	Bonfim
3 - Antônio da Silva Paranhos	X						01	Fazendeiro/comerciante	Catalão
4 - J. Leopoldo de Bulhões		X	X	X			03	Advogado	Capital
5 - Antônio José Caiado		X	X				02	Fazendeiro	Capital
6 - F. Leopoldo R. Jardim				X	X		02	Fazendeiro/comerciante	Capital
7 - Urbano Coelho de Gouveia					X	X	02	Advogado/militar	Capital
8 - Braz Abrantes						X	01	Militar	Capital

Fontes: Apud, Silva, Ana Lúcia. **Revolução de 30 em Goiás. Tese de Doutoramento.**

- Dunshee de Abranches - **governos e Congresso da República: 1889 a 1917.** Rio .M Abranches, 1918.
- Augusto T. de Lyra - "**O Senado da República. 1980 - 1930**"em Revista do Instituto de História e Geografia Brasileira. Jan/ Mar, 1951. P.2-102.
- **Correio Oficial** - diversos números

**Tabela 2**  
**Representação Federal: Senado - Goiás - 1909-1930**

NOMES	LEGISLATURAS								FREQÜÊNCIA	PROFISSÃO	ORIGEM
	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV			
1-J. Leopoldo Bulhões J.	X	X	X						03	Advogado	Capital
2-Braz Abrantes	X	X							02	Militar	Capital
3-Luiz Gonzaga jayme	X	X	X	X					04	Advogado	Capital
4-Eugenio R. Jardim			X	X	X				03	Fazen./militar	Capital
5-Hermenegildo L. Moraes			X	X	X	X			03	Fazen./advogado	Morrinhos
6-Antônio Ramos Caiado			X	X	X	X	X	X	04	Fazen./ advogado	Capital
7-Olegário Herculano P.				X	X		X		02	Eng.º/Adv./Militar	D.Federal
8-Miguel da Rocha Lima							X	X	02	Fazen./Comerciante	Capital
9-Brasil Ramos Caiado								X	01	Fazendeiro/Médico	Capital

**FONTES:** APUD. SILVA, Ana Lúcia. *A Revolução de 30 em Goiás. Tese de Doutoramento, USP. 1984*

1- Dunshee de Abrantes - *Governo e Congresso da República: 1889 a 1917*. Rio de Janeiro: M. Abrantes, 1918.

2- Augusto Tavares de Lyra- "O Senado da República, 1890-1930"em Revista do Instituto de História e Geografia Brasileira. Jan/Mar, 1951, P.3-102

3- *Correio Oficial* - diversos Números

4- **Outras fontes** para os dados de profissão e origem..

TABELA 3

## REPRESENTAÇÃO FEDERAL: CÂMARA - GOIÁS - 1890-1908

NOMES	LEGISLATURAS						FREQUÊNICA	PROFISSÃO	ORIGEM
	I I I	I I I	II X X	I V	V	V I			
01-Sebastião Fleury Curado	X						01	Advogado	Capital
02-J.Leopoldo Bulhões Jardim	X						01	Advogado	Capital
03-João Alves de Castro	X	X	X				03	Advogado	Capital
04-Urbano Coelho de Gouveia	X	X	X				03	Advogado/Militar	Capital
05-Hermenegildo L. de Moraes	X	X	X	X			03	Fazen./Advogado	Morrinhos
06-Ovídio Abrantes	X	X	X	X	X	X	05	Militar	Capital
07-F.Leopoldo Rodrigues Jardim		X	X	X	X	X	01	Fazen./Comerciante	Capital
08-Joaquim Luiz T. Brandão			X	X			02	Fazendeiro	Pirenópolis
09-Frederico F. Lemos (1)				X			01	Comerciante	P. Nacional
10-Bernardo Antônio F.Albernaz					X		01	Fazen./Comerciante	Capital
11-Eduardo Arthur Sócrates						X	01	Militar	Capital
12-José Xavier de Almeida						X	01	Fazen./Advogado	Capital
13-Marcelo Francisco da Silva						X	01	Advogado	Capital

(1) Eleito não tomou posse.

**Fontes:** Apud, SILVA, Ana Lúcia. *A Revolução de 30 em Goiás*. Tese de Doutoramento, USP, 1984  
 Dunhee de Abranches - *Governos e Congresso da República: 1889 a 1917*. Rio de Janeiro:  
 - M. Abranches, 1918.  
 - *Correio Official* - diversos números  
 - *A Imprensa* - diversos números  
 - Outras fontes para os dados de profissão e origem

TABELA 4

## REPRESENTAÇÃO FEDERAL: CÂMARA - GOIÁS - 1909-1930

NOME	LEGISLATURAS								Freq.	PROFISSÃO	ORIGEM
	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV			
1- Antônio de Ramos Caiado	X	X	X	X					04	Fazen./ Advogado	Capital
2- Marcelo F. da Silva	X	X	X						03	Advogado	S.J. Tocantins
3- Eduardo Arthur Sócrates	X								01	Militar	Capital
4- Hermenegildo L. Moraes	X		X						02	Fazen./Advogado	Morrinhos
5- Francisco Aures Silva		X	X	X	X	X	X	X	07	Fazendeiro/Médico	Porto Nacional
6- Sebastião Fleury Curado		X		X	X	X	X	X	01	Advogado	Capital
7- Olegário Herculano S.P				X	X				02	Engº/Adv./Militar	R. Janeiro- R.J
8- Túlio Hostílio Jayme				X					01	Advogado	Capital
9- Ant.º Americano Brasil				X					01	Advogado	Luziânia
10-Joviano Alves Castro				X	X	X	X	X	04	Médico	Capital
11-Arthur Napoleão G.L.S.				X					01	Fazendeiro/Engº	Capital
12-João Alves de Castro				X					01	Advogado	Capital
13-Alfredo Lopes Moraes						X			01	Fazen./Advogado	Morrinhos
14-Lincoln Caiado Castro						X	X	X	02	Fazendeiro/Médico	Capital
15-César Cunha Bastos							X		01	Fazendeiro/Médico	Rio Verde

Fontes: Apud, SILVA, Ana Lúcia. **Revolução de 30 em Goiás**. Tese de doutoramento, USP.

- 1- **Correio Official** - diversos números
- 2- **O Democrata** - diversos números
- 3- **A Imprensa** - diversos números
- 4- Outras fontes para os dados de profissão e origem

A luta pela liberação de verbas federais para a melhoria nos transportes e comunicações do Estado como problemas máximos de Goiás, desenvolveu-se e foi a tônica em seus mandatos.<sup>48</sup>

O senador ao lutar pela melhoria das comunicações do Estado de Goiás com o Sudeste estimulou o estreitamento das relações com o Centro-Sul do país onde estavam estabelecidos os interesses do capital dos grandes centros capitalistas mundiais. Ao mesmo tempo discursava sobre as potencialidades do Estado e seu desenvolvimento econômico na medida que fossem construídas as vias de penetração em seu interior, principalmente a Via Férrea pelo sudeste do território goiano, conforme transcrição de suas palavras abaixo.

Em 1923 apelava para o governo federal atender às suas reivindicações em que "uma dellas diz respeito ao prolongamento da Estrada de Ferro de Goyaz, cujo avançamento os meus conterrâneos aguardam com impaciência, porque ella representa para elles o mais eficiente dos elementos de prosperidade. Os Goyanos não são indolentes; não são dos que se conservam inertes à beira da linha férrea, a ver, apathicamente , passar os trens. Não! À proporção que os trilhos lentamente avançam põem-se elles a trabalhar com intensidade, de modo a produzir mais do que o necessário ao consumo local, e, de tal arte agem que, apenas se inaugura uma

---

<sup>48</sup> MORAES, Hermenegildo L. de . **Em Prol de Goyaz - (no Senado e na Imprensa)**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922. P. 3-42.

*nova estação, enche-se imediatamente de productos a serem transportados.”<sup>49</sup>*

Percebe-se, assim, pelo discurso do senador, que na medida em que a linha avançava em Goiás, a economia desenvolvia-se aumentando a produção e produzindo um volume maior de mercadorias destinadas aos mercados; estes do sudeste. Isto mostra que os princípios defendidos pelo grupo de Morrinhos expressavam uma mentalidade modernizadora que era muito bem representada pelo Senador. O discurso mostra também de forma clara que ao mesmo tempo, na medida que a ferrovia se expandia, a economia se modernizava e aumentava a produção e consequentemente o aumento dos rendimentos do Estado.

Procura passar a idéia de que os goianos não são indolentes, preguiçosos; porém laboriosos.

Esta expansão é denominada, na conceituação de José de Souza Martins, de frente pioneira que ia incorporando a região do sul goiano pela economia de mercado ao estabelecer o avanço da fronteira econômica e suplantar a economia de excedente, quando esta já havia sido anteriormente implantada.<sup>50</sup>

Alfredo Lopes de Moraes foi outro que atuou como importante chefe no cenário político de Morrinhos, do Estado e mesmo na área federal. Ocupou a chefia do clã dos Lopes de Moraes com a morte do senador Hermenegildo, em 1925, e o afastamento de Xavier de Almeida da política. Foi deputado federal e em 1929, foi

<sup>49</sup> Discurso proferido na Sessão de 28 de Novembro de 1923, no Senado Federal, p. 4, In No cumprimento do dever. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924.

<sup>50</sup> MARTINS, José de Souza. Capitalismo e Tradicionalismo. São Paulo: Pioneira, 1975, P. 45.

eleito presidente do Estado de Goiás no mesmo ano; mas somente por pouco mais de um ano exerceu a função pois em agosto de 1930 licenciou-se do governo na iminência da Revolução de 30. Porém as causas de seu licenciamento não estão ligadas ao movimento de 1930. Na verdade as origens desta atitude estão ligadas ao mandonismo dos Caiado.

Segundo Fontes, a renúncia à presidência do Estado se deu devido à impossibilidade de fazer um governo livre da ingerência dos Caiado que dirigiam o Partido Democrático, lealdade para com o presidente Washington Luís, Júlio Prestes e o Partido democrata, o mesmo dos Caiado, pelo qual fora eleito, impossibilidade de remover obstáculos que tolhiam sua autonomia e respeito aos direitos constitucionais dos cidadãos e amizade que o ligava aos Caiado.<sup>51</sup>

Pelo exposto, o grupo de Morrinhos, apesar de estar nos quadros do partido controlado pelos Bulhões, que constituía a oligarquia hegemônica, possuía idéias "progressistas" se comparado com os grupos dominantes da capital.

Isto, certamente é devido a uma mentalidade modernizante oriunda da proximidade e estreitos contatos com o sudeste do país, através do Triângulo Mineiro, e mesmo pelas atividades mais ligadas a um tipo de ação econômica em moldes que se afastavam do tradicional e transitava para o de uma economia mais dinâmica, avançando para uma economia de mercado e a inserção de Goiás na economia nacional como área dependente e integrada ao capitalismo através do avanço da fronteira agrícola.

Desde os tempos do Cel. Hermenegildo as ligações com o triângulo Mineiro eram já muito estreitas. Procurou-se, com o senador Hermenegildo, uma maior inserção da região sul numa economia de mercado tirando o Estado do "isolamento" e de sua vida econômica que se caracterizava até então por atividades direcionadas fundamentalmente para uma economia de excedente tendo pouco excesso para exportações e portanto uma economia menos dinâmica do que a do sudeste.

A estrada de ferro, a construção da Ponte Afonso Pena sobre o Rio Paranaíba, a abertura de estradas e o avanço do telégrafo pelo sul e sudeste foram responsáveis pela integração do Estado à economia de mercado do sudeste do país e, para que tudo isto se materializasse, foi fundamental a ação dos Lopes de Moraes que tiveram a constante preocupação com o crescimento da riqueza do Estado e defesa de "princípios liberais"<sup>52</sup>.

### **3 - O governo Xavier de Almeida**

Os Bulhões, mesmo exercendo a hegemonia política no Estado de Goiás, tiveram que enfrentar oposição em constantes dissidências e para fazer frente a esta situação, procuravam articular-se de forma a poder

<sup>51</sup>FONTES , Zilda Diniz. Op. Cit., p. 29

<sup>52</sup> Se deu mais no discurso do que na prática, certamente pela reação dos Bulhões e Caiados, líderes dos partidos dos quais faziam parte e assim quase nada conseguiram neste sentido como atesta o discurso de Alfredo Lopes de Moraes, em 1929, quando foi indicado candidato a Presidente do Estado, dirigindo-se para a cúpula do Partido Democrata - controlado pelos Caiado - no banquete oferecido para comemorar o acontecimento.

continuar a controlar o poder no Estado. Eram constantes os choques com os grupos dissidentes a almejar a sua própria supremacia na direção do aparato estatal. Para as eleições de 1901, os Bulhões, temendo serem acusados de familiocracia e procurando evitar novas dissidências, apresentaram para candidato a presidente do Estado o nome de José Xavier de Almeida que não era da família, mas um aliado.

Em várias administrações ocupou funções estratégicas no governo.<sup>53</sup> Logo após a eleição e sua vitória devido ao consenso alcançado entre os Bulhões e os dissidentes, Xavier de Almeida passou a agir de forma cada vez mais independente dos Bulhões e para conseguir se consolidar no poder, formou um grupo opositor aos antigos dominantes. Aliou-se a coronéis do interior como Gonzaga Jayme, Sebastião Fleury, João Alves de Castro, Antônio Ramos Caiado, políticos de oposição ao Centro Republicano, partido dos Bulhões.

Através do casamento, Xavier de Almeida aliou-se aos Lopes de Moraes, de Morrinhos, ao contrair matrimônio com a filha do Cel Hermenegildo Lopes de Moraes, a Sra. Amélia Augusta de Moraes e Almeida, em 1901, pouco antes de assumir o poder. Assim obteve o suporte econômico indispensável através da riqueza e influência de seu sogro, que também era vice-presidente do Estado, além de respaldo político e influências do sul para viabilizar a adoção, num segundo momento de seu governo, de uma nova forma de governar de caráter

---

<sup>53</sup> SILVA, Ana Lúcia . **Revolução de 30 em Goiás** . Tese de doutoramento , USP. p. 60.

modernizante e racionalizador do Estado na medida em que procurava combater a ação econômica dos coronéis que faziam largo contrabando nas exportações, principalmente de gado, trazendo prejuízos para o erário público.

Nos primeiros anos, procurou consolidar-se buscando o apoio dos inimigos políticos dos Bulhões. Por outro lado, manteve em seus cargos administrativos, antigos auxiliares do governo anterior. A partir do terceiro ano de seus governo (1903) passou a agir com energia na fiscalização das rendas estaduais eliminando privilégios. Organizou as finanças do Estado, adotou um governo empreendedor, moralizador, administrativamente colocando os interesses do Estado acima das razões corporativas da classe.<sup>54</sup>

Desta forma procurou encarar o Estado como uma estrutura racional de um Estado Moderno contra a posição patrimonialista<sup>55</sup>. Até certo ponto conseguiu dotar o Estado de uma "postura moderna"

Porém, mesmo assim e, como fazia parte da sociedade vigente, não deixou de lançar mão de antigas práticas políticas da antiga oligarquia, principalmente no tocante ao sistema eleitoral, com a Lei dos Círculos eleitorais, a fim de garantir a vitória de elementos de seu grupo aos cargos públicos.

Em Mensagem enviada ao Congresso Estadual, em 1905, defende uma política de crescimento econômico equilibrado, sem endividamento como outros Estados da

<sup>54</sup> SILVA, Ana Lúcia. **Revolução de 30 em Goiás**. Tese de doutoramento, 1982.P.60 - 61.

<sup>55</sup>Patrimonialismo sendo visto como uma prática dos grupos dominantes tratarem o Estado como uma propriedade particular não distinguindo a esfera pública da privada.

federação faziam. Propõe o progresso do Estado com uma política de prudência, de economia e de modéstia, "pelo menos enquanto perdurarem as precárias condições do credito publico". Defende um impulso para educação, menciona os esforços desprendidos para a construção da Ponte Afonso Pena sobre o rio Paranaíba e que tem grande significado para os transportes no Estado; solicita esforços do Congresso para implementar a navegação no rio Tocantins e Araguaia, mostra a importância do avanço da linha férrea adentrando o Estado até Palmas com uma extensão superior a dois mil quilômetros, defende melhoria nos transportes para baratear os produtos e torná-los mais competitivos nos mercados de consumo. Propõe ainda a criação de uma escola de agronomia para melhorar os métodos de cultivo dos produtos.<sup>56</sup>

Também o governo empreendedor de Xavier de Almeida fez grandes esforços pela construção da Estrada de Ferro Goiás. "Com a ascensão política oligárquica, liderada por Xavier de Almeida, no início do século, a luta pela estrada de ferro em Goiás foi intensificada. Representantes goianos na Câmara Federal propunham, além da ligação do Estado ao Rio de Janeiro e São Paulo por vias férreas, a execução de planos ferroviários elaborados anteriormente que previam a interligação de Goiás a Cuibá."<sup>57</sup>

Segundo Artiaga, Xavier de Almeida "saneou o fôro que estava politisado: elevou e engrandeceu a educação; aumentou as renda públicas, acabando com o

<sup>56</sup>Mensagem do Presidente José Xavier de Almeida ao Congresso Legislativo Estadual, 1905. P. 4-37.

<sup>57</sup> Apud BORGES, Barsanufo Gomides. **Goiás: 'Modernização' e Crise - 1920-1960**. Tese de Doutoramento, USP, 1994, p.69.

*velho sistema de nomear cabos eleitorais para os póstos, como recompensa de serviços políticos, onde também buscavam dinheiro para as despesas do partido. Construiu estradas e pontes, e muita coisa fez sofrendo tremendos ataques da oposição, que era dirigida pelo Partido Republicano de Goiás.”<sup>58</sup>(partido criado e dirigido pelos Bulhões para combater o novo grupo no governo).*

Assim Xavier de Almeida atuou um pouco diferente de seus antecessores no campo administrativo. Na área política adotou mecanismos para formar seu próprio grupo político além de defender uma política modernizante do Estado, mas de forma a não depender do governo federal ou empréstimos que levassem o Estado a insolvência.

Pelas palavras dirigidas ao Congresso Legislativo, vê-se que, utilizando os parclos recursos do Estado(as receitas não eram muito grandes como se pode constatar pelos diversos relatórios da Secretaria de Finanças), o superávit era sempre pequeno, O governo de Xavier de Almeida propõe a inserção do Estado na economia de mercado, na medida do possível, e para isso é necessário a modernização da produção para aumentar a competitividade na colocação dos produtos goianos nos mercados nacionais e com pretensões até aos mercados externos.<sup>59</sup>

<sup>58</sup> ARTIAGA, Zoroastro. **História de Goiás**. Goiânia: Oriente, s.d., p.263.

<sup>59</sup>Mensagem do Presidente de Goiás ao Congresso Legislativo Estadual, 1905. “O governo do Estado, attendendo ao convite do Sr. Ministro da Indústria, nomeou uma comissão honoraria, sob a presidencia do dr. José Netto de Campos Carneiro, para angariar productos goyanos destinados á

Para viabilizar politicamente seu governo procurou adotar mecanismos que lhe dessem sustentação: política de conciliação, criação do Semanário Oficial (jornal oficial do governo), criação do jornal "A Imprensa" (porta voz do seu grupo), articulação com o governo da República sob a administração de Afonso Pena, seu aliado (para isso contou com a ação de seu cunhado, o senador Hermenegildo), modificações nos círculos eleitorais (artifícios para obter a vitória nas eleições de 1904.)<sup>60</sup>

Com o término de seu mandato, Xavier de Almeida foi substituído pelo Coronel Miguel da Rocha Lima, seu aliado político e que continuou com seu sistema de administração. Suas estratégias deram tão bons resultados, que conseguiu eleger 19 deputados entre 24 para o congresso estadual e em 1906, conseguiu a vitória de seu aliado, Braz Abrantes para o congresso Nacional, derrotando o próprio Leopoldo de Bulhões.

A política administrativa de Xavier de Almeida foi seguida por Rocha Lima, seu sucessor na presidência do Estado. Em 1907, o governo não poupar nem importantes chefes políticos locais de Morrinhos como O Major e depois Coronel Limírio Ribeiro Quinta e o Cel João Lopes Zedes, comerciantes da cidade de Morrinhos e aliados de Xavier de Almeida, que importaram mercadorias

---

*exposição de S. Luiz, nos Estados Unidos. [...] O Estado obteve seis premios: quatro medalhas de prata e duas de bronze.*

<sup>60</sup>SILVA, Ana Lúcia. Op. Cit., p. 61 - 63.

através da Recebedoria de Barreiras, sem pagar os impostos devidos.<sup>61</sup>

Ações deste tipo se tornaram a prática cotidiana. Agindo assim, levantou contra si os coronéis que não mais tinham as regalias advindas de sua posição social, econômica e política, gerando profundos descontentamentos e oposição ao governo de sua facção. Estes descontentamentos foram astutamente canalizados pelos Bulhões que almejavam retomar o controle sobre o aparelho do Estado.<sup>62</sup>

A cisão do grupo Xavierista intensificou-se por ocasião das eleições presidenciais, estaduais e senatoriais, de 1909, quando Xavier apresentou seu cunhado, para à presidência do Estado, o senador Hermenegildo Lopes de Moraes, agora o chefe do clã dos Lopes de Moraes; ao contrário do que Ana Lúcia em sua tese de doutoramento coloca "Xavier de Almeida insistiu em apresentar como candidato seu a presidência do Estado, Hermenegildo Lopes, seu sogro."<sup>63</sup> Isto não seria possível visto que este falecera em 15 de maio de 1905. Nas eleições de 1909, Xavier conseguiu que fosse eleito Hermenegildo, seu cunhado, que não conseguiu empossar-se como presidente do Estado e articulou seu próprio nome como candidato ao senado, rompendo acordo anterior com

<sup>61</sup> Arquivo Histórico Estadual. **Auto de Multa contra João Lopes Zedes e Limírio Ribeiro Quinta em 30/04/1907**, Cx. N° 06 - Morrinhos. De João Lopes Zedes cobrou-se multa sobre 634 kg. De Molhados, 408kg. de miudezas e 660 kg. de sal, totalizando 82.340 réis; de Limírio Ribeiro Quinta a multa sobre 127 volumes de mercadorias e 3.360 kg. de sal, totalizando 36.960 réis.

<sup>62</sup> Segundo Itami Campos, este teria sido o principal motivo da queda de seu grupo.

Gonzaga Jayme. Este, juntamente com os Caiado e sob a batuta orquestrada pelos Bulhões, articulou a oposição a Xavier de Almeida. Funda-se o Partido Democrata e amplia-se o grupo dos descontentes com a política fiscal do governo e portanto seus opositores.<sup>64</sup>

Entende-se a administração de José Xavier de Almeida relacionando suas bases econômicas de sustentação fundamentadas, principalmente em Morrinhos. Ao adotar uma política racionalizadora e moralizadora do estado, o governo procurava subordinar os coronéis tradicionalistas e patrimonialistas ao mesmo tempo que conseguia um saldo positivo nas contas entre receitas e despesas do Estado e patrocinar o avanço dos interesses e economia do sul do Estado, onde predominavam relações cada vez mais ditadas pela acumulação do capital e dominação sócio-econômica influenciadas pelo sudeste do país. Sua região-base tinha como epicentro a cidade de Morrinhos e seus mais importantes chefes políticos.

#### **4 – Movimento de 1909 e o Ostracismo dos Bulhões**

Os coronéis tradicionais da Oligarquia dos Bulhões ou ligados a ela viam o Estado de forma patrimonialista, ou seja, tratava a coisa pública como propriedade privada.

<sup>63</sup> SILVA, Ana Lúcia da. **A Revolução de 30 em Goiás**. Tese de Doutoramento, USP, 1992. P.63.

<sup>64</sup>Idem, p. 65.

Quando o governo modernizador e mais dinâmico de Xavier de Almeida se desviou, em vários aspectos, da política administrativa dos Bulhões como a de não sobretaxar os produtos agropecuários e sobre a terra,<sup>65</sup> fontes de poder de mando dos antigos coronéis, e passou a taxar os produtos exportados, principalmente o gado, a adotar uma política moralizadora na administração, afetou diretamente os interesses dos coronéis pelas medidas tomadas o que ocasionou o seu distanciamento e a consequente oposição.

Esta articula novas forças que assumissem o poder e adotam medidas que não reduzissem suas rendas através de uma política fiscal, como fizera o governo de Xavier de Almeida e de Rocha Lima e, ao mesmo tempo, restabelecer o antigo clientelismo político indicando para os cargos públicos, principalmente nas repartições de arrecadação, seus apaniguados políticos.

A oposição ao grupo de Xavier de Almeida, fortaleceu-se. Segundo Itami Campos “*a fim de pôr termo à dominação xavierista, os políticos de Goiás articularam um movimento sedicioso. Armas foram adquiridas. Os chefes políticos do interior, os ‘coronéis’ com gente de sua confiança foram sendo concentrados nos arredores da Capital. Foram organizadas duas legiões: uma composta de políticos do norte e outra de políticos do sul do Estado.*<sup>66</sup> Contou com a participação de vários municípios como Jataí, Rio Verde, Mineiros, Rio Bonito (Caiapônia), Corumbá, Ipameri (todos do Sul) e Anápolis, Corumbá,

---

<sup>65</sup>CAMPOS, Francisco Itami. *Coronelismo em Goiás*. Goiânia: UFG Editora, 1987. P. 70, 74.

<sup>66</sup> Idem, P. 73.

Pirenópolis, Jaraguá, S. José do Duro (todos do norte). Contando com 1.400 homens, os revoltosos tomaram a capital e depuseram de forma violenta o governo, impondo outro, o do terceiro vice-presidente que era de seu grupo. Com a morte de Afonso Pena e a ascensão de Nilo Peçanha, legitimou-se o novo grupo devido às ligações que o novo presidente da República mantinha com os Bulhões.<sup>67</sup>

Porém estes não conseguiram mais a plena hegemonia devido a desentendimentos da administração de Urbano Gouveia, do grupo bulhônico, com o governo federal, agora sob a presidência do Marechal Hermes da Fonseca<sup>68</sup>, inimigo dos Bulhões e desejando quebrar sua influência, acaba apoiando as pretensões dos Caiado.

Abriu-se, assim, uma brecha no sistema político estadual que favoreceu a ascensão dos Caiado com o chefe do clã, Antônio de Ramos Caiado, que passou a ditar as regras na política do Estado até o movimento de 1930 e a ascensão política de Pedro Ludovico Teixeira.<sup>69</sup>

Em 1915, com apenas 21 anos, Raul Nunes da Silva, filho do Coronel Pedro Nunes e intendente de

<sup>67</sup> SILVA, Ana Lúcia . **Revolução de 30 em Goiás** .Tese de doutoramento, USP, 1992. P. 66.

<sup>68</sup> Raul Nunes da Silva, político de Morrinhos assim o considera "Hermes da Fonseca! Perdoai-me, senhores e senhoras, se faltei com o decoro devido a sociedade, se o offendí o pudor, pronunciando este nome. Deixemos pingido ao pudor se despresa o homem que não soube respeitar a memoria de seus antepassados illustres, que rasgou as leis da sua patria, mandou assassinar pobres marinheiros, ordenou o bombardeio da cidade aberta, incendiou biblioteca, enlameou o exercito, complicou os nossos tribunais, espesinhou as mais robustas tradições de seu povo, dilapidou a fortuna publica, escravisou o pensamento, massacrou ruidosamente, intensamente a honra da nação."

<sup>69</sup> SILVA, Ana Lúcia, Op. Cit. P.63

Morrinhos de 1926 até a Revolução de 30 e com ela se torna o primeiro prefeito, sob o novo regime. Assim refletia sobre a sociedade goiana que via em seu tempo: criticava o sistema político tradicional liderado pelos caiado considerando-o arbitrário, desumano, o poder judiciário como um mero delegado da oligarquia dos caiado, seu barbarismo, falta de liberdade, etc. com isso sua postura denota uma aversão profunda pelos antigos valores e forma de funcionamento da sociedade. Seu pensamento aproximava-se dos ideais liberais. Ideais estes que certamente assimilou no sudeste, quando da sua passagem pela Academia.

Implicitamente está em seu discurso uma proposta de sociedade mais "democrática", na verdade liberal.

" *Goyaz possui equilibrio devido a poderosa lei da inercia. É apendice mostruoso e cavador de função. Não tem vontade propria, reflexos são todos os seus movimentos, todos as suas ações, pois lhe falta e essencial: o que no homem se chama cerebro e, no Estado, governo. O Estado é um organismo vivo, sem homem grande, no elegante pensar Aristotelico, tendo nos orgaos restrito e harmonicos, sons que vibram, celulas que sentem, membros que agem, cerebro que pensa. Logo a maneira do homem cujo cerebro se acha sob o império de seus fenômenos morbidos, incapazes portanto, de ebuição. - O Estado, na carência do governo, estará unicamente sujeito às influencias exteriores, recebendo e transmitindo-as inconscientemente, segundo as leis da*

atração e repulsão, as correntes centrifugas e centripetas.

Longe de precipitarmos individualidades, de intensificarmos ataques pessoais; fora de alcance da política que nos merece o mais profundo desprezo, entregue o nosso espirito exclusivamente a nobre paciente dos fenomenos sociais, vivendo nos livros e para os nossos livros, leve de paixão miseravel as atrações do meio, cuja coragem que nos são os anos e os nossos sentimentos, não nos levando perante os potentados, nem nos alcançando junto aos humildes.

Governo é ordem, é administração, é liberdade, é justiça, moralidade e direito.

Goyaz é "não minto", impressionante pela sua desordem organica, pela anarquia administrativa, pelo sentimento, pela injustiça, pela imoralidade, pelas afrontas aos mais puros direitos de nossa personalidade e, alheio as nossas mais prementes necessidades, apos horas encarcerado os dias e miseros filhos na masmorra hedionda da ignorancia arrancando-lhes das mãos o abc e lhes oferece como possui a sua nefanda covardia moral, funcionarios miseráveis, autoridades ineptas e arbitrarrias e, qual custosa gema, trabalhava em facetas camtiantes, corando de sua dadiva a perseguir a obra, suma política que assassina e zomba.

A magistratura goiana - e há verdadeira magistratura, ilustres sacerdotes do direito - é uma ilusão, pois o juiz é a mais das vezes um delegado da vontade dominada dos chefes.

Conhecemos num alto magistrado, num desses paranoicos perigosos que, ignorando das divinas virtudes de seus papas officio, senhor, transforma a toga de Cícero em

*tapete de Nero. É nesse largo tapete, pesado de oprobio e de lágrimas, tirano e servos entoam, aos sons dos gemidos de suas vítimas, as odes melodiosas da vingança.*

*Esse magistrado possui, todavia, uma grande virtude: sabe mentir com convicção*

*Ou ainda, através de pusina de nossa vida política, existem alguns reflexos de personalidade, alguma estabilidade nas nossas relações, alguns indícios de garantia individual é graças a acção de um homem, que não obstante as tempestades desencadeadas pelas reprimendas dispersivas da antiga, arregimentações sobre ser homem, foi pois ultrajado em alto graó, as poderosas faculdades da virtude. Soube e sabe querer.*

*Em breve, os goyanos que o garantem lhe serão amigos.*

*Nós nem bem lhe devemos: estrangulem-o*

*Clama clama...*

25/1/15<sup>70</sup>

Raul Nunes da Silva

A queda do grupo Xavierista significou um retrocesso das medidas racionalizadoras e modernizantes que adotara no Estado e de uma administração mais moderna e racional, através de uma ação fiscal mais efetiva e antipatrimonial, mesmo que não tenha conseguido fugir de muitas das práticas tradicionais da antiga oligarquia, como o jogo político e eleitoral.

Quanto à política econômica percebe-se muita diferença em relação a que vinha ocorrendo até então. Devido a estas posições modernizadoras e moralizadoras na cobrança de impostos que atingiam os

interesses dos coronéis, Campos acredita que está aí a explicação para a eclosão da "Revolução de 1909". "Observe-se que de 1901 a 1908, estão cinco das dez maiores participações da receita de exportação de gado na receita global do Estado, em toda a Primeira República".<sup>71</sup>

Após a "Revolução de 1909", Xavier de Almeida e os Lopes Moraes perderam muito de sua influência política. Porém, mesmo com o estabelecimento da oligarquia dos Caiado, houve um retorno dos últimos à política. Hermenegildo Lopes de Moraes Filho foi eleito senador em 1918, exerceu o cargo até sua morte, em 1925.

Durante todo o tempo continuou a defender seus princípios de modernização do Estado e estreitamento das ligações com o sudeste do país. Seu irmão, Alfredo, continuou a atuar na política como deputado federal na XIII legislatura e de 1929 a 1930 como presidente do Estado. Por um curto período e por interferência federal - interseção de Washington Luís e Júlio Prestes, amigos dos Lopes de Moraes - o Dr. Alfredo de Moraes ocupou a presidência do Estado.

Isto, porém, teve duração efêmera devido à falta de respaldo político por parte do Partido Democrata dominado pela oligarquia dos Caiado, associada com as pressões exercidas por eles sobre seu governo e princípios de tendência liberal. Isto porque a oligarquia dominante não queria perder o controle do aparelho do Estado.

<sup>70</sup> Arquivo particular de D.<sup>a</sup> Nina Nunes de Azeredo. Reflexões em caderno de Raul Nunes da Silva.

<sup>71</sup> CAMPOS, F. Itami. **Coronelismo em Goiás**. Goiânia: UFG Editora, 1987. P.74.

Quanto ao Dr. José Xavier de Almeida, após a "Revolução de 1909", ficou à margem das disputas políticas. Desiludido com a falta de apoio para implantar suas idéias, foi cuidar de suas fazendas na região de Morrinhos. Somente com a Aliança Liberal e a Revolução de 30, retomaram-se a defesa de parte de seus ideais de governo voltado para o "progresso" e a racionalização da administração com restrições aos privilégios das oligarquias rurais que viam o Estado como uma extensão de seus domínios.

O movimento de 1909 não garantiu o restabelecimento da hegemonia dos Bulhões, perdida em 1906. Somente durante o governo de Urbano Gouveia, a partir de 1909, da família dos Bulhões, estes tiveram um relativo controle da vida política do Estado. Após 1912, os Caiado através de seu líder máximo, Antônio de Ramos Caiado, o Totó Caiado, formaram uma oligarquia sob as férreas mãos de seu chefe e passaram a ditar as regras políticas do Estado até a Revolução de 1930 quando foram banidos da política estadual com a ascensão de Pedro Ludovico Teixeira ao poder, dissolvendo a influência da antiga oligarquia em Goiás.

Sob os Caiado forma-se uma nova oligarquia que procura, assumindo rigidamente a direção da Executiva do Partido Democrata, estabelecer um incontestável poder sobre a sociedade goiana.<sup>72</sup>

---

<sup>72</sup> CAMPOS, F. Itami. **Coronelismo em Goiás.** Goiânia: Editora UFG, 1987, p.78.

## Capítulo 3

### Goiás: Caiadismo e "tradicionalismo" ( 1909 - 1930 )

#### **1-Os Caiado e os políticos de Morrhinos**

A partir de 1909, a família Caiado liderada por Antônio de Ramos Caiado, começa uma acentuada ascensão política. Passa a disputar com os Bulhões a posse do poder, controla o Partido Democrata, procura fazer alianças no Estado e se articular com o governo Central do presidente Hermes da Fonseca, inimigo dos Bulhões, para assumir de fato o controle do aparelho do Estado. Os Lopes de Moraes tiveram um tratamento diferenciado: foram antigos aliados e no fim do governo dos Xavieristas, tornados inimigos e afastados do poder com a derrota do grupo. Porém devido as suas influências, tiveram forças suficientes para logo depois retornarem aos meios políticos.

Na área federal o retorno se deu com Hermenegildo Lopes de Moraes Filho, já em 1917, sendo eleito para o Senado Federal<sup>1</sup> e Alfredo Lopes de Moraes na XIII legislatura, em 1927, como deputado federal. Na esfera estadual ambos foram membros da Comissão Executiva do Partido Democrata. Até 1925, o primeiro. Após esta data, com sua morte, o irmão Alfredo

---

<sup>1</sup> LOBO, José. **Goiânos Ilustres**. Goiânia: Oriente, 1974.

assumiu seu lugar no cenário político Federal e na chefia do clã dos Lopes de Moraes.<sup>2</sup>

A oligarquia dos caiado, para se consolidar no poder, necessitava de aliados políticos e para isso buscou o apoio dos coronéis de uma pirâmide de cidades, as com maior expressão política e econômica na época: a Capital, Morrinhos e Porto Nacional. Tinha como meta estabelecer um rodízio de elementos oriundos das três cidades para a presidência do Estado, desde que se encaixasse em seus planos. Em 1917 foi feito um acordo com Francisco Ayres, de Porto Nacional e Hermenegildo Lopes de Moraes, de Morrinhos.<sup>3</sup>

Assim como os Bulhões, os Caiado mantiveram uma estrutura de mando que se primava pela defesa de uma forma tradicional de mando, segundo as regras estabelecidas pela política dos governadores em que os mandatários locais praticavam desmandos sem nenhuma impunidade em troca de apoio à oligarquia Caiado. A continuidade da prática da política dos governadores, inaugurada no governo do presidente Campos Sales continuou a ser a tônica. Os próprios oligarcas, quando se sentiam ameaçados, não hesitavam em massacrar os opositores para impedir a ascensão de outro grupo ao poder estadual.

O descaso da oligarquia dos Caiado para com o avanço da economia de mercado continuou a ser a tônica, assim como os Bulhões anteriormente haviam encarado a inserção do Goiás na economia nacional como área complementar fornecedora de produtos da agropecuária à economia de mercado.<sup>4</sup>

<sup>2</sup>SILVA, Ana Lúcia. **A Revolução de 30 em Goiás**. Tese de Doutoramento. São Paulo: USP, 1982.

<sup>3</sup> BORDONNI, Luiz Carlos. Caiadismo – Império de Sangue e Impunidade. Jornal Opção, Goiânia, 3-9 de novembro de 1996, p. A-11.

<sup>4</sup> MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Pedro Ludovico: Um Tempo, Um Carisma, Uma História**. Goiânia: Cegraf, 1990, p. 36.

A exemplo da adoção da política baseada no pacto oligárquico-coronelístico, pode-se aventar o caso de São José do Duro(atual Dianópolis) onde o coronel local, Joaquim Wolney e seu filho Abílio Wolney(este era advogado e depois também tornou-se coronel, após a compra da patente ao governo federal) começaram a fazer oposição ao governo da oligarquia dominante dos Bulhões e depois, dos Caiado.

Os Wolney procuravam aumentar seu poder político partindo do norte para a capital do Estado; principalmente através da constante ação de Abílio nas persistentes disputas por cargos políticos, apesar da oposição dos Caiado. Os primeiros, por sua vez, não fugiam as práticas tradicionais de mandonismo local no tratamento com seus subordinados; proprietários menores e despossuídos que no norte se submetiam aos ditames do velho coronel Joaquim, homem que já havia ocupado cargo público e certamente usufruído das benesses do poder para se enriquecer e estabelecer imensa influência na região com a acumulação de grande fortuna pessoal e daí, o controle sócio-político sobre a região.

Diante da ascensão política e postura independente e crítica aos Caiados, estes não admitiram a rebeldia e articularam armadilhas para destruir os opositores do norte do Estado que queriam uma maior proeminência política no Estado. A repressão aos coronéis do Duro foi violenta, resultando em massacre do Coronel Joaquim Wolney e seus parentes, escampando, porém, o filho, Abílio, que recrutando cangaceiros na Bahia, formou uma respeitosa força capaz de derrotar os partidários dos Caiado, no governo da cidade.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> DOLES, Dalísia Elizabeth Martins. Aspectos Econômicos e Sociais do Coronelismo em Goiás In **Cadernos de Pesquisa - II**- Departamento de Ciências Humanas Goiânia:13-19, 1977. Ver também BORDONNI, Luiz Carlos. Caiadismo -

Assim, os Caiado não admitiam ninguém que lhes contestasse a hegemonia. A formação de seu poder, remonta ainda ao governo dos Bulhões mas se consolida de fato após a queda do Grupo Xavierista.

A "Revolução de 1909" que depôs o grupo político liderado por José Xavier de Almeida, abriu brecha para a formação da oligarquia dos Caiado. Desde 1883 um Caiado, Antônio José Caiado, já participava do jogo político na Província de Goiás; porém sob a direção dos Bulhões, então a família com maior influência política em Goiás. Juntamente com os Bulhões ajudou a fundar, em 1890, o Partido Republicano em Goiás e a lutar pela implantação da república. Estava, portanto, perfeitamente integrado aos quadros do grupo que veio a se constituir na Oligarquia hegemônica a partir da renúncia de Deodoro e dominante até 1901, com a ascensão de Xavier de Almeida.

Como Presidente do Estado, Antônio José Caiado tomou uma série de medidas que vinha ao encontro aos interesses de seu grupo como a implantação do Superior Tribunal de Justiça(1893) composto por desembargadores bulhonistas.

"Estabeleceu regras para a mineração do Rio Vermelho que só os ligados a Leopoldo de Bulhões poderiam cumpri-las. Criou a Lei do Selo, onde a aquisição de estampilha garantia a propriedade da terra a quem a estivesse ocupando no momento. Essa lei entrou em vigor num dia, seu efeito teve validade de apenas 24 horas e, segundo a história oral, só os Caiado, seus parentes e bulhionistas

*tomaram conhecimento dela e tornaram-se, assim, proprietários de várias extensões de terras ao redor da antiga capital.<sup>6</sup>*

A ascensão de Xavier de Almeida apoiado pelos Bulhões, a princípio, mas rompendo com estes e tendo como base de sustentação os Lopes de Moraes, de Morrinhos, com quem se unira através de laços familiares, além de contar com o apoio dos coronéis dissidentes do interior, não significou o ostracismo dos Caiado. Xavier de Almeida necessitava de apoio político para se opor aos Bulhões e a família Caiado era uma das mais importantes do Estado. Assim Antônio de Ramos Caiado foi convidado para participar do governo.<sup>7</sup> Exerceu o cargo de Secretário de Estado até 1908 quando rompeu com o Grupo Xavierista.

Este rompimento já prenunciava a política que os Caiado seguiriam daí por diante. O "Totó Brabeza" já tinha planos mais elevados de ascensão ao poder maior no Estado. Procurou se aliar aos opositores do Grupo Xavier de Almeida como os Bulhões e outros dissidentes como Braz Abrantes, Gonzaga Jayme, Sebastião Fleury. Mesmo com esta atitude, os Xavieristas, nas eleições de Janeiro de 1909, concederam o diploma de candidato eleito a Antônio de Ramos Caiado<sup>8</sup>.

Isto certamente foi feito para obter novamente seu apoio para o grupo que passava por forte pressão frente a aposição representada pelo Partido Democrata, fundado em Janeiro de 1909. Apesar disso, Totó Caiado não se sensibilizou. Os membros do Partido Democrata do qual fazia

<sup>6</sup> BORDONNI, Luiz Carlos. Caiadismo - Império de Sangue e Impunidade. Jornal Opção, Goiânia, 3-9 de novembro de 1996, p. A- 11.

<sup>7</sup> A Imprensa. Goiás. 19/12/1904.

<sup>8</sup> ROSA, Maria Luíza Araújo. **Dos Bulhões aos Caiado**. Brasília: UNB, s.d. p. 114-116.

parte, se fortaleciam frente ao governo. No mesmo ano de 1909, os opositores fizeram a "Revolução de 1909" que reestruturou a política no Estado com a ascensão do Partido Democrata tendo os Bulhões a frente.

O período que se segue teve Urbano Gouveia, da família dos Bulhões, no poder até 1912. Isto, porém não fortaleceu os Bulhões que não conseguiram mais se consolidar no poder como uma oligarquia poderosa como anteriormente havia sido. As alianças feitas não resultaram em um congraçamento que fortalecesse os antigos oligarcas. Mesmo que Urbano Gouveia tenha subido ao poder, como representante dos Bulhões. Enquanto isso, os Caiados se projetavam cada vez mais. Desta forma, o presidente acabou por deixar o poder. As causas de sua saída teriam sido resultado de desprestígio na área federal e falta de apoio no Estado.<sup>9</sup>

O Partido Democrata foi reestruturado sendo expurgados os bulhionistas de suas fileiras. Estes, por sua vez, formam o Partido Republicano de Goiás.<sup>10</sup>

Durante o período de 1912 a 1917 não chegou a haver hegemonia de uma oligarquia, mas sim o controle do poder por um grupo constituído pelo Partido Democrata. A partir de 1917 se torna Presidente do Estado um membro da família Caiado. *"Integrante da família Caiado, João Alves de Castro vai ser, além de catalisador de chefes políticos ainda divergentes, fator de fortalecimento da composição política 'democrática', já que os Alves de Castro a partir daí vão se tornar elementos fundamentais dos quadros do poder estadual."*<sup>11</sup>

<sup>9</sup> CAMPOS, F. Itami. **Coronelismo em Goiás**. Goiânia: UFG Editora, 1987, p. 77-78.

<sup>10</sup> CAMPOS, F. Itami. **Coronelismo em Goiás**. Goiânia: UFG Editora, 1987, p. 77-78.

Mesmo que em nível estadual Antônio de Ramos Caiado não assumisse cargos políticos, após a saída de Urbano Gouveia, em 1912 e, ainda sempre estivesse na capital federal ocupando um cargo de deputado federal ou de Senador por Goiás<sup>12</sup>, na verdade as regras políticas eram ditadas por ele. Os presidentes do Estado eram figuras meramente decorativas<sup>13</sup>.

Segundo Maria Cristina Teixeira Machado, ao consultar a correspondência de Totó Caiado os assuntos sempre giram em torno de fatos políticos, de favores pessoais e nunca em direção à comunidade.<sup>14</sup> Isto, no mínimo, denota a não preocupação da oligarquia no poder com o avanço da economia de mercado, com o "progresso capitalista" e a modernização das estruturas sócio-econômicas e mesmo políticas vigentes, que certamente minaria as bases de seu poder e influência política no Estado.

Por outro lado, os setores dominantes do sul, sudeste e sudoeste do Estado exigiam justamente uma política que estimulasse o avanço das práticas modernizadoras. A exemplo de José Xavier de Almeida<sup>15</sup>, Hermenegildo Lopes de Moraes e Alfredo Lopes de Moraes que tinham propostas de modernização. De interligação da economia e por extensões outras práticas que se configurassesem em "modernização para a sociedade goiana".<sup>16</sup>

<sup>11</sup> Idem, p. 78

<sup>12</sup> Ver tabelas 1-4 no capítulo II.

<sup>13</sup> MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Pedro Ludovico: Um Tempo, Um Carisma, Uma História.** Goiânia: Cegraf, 1990, p. 36.

<sup>14</sup> Idem, p. 36

<sup>15</sup> Mesmo tendo origens na Cidade de Goiás, José Xavier de Almeida tornou um político de Morrinhos e em consonância com seus principais políticos, os Lopes de Moraes, da família dos quais se tornou membro (em 1901 através do seu casamento com Amélia Lopes de Moraes, filha do Cel. Hermenegildo) e aliado político.

<sup>16</sup> Pelo discurso e prática, a defesa da modernização não tinha de fato a preocupação em criar progresso, no sentido de gerar um bem-estar maior para todos. O fundamental, na verdade, era atualizar o Estado e colocá-lo em consonância com as áreas de capitalismo mais desenvolvido numa situação de

Desde o final do século passado os políticos de Morrinhos procuravam uma maior aproximação com o sudeste e este possuía interesses em estreitar os laços econômicos com Goiás.

Em 25/11/1895, a Câmara Municipal de Morrinhos dirigia um ofício à Diretoria de Instrução, Indústria e Terras e Obras Públicas, solicitando apoio para um projeto de construção de uma estrada de rodagem ligando Morrinhos a São Pedro de Uberabinha (Uberlândia), ver anexos. Este projeto partira dos interesses do Triângulo Mineiro em estabelecer estreitas conexões com o sul de Goiás e daí com o restante do Estado. Por outro lado o grupo dominante na cidade se interessava pelo projeto.<sup>17</sup>

Os mandatários da cidade, através de sua Câmara Municipal, se empenharam na execução do projeto, inclusive oferecendo mão-de-obra gratuita na construção do trecho de Morrinhos até a barranca do Paranaíba, competindo ao Estado apenas fornecer recursos no valor de quatro contos de réis, para o sustento dos trabalhadores. Como teriam tantos trabalhadores fazendo todo o serviço de graça? Certamente o controle social dos coronéis sobre a sociedade local era suficientemente forte para conseguir esta realização com pouco ônus para o Estado.

Para garantir a aprovação por parte do Presidente do Estado, procurou-se mostrar as vantagens na maior facilidade de exportação de gado pois a estrada aventada se conectararia com a Estrada de Ferro Mogiana em Uberlândia e daí

---

fornecedor de artigos acessórios e complementares para os centros de economia mais dinâmica.

com os principais mercados do sudeste, o estímulo ao aumento do comércio com o Sudeste do país, maiores facilidades de deter o contrabando ao convergir o movimento para uma só estrada. A estrada acabou sendo construída com a aprovação do governo Estadual.<sup>18</sup>

Curioso é o fato de como a Câmara Municipal se dirigia ao Presidente do Estado: praticamente se impunha, já anunciando o início das obras da estrada (ver anexos). Na época o Coronel Hermenegildo já era o maior mandatário da região e estava imiscuído na política do Estado como um potentado, inclusive por já ser considerado, segundo vários especialistas, como o homem mais rico de Goiás em seu tempo.

Mesmo estando articulados politicamente com as oligarquias dominantes como a dos Bulhões e depois a dos Caiado, os políticos de Morrinhos continuavam com interesses políticos e econômicos que distavam em vários aspectos dos da oligarquia dominante, seja qual fosse os donos do poder estadual. Assim como desde a época dos Bulhões, conforme já mencionado, e depois com o governo dos Caiado, O conflito, pois, era latente.

Mesmo fazendo parte do partido da oligarquia dominante, primeiro os Moraes deram apoio a dissidência encabeçada por José Xavier de Almeida, quando da sua ascensão à Presidência do Estado,(elemento de mentalidade mais progressista no sentido capitalista do termo, ou seja, visando modernizar as estruturas econômicas e políticas e ampliar a economia de mercado com o avanço das estradas e a integração do Estado à economia do sudeste do país).

---

<sup>17</sup> Arquivo Histórico de Goiás. Cx. N.º 04 - Ofício da Câmara Municipal de Morrinhos à Diretoria de Instrução, Indústria e Terras e Obras Públicas.

Num segundo momento, houve "choques" com os Caiado que estavam com o poder enfeixado fortemente em suas mãos. Porém não havia um contexto histórico favorável para a adoção de uma nova ruptura, agora com os Caiado. As "alianças" com os Caiado foram necessárias, no contexto da época, visando a possibilidade de continuarem, de alguma forma, participando do poder político e tentando viabilizar, pelo menos parte de suas idéias com o intuito de implantar práticas condizentes com as necessidades da economia de mercado além de, certamente, almejar o controle do poder político.

Em 1917, o Senador Hermenegildo Lopes de Moraes recupera muito da importância política perdida com a "Revolução de 1909". Em diversos discursos e projetos defendidos na Câmara e no Senado Federal, o Senador defende a modernização do Estado através das Estações de Monta, construção da ferrovia até o Araguaia, linha telegráfica ligando o sul à Capital do Estado e ao sudoeste goiano, Campo Experimental de Fumo e Patronato Agrícola, viabilização da navegação do rio Tocantins e seus afluentes além de estradas de rodagem.<sup>19</sup>

"Já a Lei da Despesa para o exercício de 1923 (Lei número 4.632, de 6 de janeiro de 1923), reproduzindo por iniciativa minha identica disposição dispunha da Lei de Despesas para 1923, dispunha:

Art. 89. Continúa em vigor o art. 99, n.º 8, da lei número 4.555, de 10 de agosto de 1922, que dispõe: 'É o governo

<sup>18</sup> Arquivo Histórico Estadual, Cx. N.º 04 - Documentos da Câmara Municipal. (ver anexo).

<sup>19</sup>MORAES, Hermenegildo Lopes de. **Em Prol de Goyaz**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922,p.3-42; e MORAES, Hermenegildo Lopes de. **No Cumprimento do Dever**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924,P.4-21

autorizado a abrir os necessários créditos para pagamento ás municipalidades e particulares, que já o requereram ou requererem (*sic*) de auxílios para a construção de estradas de rodagem, feitas até 31 de dezembro de 1921, uma vez verificado terem sido as mesmas construídas de acordo com as condições estipuladas pelo Ministério da Agricultura.'

Não tendo o Governo aberto os créditos necessários ao cumprimento desta disposição até então, e estando á findar-se o exercício, foi na Câmara dos Deputados apresentada uma emenda ao Orçamento da Agricultura quando em discussão alli, revigorando-a para o corrente, mas fixando em....2.000:000\$ o credito, não só para o pagamento dos auxílios, o que nos levou a formular, por occasião da discussão do dito Orçamento, no Senado, a seguinte emenda:

' Ao Art. 2º, n. VI - eleva-se a 4.000:000\$ a importância concedida para attender aos pagamentos que, por falta de recursos orçamentários, deixaram de ser feitos aos plantadores de eucalyptus e outras essenciais, e ás emprezas ou particulares que construiram estradas de rodagem até 31 de dezembro de 1921, desde que uns e outros tenham preenchido as condições legaes de que dependiam as concessões de premios concernentes a tais cultura ou construções', incluindo-se também as municipalidades e eliminando-se a parte final, que manda tornar esta disposição extensiva aos premios e auxílios previstos no art. 2º, ns. III, IV e V, da presente lei."<sup>20</sup>

Hermenegildo Lopes de Moraes

Olegário Pinto

---

<sup>20</sup> MORAES, Hermenegildo Lopes de. **No Cumprimento do Dever.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924, p.17-19.

Para justificar a requisição de recursos para pagar a particulares, às municipalidades e a empresas, pela construção de estradas, o senador argumenta o tamanho da quilometragem já inspecionada pelo Ministério da Agricultura no valor total de 2.971 ks,787. Minas Gerais no total de 887.260; Goyaz 1.578.280; São Paulo 484.347 e Pernambuco com 21.900.<sup>21</sup>

Segundo o Senador, em 1924 estava assim distribuída a quilometragem das estradas de rodagem para automóveis em Goiás:

	Kilometros
Anhanguera a Corumbahyba	60
Ipameri a Formosa	432
Ipameri a Caldas	64
Roncador a Annapolis	203
Roncador a Curralinho	320
Curralinho a Capital	42
Curralinho a Annapolis	155
Annapolis a Perynopolis	91
Bonfim a Formosa	282
Bonfim a Bella Vista	70
Bella Vista a Caldas Novas	102
Caldas Novas a Morrinhos	66
Morrinhos a S. Rita do Paranayba	105
Morrinhos a Pouso Alto	52
Morrinhos a Burity Alegre	42
Burity Alegre a Santa Rita do Paranahyba	40
Santa Rita do Paranahyba a Mineiros	494
Rio verde a Rio Bonito	142
Goyaz a Itapirapuan	72

---

<sup>21</sup>No Cumprimento do Dever. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924, p.17-19.

Pouso Alto a Trindade	74
Trindade a Palmeiras	83
Pernopolis a São Francisco	42
Total	3.033

Fonte: MORAES, Hermenegildo Lopes. **No Cumprimento do Dever.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924, p.21

Segundo o que foi ventilado no capítulo anterior, no tocante ao avanço da ferrovia por Goiás adentro e o estabelecimento de Estações de Monta, O Senador Hermenegildo menciona a Lei:

*'Fica o governo autorizado a crear no Estado de Goyaz três estações de Monta, nos termos do decreto n. 13.011, de 4 de maio de 1918, podendo para esse fim abrir creditos até 200.000\$000' Esta medida consigna uma medida de elevado alcance para o desenvolvimento da principal das industrias e da maior fonte de riqueza do meu Estado. O censo pecuário levantado pelo Ministério da Agricultura evidentemente incompleto, compita em cerca de dois milhões e quinhentos mil, o numero de cabeças de gado bovino que vive no território goyano, sendo as demais especies assim representadas: suinos, 1.225.680; equinos, 265.330; ovinos, 78.040; caprinos, 83.800; asininos e muares, 94.950'<sup>22</sup>.*

Além disto foram constantes os projetos postulando junto do governo federal recursos para o

---

<sup>22</sup> MORAES, Hermenegildo Lopes de. **Em Prol de Goyaz.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922, p.13

estabelecimento da navegação do rio Tocantins e seus afluentes. Hermenegildo propunha uma intercalação do transporte fluvial do Tocantins com uma ferrovia, que para ser construída seria criado uma companhia, nos trechos em que o rio era encachoeirado. Pretendia a ligação de Goiás com a região norte e nordeste do país.

*"A realização do objetivo da companhia, pois viria concorrer para o desenvolvimento de riquíssimas regiões dos, Estados do Pará, Mato Grosso, Maranhão, Bahia e Goyaz, cobertas de inúmeras florestas naturaes e vastas campinas, que se prestam admiravelmente a criação e que apenas precisam de meios de transporte para se transformarem em grandes centros productivos e industriaes."<sup>23</sup>.*

A construção da linha telegráfica até Jataí passando por Rio Verde, já um centro econômico de grande importância na década de 20, foi outra cara reivindicação e que acabou sendo atendida pelo governo federal<sup>24</sup>

Quanto ao estabelecimento de Campo Experimental de Fumo e do Patronato Agrícola, o senador elogia o estabelecimento de subvenções federais para a implantação de diversos campos, em vários Estados.

Reivindica também para Goiás igual tratamento:

*"Ora, entre os centros productores de fumo do paiz se encontra o Estado de Goyaz como um dos mais importantes. Impõe-se, por isso, a criação alli de um estabelecimento desta*

<sup>23</sup>Idem, p.3. Visava com estas Estações, desenvolver campos experimentais para a pesquisa e seleção genética do rebanho bovino para corte. Como era o principal produto de exportação do Estado, deveria ser aperfeiçoado para aumentar a lucratividade.

<sup>24</sup> Idem, p. 6,9.A construção da linha telegráfica interligando o Sul com o Sudoeste e a capital era de vital importância visto que a economia mais dinâmica do Estado situava-se nestas regiões. Os Lopes de Moraes também tinham interesses no sudoeste goiano por possuírem fazendas em Rio Verde, Paraúna, Bom Jesus.

*natureza, que habilite os seus cultivadores, que desconhecem os modernos processos adoptados nesta lavoura, a preparar um produto capaz de ser levado aos mercados consumidores, quer do paiz, quer do estrangeiro" "este escopo, para ser alcançado, está a exigir novos conhecimentos por parte dos agricultores que se dedicam a essa exploração, modificando-lhes, tanto os methodos propriamente de cultivo, como os de tratamento do produto(fermentação e secagem), reunindo destarte os requisitos que tornem o produto, e, portanto, a cultura, uma fonte permanente de riqueza".<sup>25</sup>*

Prega, assim, a exploração racional da terra e da sua utilização para o cultivo, com o fim de aumentar qualitativamente e quantitativamente a produção e criar condições para uma concorrência em que o Estado tenha condições de competir com outros produtores. Para baratear a produção e resolver problemas sociais, propôs a implementação de patronatos agrícolas em Goiás, assim como estava ocorrendo em outros Estados. Isto para "prover os desvalidos sociais" que ao invés de serem nocivos à sociedade, seriam elementos de riqueza nacional ao terem ocupações e se profissionalizarem como "operários qualificados".

Pelo que se pode perceber, havia diferenças substanciais entre as diretrizes econômicas seguidas pelos Caiados e os Lopes de Moraes. Os primeiros, conforme mencionado, não se preocupavam com a questão do avanço da economia de mercado, mas ficavam a se deterem em articulações políticas e nas práticas tradicionais do coronelismo como a política de compromisso, o clientelismo, a familiocracia, o mandonismo local tendo no ápice do poder da oligarquia, Antônio de Ramos Caiado, de fato, reinante absoluto em Goiás de 1912 a 1930.

---

<sup>25</sup> Idem, p.25-27.

Já os segundos mesmo fazendo parte da estrutura política do Partido Democrático (na verdade manobrado por Totó Caiado), tinham uma postura diferente ao defenderem uma política econômica modernizante e com maior proximidade com centros econômicos de economia mais dinâmica como o sudeste e, inclusive se espelhando na técnicas econômicas praticadas nos Estados Unidos, que já na década de 20 era a maior potência capitalista do planeta.<sup>26</sup>

Enquanto no campo político o coronelismo mais tradicionalista era praticado pelo Caiadismo em seus diversos aspectos: seja político, social ou econômico, e plenamente personificado pela figura e ações de Antônio de Ramos Caiado; os Lopes de Moraes e Xavier de Almeida eram tidos como de índole pacífica, desde os tempos do Coronel Hermenegildo, passando pelo Senador, seu homônimo, por José Xavier de Almeida, até Alfredo Lopes de Moraes, apelidado de "Alfredo mole de mais" e até hoje, de fala corrente na cidade. Na mentalidade da população da época, o coronel deveria ser do tipo "macho" quanto às suas ações e ao poder de mando sobre seus inimigos e sua clientela. Certamente pelo Dr. Alfredo não ter enfrentado os Caiado nos anos 29 e 30 e imposto um governo independente da oligarquia, levou este cognome.

Se os Lopes de Moraes adotaram uma rígida ação em algum aspecto dentro dos ditames tradicionais do restante do Estado, nada se comprova. Na documentação existente sobre suas ações seja na economia, na sociedade ou mesmo na política, nada denota que tivessem hábitos como os de um Leopoldo de Bulhões, um Totó Caiado, ou mesmo ao que se assemelhasse ao do famoso coronel baiano, Horácio de Matos, que utilizavam-se muito da violência sob diversos aspectos.

---

<sup>26</sup> MORAES, Hermenegildo Lopes de. Em Prol de Goyaz. (No Senado e na Imprensa). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922, p.26.

Segundo Maria Lúcia Fonseca, a violência política e o abuso de poder por parte dos coronéis de Morrinhos é difícil de ser comprovado pois a literatura local não retrata nada que os comprove.<sup>27</sup> Também em nível local, a memória popular nada menciona sobre isso.

Porém o coronelismo com o que havia de mais tradicional dentro das suas práticas fundamentais, não foi alheio ao sul de Goiás e a Morrinhos, especificamente. Isto porque a região fazia parte de um Estado controlado por uma oligarquia que impunha-se com mão-de-ferro o poder. Porém, o sul de Goiás já de economia mais dinâmica e ditada cada vez mais pelo avanço das Frentes de Expansão e Frentes Pioneiras, reorientava sua sociedade para um tipo "sui generis" de coronelismo em relação a outras áreas do Estado. As ligações com o sudeste do país e deste com o capitalismo internacional exigia um tipo diferente de relações sócio-econômicas e políticas que aproximava-se mais das relações cada vez mais capitalistas, principalmente em relação à economia.

Isto não que dizer que não houvessem práticas que marcassem o tradicional coronelismo. Muitos dos vícios, tradicionalmente praticados pelas oligarquias foram adotados em determinados momentos. A exemplo, a criação de círculos eleitorais, em 1904, pelo governo Xavier de Almeida<sup>28</sup>, que atendesse aos interesses políticos do grupo e que garantisse a vitória dos Xavieristas na sucessão de José Xavier de Almeida.<sup>29</sup>

Em nível municipal havia o mandonismo local com o monopólio do poder nas mãos de um grupo restrito. Os Lopes de Moraes juntamente com os Nunes da Silva, ligados através de laços matrimoniais, ditavam as regras do jogo político na

<sup>27</sup> FONSECA, Maria Lúcia. **Coronelismo e Cotidiano - Morrinhos 1889-1930** In CHAUL, Nars Fayad.(Coordenador) **Coronelismo em Goiás: Estudos de Casos e Famílias**. Goiânia: Editora Kelps,1998, p. 132.

<sup>28</sup> Ver tabela III.1

cidade<sup>30</sup> e áreas circunvizinhas como Piracanjuba, onde residia os influentes Amorim, também ligados aos Lopes de Moraes através de casamento.

Na cidade, outros coronéis de menor envergadura como os comerciantes Coronel João Lopes Zedes<sup>31</sup> e Limírio Ribeiro Quinta além do Major Evaristo Frauzino, todos da Guarda Nacional, eram aliados e portanto tinha participação na estrutura política local ocupando cargos de intendentes, vereadores, delegados literários (substitutos dos antigos inspetores paroquiais - encarregados de gerir os negócios relativos a educação).

As vezes o coronel que fazia parte da Banca Examinadora<sup>32</sup>, tinha filho que era examinado e classificado com as melhores notas. A exemplo pode-se citar o caso da presença do examinador, na época, Capitão João Lopes Zedes(presidente do Conselho Municipal) no Termo de Exame na qualidade de examinar sendo que seu filho, seu homônimo, aprovado com nota = Ótima. Por outro lado, o Coronel Pedro Nunes da Silva era o Delegado Literário( hoje Delegado de Educação).

Não se conhece uma oposição ao grupo dominante no município e talvez por isso os Lopes de Moraes sejam tidos como os perfeitamente corretos e pacíficos. A ausência de conflitos, pelo menos algum de maior expressão, com outros coronéis não gerou um clima de instabilidade política local.

<sup>29</sup> SILVA, Ana Lúcia. **A Revolução de 30 em Goiás**. São Paulo, Tese de Doutoramento, 1982, p. 63.

<sup>30</sup> Arquivo Histórico Estadual. Cx. N ° 06 - nas Atas de eleições os candidatos coronéis ou seus aliados ganhavam a quase totalidade dos votos.

<sup>31</sup> VIEIRA, Bruno José. **Morrinhos ao Som da Lira**. Morrinhos: Edição pessoal, s.d. p. 34-37. O referido personagem era um típico coronel de uma mentalidade onde ele deveria ser sempre o melhor em suas habilidades. Era músico e tocava trompete. Ele dizia que se aparecesse alguém que tocasse pistom melhor do que ele, neste dia deixaria de ser músico. O fato aconteceu e em cumprimento da palavra empenhada, abandonou a banda.

<sup>32</sup> Arquivo Histórico Estadual. Termo de Exame - 02/12/1901. As vezes o coronel que fazia parte da Banca Examinadora, tinha filho que era examinado e classificado com as melhores notas.

Pelo contrário, é conhecido o confronto, muito bem colocado pelo maestro Bruno José Viera,<sup>33</sup> em que entre facções rivais após os acontecimentos de 1909, quando os "democratas" sobem ao poder derrubando os Xavieristas. A Banda de Música tradicional da cidade e aliada dos coronéis dominantes no município, entrou em choque com a banda criada pelos aliados dos Caiado e portanto do Partido Democrata.

As rivalidades acabam ocasionando o assassinato do delegado local, partidário do Partido Democrata; feito por pistoleiros a mando de um arruaceiro, muito amigo de mandatários locais. Mesmo sendo pobres, os envolvidos no crime acabaram sendo absolvidos em julgamento, em Morrinhos, depois de perambularam em prisões na capital. Porém as animosidades foram desaparecendo na medida que os potentados locais fizeram acordos com a oligarquia Caiado.<sup>34</sup>

Com a reaproximação, foi possível estabelecer o consenso necessário para a partir de 1917 os Caiados se consolidarem, de fato, no poder.<sup>35</sup> Porém a persistência dos Moraes em assumir o poder estadual e implantar novas regras no governo continuou e, com Alfredo Lopes de Moraes, no poder, no final dos anos 20, o tão almejado momento veio, passou muito rápido e os objetivos dos Lopes de Moraes e setores oposicionistas não foram alcançados.

---

<sup>33</sup> VIEIRA, Bruno José. **Morrinhos ao Som da Lira**. Morrinhos: Edição pessoal, s.d. p. 44-48.

<sup>34</sup> Idem, p. 44-48.

## TABELA III.1

**DISTRITO ELEITORAL - DECRETO 1.272, DE 7/6/1904**  
**DIVIDE O ESTADO EM 12 CÍRCULOS ELEITORAIS(ANTES 2 DISTRITOS)**

---

- 1º- C - Capital(sede), Alemão, Morrinhos
  - 2º- C - Rio Verde (sede), Jatahy, Rio Bonito
  - 3º- C - Curralinho ( sede), Jaraguá, S. José do Tocantins, Pilar.
  - 4º- C - Bella Vista (sede), Antas, Pyrenopolis, Corumbá
  - 5º- C - Pouso Alto (sede), Bonfim, Santa Cruz
  - 6º- C - Catalão (sede), Entre Rios.
  - 7º- C - Formosa (sede), Mestre D'Armas, Santa Luzia
  - 8º- C - Flores (sede), Forte, Cavalcante, Posse.
  - 9º- C - São Domingos (sede), Arrayas, Taguatinga.
  - 10º-C - Conceição (sede), Duro, Palma.
  - 11º-C - Porto Nacional (sede), Peixe, Natividade
  - 12º-C - Boa Vista (sede), Pedro Afonso.
- 

**DISTRITO ELEITORAL - DECRETO 2.127, DE 6/6/1908 - CÍRCULOS**

---

- 1º- C -Capital (sede), Allemão, Morrinhos
  - 2º- C -Rio Verde (sede), Jatahy, Rio Bonito, Mineiros
  - 3º- C -Curralinho (sede), Jaraguá, S. J. do Tocantins, pilar.
  - 4º- C -Bella Vista (sede), Antas, Pyrenópolis, Corumbá, Campinas.
  - 5º- C- Bonfim, Santa Cruz, Pouso Alto (sede), Campo Formoso
  - 6º- C -Catalão (sede), Entre Rios, Xavier de Almeida
  - 7º- C -Formosa (sede), Mestre d'Armas, Santa Luzia.
  - 8º- C -Sítio d'Abadia (sede), Forte Cavalcante, Posse
  - 9º- C -São Domingos(sede), Arrayas, Taguatinga, Chapéu.
  - 10º-C -Conceição (sede), Duro, Palma.
  - 11º-C -Porto Nacional (sede), peixe, Natividade.
  - 12º-C -Boa Vista, Pedro Afonso(sede).
- 

FONTE: Apud SILVA, Ana Lúcia. A Revolução de 30 em Goiás,p.64.

Correio Oficial, n.º 242, 11 de janeiro de 1904.

Mensagem Presidencial, J.J. Almeida, 1905, p.17

Semanário Official, 25/06/1908.

---

<sup>35</sup> Idem, p. 41-48.

## 2-Os Moraes e a Persistência de uma mentalidade.

O momento tal esperado pelos Lopes de Moraes assumirem a Presidência do Estado de Goiás veio em 1929 em meio a um intenso conflito da oposição aos Caiado no Estado e a um acirramento da Crise estrutural do capitalismo naquele ano. O governo de Brasil Ramos Caiado estava abalado pelos desmandos da oligarquia no poder. É neste contexto que Alfredo Lopes de Moraes sobe ao poder. Apesar de pertencer ao Partido Democrata, o mesmo dos Caiado, houve resistências dos últimos.

Finalmente, convém considerar uma certa contradição existente no grupo dominante goiano e perceptível com a ascensão dos Lopes de Moraes ao executivo em 1929. Suas propostas liberais assemelham-se muito com às da Aliança Liberal tão em voga no país. Ao que parece, a vitória de Júlio Prestes e conseqüente derrota eleitoral da Aliança Liberal, em início de 1930, teria sido fundamental na 'tomada do poder' (executivo) pelos caiados e o alijamento dos Lopes de Moraes, em agosto de 1930.

Porém como aventado anteriormente, em 1915, Raul Nunes da Silva, político, primo do Senador Hermenegildo e Alfredo Lopes de Moraes e fazendo parte do mesmo grupo, já mostra em suas observações princípios liberais e postura crítica diante dos desmandos de Hermes da Fonseca na questão da Revolta da Chibata.

De acordo com Zilda Diniz, Alfredo Lopes de Moraes se elegera Deputado Federal por Goiás em 1927 e no Rio de Janeiro, reencontrou o ex-colega da Faculdade, Júlio Prestes, deputado por São Paulo, na época e que se elegeria

Presidente da República em substituição a Washington Luís Pereira de Souza, a partir de 1930. Ainda a mesma autora transcreve informações do filho de Gumercindo Otero, enteado de Alfredo:

*"Em fins de 1928 o Supremo Tribunal Federal acolhe um pedido de intervenção no Estado de Goiás. Os peticiários alegavam arbitrariedades do governo do dr. Brasil de Ramos Caiado, desrespeito à instituição do 'habeas corpus', violências contra adversários políticos e violação do lar. Jamais houve alegação de improbidade e corrupção. O Tribunal decreta a intervenção em Goiás. O dr. Brasil tomara posse na presidência do Estado em 14/07/1925, deixando-a em 14/07/1929. Tal intervenção fora já confiada ao Coronel Maurício José Cardoso, comandante do 5º Regimento de Infantaria, sediado em Lorena, Estado de São Paulo. Ante esse fato, o governo Caiado entre em contato com o candidato eleito à presidência da República, a fim de ser evitada aquela intervenção: Júlio Prestes, de acordo com Washington Luís, impõe somente uma condição: indicava para a presidência do Estado, a substituir, constitucionalmente, o dr. Brasil Caiado, o deputado federal dr. Alfredo Lopes de Moraes. Alegava o único apto a esvaziar a crise, pela sua moderação, probidade, cultura e virtudes cívicas. Relutantemente, o governo Caiado aceita: ou se submetia à intervenção ou àquele candidato de conciliação, sem alternativa que lhe conviesse.<sup>36</sup>*

No banquete que a Comissão Executiva do Partido Democrata ofereceu a Alfredo Lopes de Moraes, na Cidade de Goiás, quando da apresentação da sua candidatura à Presidência do Estado, no discurso proferido fez os agradecimentos como era de praxe, inclusive exaltando a figura do Presidente da Comissão, o Dr. Antônio de Ramos Caiado.

---

<sup>36</sup> FONTES, Zilda Diniz. **Morrinhos: De Capela a Cidade dos Pomares**. Goiânia: Oriente, 1980, p. 29-29.

"Sou igualmente grato pela maneira generosa, cheia de *sympathia* e confiança como se referiu ao meu nome o illustre e prestigioso presidente da commissão, meu particular amigo Senador Antônio de Ramos Caiado." [...] Caso eleito governarei com o nosso partido procurando, entretanto, fazer justiça a todos: correligionários, adversários, ou *indifferentes*."<sup>37</sup>

Para obter a aceitação do partido, em particular de Antônio Caiado, governaria com o Partido. Entretanto faria justiça a todos.<sup>38</sup> Isto entrava em dissonância com a posição dos Caiados e, naquele momento com Brasil Caiado que era acusado de praticar injustiça e atos de violência contra os adversários.

Ainda dizia o Sr. Alfredo que naquela ocasião estava sendo inaugurado em Goiás a oportunidade do candidato indicado expor suas idéias de governo e submetê-las ao julgamento do eleitorado. Isto era uma praxe democrática, já existente em outros Estados brasileiros e nos países mais adiantados do mundo como os Estados Unidos da América.<sup>39</sup>

Certamente este discurso não agradou a Totó Caiado e os membros de sua oligarquia; tanto que durante todo o governo do Dr. Alfredo, a oligarquia procurava minar seu governo e inviabilizar as suas realizações.

Já na posse do Presidente, a "jagunçaria" dos Caiados fazia uma demonstração de força com sua aparição toda uniformizada em camisas vermelhas para que o novo Presidente não procurasse fazer nada à revelia do "Partido Democrata". Na verdade de Totó Caiado.

Como programa de governo, o novo presidente defendeu a navegação dos rios goianos, o desenvolvimento de

<sup>37</sup> A Informação Goyana n.º 8 Ano XIII Vol. XII, p. 63. Rio de Janeiro, março de 1929.

<sup>38</sup> Idem, p. 63.

outros meios de transportes como as estradas de rodagem para fomentar o comércio, estimular o avanço da pecuária e facilitar o escoamento da produção por meio de estradas, colocando os produtores em contato direto com os mercados consumidores.

É também sua preocupação a mecanização da lavoura para aumentar a produtividade como a produção de café, fumo, algodão, cana e milho. Promoção da criação de um Banco nos moldes do Banco Hypothecário e Agrícola de Minas Gerais; aproveitamento das quedas d'água, melhoria dos transportes no norte do Estado, através de rodovias e ferrovias ligando o Estado a Minas, Bahia, Maranhão, Piauí e Pará; crescimento da economia sem endividamento e portanto a necessidade de aumentar a fiscalização para os saldos serem positivos.

No discurso que apresenta seu programa de governo ressalta no final sua concordância com o lema do Presidente dos Estados Unidos, o Sr Hoover, como as idéias fundamentais para o mundo ocidental " *Trabalho, capital e prosperidade, a família virtuosa e a pátria indestrutível, Deus e a religião*"<sup>40</sup>

Seu programa se assemelha muito com o de seu cunhado, José Xavier de Almeida, em quase tudo. Também seu pensamento está em concordância com as posturas de seu irmão, o Senador Hermenegildo Lopes de Moraes. Sua preocupação era a integração do Estado no contexto nacional tanto com o sul como o norte do país. Daí a preocupação com os meios de transportes para facilitar o escoamento da produção.

No governo, porém pouco pode fazer devido a uma série de problemas: queda da arrecadação com exportação do gado, principal produto da pauta de exportação. O total da arrecadação do Estado, em 1929 foi de 5.349:119\$518, inferior a de 1928, 6.227:621\$808.

<sup>39</sup> Idem, p, 63.

<sup>40</sup> Idem, p, 70-71.

**Tabela III. 2**  
**Arrecadação do Estado em 1929**  
**(em mil Réis)**

**RECEBEDORIAS**

**ANHANGUERA**

Estrada de Ferro de Goyaz	1.216:315\$134
Mão de Pau	<u>155:505\$203</u>
	1.371:820\$337
Barreiros	61:625\$640
Barra do Veríssimo	<u>233\$013</u> 1.433:678\$990
Rita do Paranaíba.	648:450\$827
Confusão	171:391\$859
Pilões	78:259\$848
Quirino Machado	48:386\$620
Manuel Nunes	28:995\$734
Custodio Lemes	28:355\$063
Boa Vista do Tocantins	10:552\$635
	2.448:071\$576

Fonte: Mensagem do Presidente Alfredo Lopes de Moraes ao Congresso Legislativo Estadual, maio de 1930, p.58.

A Arrecadação com a exportações para os mercados, principalmente os do sudeste, tiveram um decréscimo acentuado.

Em 1929, o principal comprador de café do Brasil, os Estados Unidos estavam enfrentando uma profunda crise. Neste ano ocorreu o crack da Bolsa de Valores de Nova York levando a bancarrota empresas e bancos, aumentando o desemprego na sociedade norte-americana e com isso as

importação se restringem. Por outro lado a produção cafeeira do sudeste passava por um crise de superprodução. Não estava encontrando mais mercados para toda sua produção. (Ver Capítulo I)

A economia do sudeste por já estar estreitamente ligada aos mercados mundiais na divisão internacional do trabalho, foi duramente afetada pela crise e por extensão acaba afetando as regiões que haviam sido integradas como fornecedora de artigos complementares a agroexportação do café e a incipiente indústria, mormente a de São Paulo.

### **TABELA III.3**

**Secretaria de Finanças  
(arrecadação em Mil Réis)**

**Estações Fiscais**

Baliza	17:527\$353
Couto Magalhães	7:834\$858
Formosa	94:192\$719
Jatahi	83:710\$085
Peixe	1:045\$085
Posse	12:449\$120
Pedro Afonso	5:305\$841
Porto Nacional	6:447\$546
Ponte do Corumbá	1:411\$905
São Domingos	14:595\$126
Sítio de Abbadia	12:533\$567
São José do Duro	16:165\$946
S. Maria de Taguatinga	48:120\$246

Fonte: Mensagem do Presidente Alfredo Lopes de Moraes ao Congresso Legislativo Estadual, maio de 1930, p. 59.

**TABELA III. 4**  
**Colletorias**

Annapolis	165:695\$319
Anicuns	11:379\$321
Aracati	4:324\$591
Bella-Vista	62:886\$787
Buriti-Alegre	85:545\$626
Bomfim	65:081\$009
Cachoeira	7:081\$009
Caldas-Novas	50:251\$330
Campinas	27:424\$810
Campo-Formoso	36:250\$235
Chapeu	3:117\$940
Catalão	123:120\$726
Cavalcante	2:588\$052
Campo-Alegre	10:157\$151
Corumbá	33:175\$670
Conceição	997\$247
Cristalina	19:690\$280
Corumbahiba	84:470\$221
Goiadira	42:500\$209
Itaberahi	45:544\$457
Ipameri	94:071\$674
Inhumas	22:484\$781
Jaraguá	54:259\$659
Mineiros	33:420\$346
Morrinhos	125:617\$658
Nova-Roma	3:125\$105
Natividade	23:974\$555
Pilar	8:733\$387
Planaltina	35:932\$003
Pirenópolis	44:134\$304
Pouso-Alto	96:834\$275
Palma	2:583\$903
Palmeiras	58:879\$600
Pires do Rio	52:586\$065
Rio Verde	75:621\$500
Riachão	682\$790
Rio-Bonito	87:008\$670
Santa Luzia	60:830\$887
São Vicente do Araguaia	4:251\$767
São José do Tocantins	12:684\$841
Santa Rita do Paranaíba	85:061\$462
Santo Antônio das Grimpas	32:964\$255
Santa Cruz	86:794\$982
Santo Antônio do Rio Verde	16:490\$655
Trindade	56:472\$675
Vianópolis	21:118\$890
	5:349\$119\$518

FONTE: Mensagem do Presidente Alfredo Lopes de Moraes ao Congresso Legislativo Estadual, maio de 1930. P.59-60.

A arrecadação interna conheceu também uma fase de declínio. Pela tabela III.4, percebe-se que a cidade de Anápolis já fornecia a maior receita entre todas as coletorias. A cidade tinha se tornado um importante centro comercial superando, inclusive, Catalão que fica em um segundo lugar e Morrinhos que apesar das mudanças, ainda era, em 1929 o terceiro município onde a Coletoria Estadual mais arrecadava impostos.

No plano político-administrativo, o governo encontrou dificuldades de impor sua vontade. Conseguiu apenas colocar três elementos para compor seu secretariado: seu enteado - Dr. José Gumercindo Marquez Otéro como Secretário do Interior e Justiças, Jalles Machado Siqueira como Secretário de Obras Públicas e o Capitão Benedicto de Albuquerque de Mello e Cunha como chefe da Casa Militar.<sup>41</sup> Todo o restante já vinha da administração dos Caiado. Isto já denota a fraqueza do governo diante da antiga oligarquia que mesmo oficialmente afastado do poder, em nível de Presidência do Estado, não aceitavam a perda do controle político de Goiás.

Pairava no ar um clima de conflito entre o governo e os Caiado. Estes não aceitava determinados princípios muito liberais do governo além de não querer ser apeados definitivamente do poder. O contexto nacional favorecia o acirramento dos ânimos e crescia as pressões dos liberais.

Em 30 de Setembro de 1929, Joaquim Rosa, jornalista de Ipameri e oposicionista à oligarquia Caiado escrevia para Gumercindo Otero, enteado e Secretario do Presidente do Estado com o seguinte teor:

---

<sup>41</sup> Mensagem ao Congresso Legislativo do Estado de Goyaz, apresentada em maio de 1930 ao congresso Legislativo Estadual, p. 5.

"[...] Muito embora tenhamos, os que divergimos da orientação do Chefe, manifestamos publicamente solidariedade ao governo ao qual você está intimamente ligado. Venho avisá-lo, para que o doutor Alfredo tenha, também conhecimento, e sejam evitadas explorações, que nos mantemos solidários com sua administração. Não só porque o dr. Alfredo e o amigo contam, pessoalmente, com grande simpatia, como também porque as normas seguidas por esses dois amigos na administração do Estado, estão em harmonia com os pontos de vista e nossas aspirações. Joaquim Rosa."<sup>42</sup>

Pelo exposto acima, uma fraca oposição em Goiás e, que se alinhava em nível nacional com o movimento liderado por Vargas, não tinha restrição à figura do Dr. Alfredo Lopes de Moraes por considerá-lo um partidário de princípios liberais a semelhança do movimento que crescia no país e queria colocar fim ao coronelismo e seus abusos.

Mais a frente, Joaquim Rosa retoma o assunto:

"se bem me lembro havia uma leve esperança de surgir o rompimento do doutor Alfredo de Moraes com Totó, já que o presidente de Goiás não integrava o grupo nepotista da oligarquia, e era do grupo metido a "independente" dos políticos em Morrinhos. Por outro lado a gente sabia que já reinava insatisfação no Palácio dos Arcos, com Alfredo cercado de caiadistas por todos os lados, arreganhando-lhe os dentes".<sup>43</sup>

Também se referindo ao clima entre os Lopes de Moraes e os Caiado as diferenças dos dois e a renúncia de Alfredo à presidência do Estado, Zilda Diniz diz:

---

<sup>42</sup> ROSA, Joaquim. **Por Esse Goiás Afora**. Goiânia: Livraria e Editora Cultura Goiana, 1974, p. 95.

<sup>43</sup> Idem, p.95

" as causas da renúncia foram: impossibilidade de ser implementado um governo voltado à administração pública, infenso à ingerência dos Caiado, que controlavam o Partido Democrata; impossibilidade de serem vencidos obstáculos existentes, no setor político, estratificados no tempo, em todo o Estado, implantados desde quando do controle direto da administração dos Caiado; a lealdade(*grifo nosso*) do Dr. Alfredo para com Washington Luís, Júlio Prestes e o Partido Democrata, o mesmo dos Caiado pelo qual fora eleito, a impossibilidade da remoção das inexoráveis pressões no seu governo, o qual não desejava arredar-se de seus princípios de independência, 'moderação e respeito aos direitos constitucionais dos cidadãos', etc."<sup>44</sup>

### **3-A Revolução de 30 e a "realização de um ideal".**

O movimento denominado de Revolução de 30 não deve ser visto sob uma ótica dualista. Pré- capitalismo versus capitalismo, setor agrário tendo como contrapartida o setor industrial. Ocorreu pela concorrência de diversos fatores. Foi resultado de uma heterogeneidade de forças. Porém defendendo os ideais de modernização da produção e integração dos mercados nacionais e do país com o capital internacional.

Segundo Boris Fausto, a Revolução de 30 não significou uma ruptura no processo político Brasileiro. Não significou, a princípio um confronto entre o setor agrário e um setor industrial. Na composição da Aliança Liberal havia elementos desses dois setores, além dos "tenentes" não como um

---

<sup>44</sup> FONTES, Zilda Diniz. Morrinhos: De Capela a Cidade dos Pomares. Goiânia: Oriente, 1980, p. 29.

segmento totalmente articulado com o Exército, mas muitas das vezes por elementos que já não pertenciam à corporação.

Assim o autor mostra que o Movimento Revolucionário de 1930 foi resultado de articulação de diversas forças político-econômicas, tendo origem, fundamentalmente em movimentos de dissidências de fações oligárquicas paulistas e de outros Estados como Rio Grande do Sul, Minas Gerais (rompimento da política do café com leite no governo de Washington Luís), elementos ligados ao incipiente setor industrial e contando com a participação dos Tenentes. Assim ocorre o desfecho armado contra a burguesia cafeicultora de São Paulo, monopolizadora do poder político e econômico, desde os primórdios da república.

A crise externa e interna na década de 20 articularam-se e tornaram possível a vitória do movimento que põe fim ao antigo sistema oligárquico dos cafeicultores paulistas. Desta forma não se pode ver a Revolução de 30 como um conflito entre uma ou várias classes coesas, mas resultado do envolvimento de diversos elementos sociais de origens diversas.<sup>45</sup> Isto não quer dizer que o setor industrializante não tenha conseguido se projetar paulatinamente e ocupar posições altamente vantajosas.<sup>46</sup>

Os interesses ligados ao café continuaram a ser defendidos como uma necessidade devido sua importância para a economia do Brasil. Em Goiás a defesa da agropecuária continuou a ser a tônica, pois, no Estado, o gado era o principal produto de exportação, seguido pelo arroz e o café.<sup>47</sup>

A política econômica seguida pelo governo da Revolução de 30, em Goiás continuou a ser aquela em que a preocupação em produzir para o mercado interno e mais intensamente do que antes e em consonância com o governo

---

<sup>45</sup> FAUSTO, Boris. A Revolução de 30. São Paulo: Brasiliense, 1995, passim.

<sup>46</sup> Idem, Passim.

central foi a marca registrada. Por sua vez, o Governo Federal num processo de integração inter-regional do país procura estimular o intercâmbio de produtos entre os Estados.<sup>48</sup>

De acordo com Borges as exortações de gado até os centros consumidores continuaram a ser feitas por meios rudimentares, gerando grandes perdas para os produtores. Além disso, a comercialização se dava nos mercados do sudeste numa estrutura em que havia apenas um pequeno número de compradores. Assim os preços eram controlados por eles estabelecendo o preço que queriam, onerando desta forma os exportadores. De outro lado, o governo cobrava taxas mais elevadas sobre as exportações do gado.<sup>49</sup> Mesmo assim a exportação do gado trouxe a maior parte dos recursos da receita do Estado.

Em consonância com os setores dominantes em nível nacional, o governo revolucionário, em Goiás, adotou o processo de avanço do capital com a interiorização, construindo centros urbanos como Goiânia, polo de atração dos capitais do sudeste e centro comercial de importação e exportação, num contínuo processo de modernização do Estado.

Assim, percebe-se que os grupos dominantes que assumiram o poder com a Revolução de 1930, estavam imbuídos do ideal de progresso, ou seja, de expansão e integração do território nacional sob a égide a égide do capital nacional e externo. Da Europa, Estados Unidos e mesmo do sudeste, zona mais capitalizada.

A "Marcha para o Oeste" estava intrinsecamente entremeada da ideologia do "progresso". Tudo valia para que o capital conseguisse sua expansão e a "civilização chegasse"

<sup>47</sup> SILVA, Ana Lúcia. A Revolução de 30 em Goiás. Tese de Doutoramento, USP, 1982, p. 176.

<sup>48</sup> Idem, p.176.

<sup>49</sup> BORGES, Barsanufo Gomides. Goiás: Modernização e Crise' - 1920-1960. Tese de Doutoramento, USP, 1994. P. 175.

com suas maravilhas aos sertões do Centro-Oeste. Este teve que se interligar estreitamente a dinâmica capitalista do Sudeste numa divisão inter-regional do trabalho como fornecedor de produtos agropastorais.

A modernização defendida desde a República Velha pelos setores dominantes, se revela pela absorção do novo e moderno, por uma estrutura em que as transformações, se manifestarem nos diversos aspectos da vida; mudando-a num intenso processo de urbanização, transformando as cidades em modelo para um novo modo de vida...]<sup>50</sup>. Neste contexto histórico-social, modernização significava mais ou menos europeização" (FERNANDES, 1972:13)<sup>51</sup>. Pode-se compreender como um ajustamento da sociedade a uma realidade externa que se impõe com a conivência de elementos nativos. Modernização não é, assim, sinônimo de transformação, mas adaptação e atualização com as regiões consideradas mais "adiantadas".

Goiás possuiu um grupo que lutou pelos ideais de modernização da sociedade. Conforme já discutido, Os Lopes de Moraes aliados a Xavier de Almeida liderando um grupo, os dos setores dominantes de Sul-Sudeste-Sudoeste do Estado e que se interessavam por uma intensificação das relações já existentes com os mercados mais dinâmicos, agiram intensamente no sentido de conseguirem a modernização do Estado e sua inserção na economia de mercado do Sudeste brasileiro.

Durante a República Velha (1889-1930) conseguiram alguns avanços nestes objetivos. Porém, houve avanços e recuos dependendo do orquestrar das oligarquias no poder. Primeiro os Bulhões e depois, os Caiado ofereceram resistências ao avançar do processo.

Somente com a Revolução de 30 e a nova reordenação das estruturas do país foi possível o deslanchar

<sup>50</sup> MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Pedro Ludovico: Um Tempo, Um Carisma, Uma História**. Goiânia: Cegraf, 1990, p.39.

<sup>51</sup> Idem, p.39.

de uma nova mentalidade galgada no ideal de Progresso contra o "atraso" que significava o governo e a economia goiana. Na verdade o Estado se adequou a dinâmica capitalista do sudeste mais do que simplesmente desenvolveu.

## CONCLUSÕES

Neste trabalho tentou-se analisar o Coronelismo de Morrinhos relacionando-o com a modernização. Partiu-se do suposto que em Morrinhos, por uma série de elementos como sua posição geográfica, como ponto de passagem ligando a Antiga Capital ao Sudeste do País, bem como a sua posição no Sul do Estado, e devido sua proximidade com áreas de economia mais dinâmica se consolidando como uma sociedade capitalista, foi possível haver uma relação muito próxima entre os dois elementos.

Parte-se, também da premissa de que em Morrinhos havia, no período em estudo: 1889-1930, uma tipologia um tanto diferente de coronéis que juntamente com mandatários do sudeste e sudoeste do Estado, possuindo uma mentalidade voltada para mais intensas ligações com economias capitalista do Sudeste do país, procurava mudanças nas estruturas vigentes das oligarquias tradicionais no poder, como os Bulhões e os Caiado.

Com forte base numa estrutura econômica e sólida base e influência política, os coronéis e doutores, de Morrinhos, se comprometeram com a modernização e inserção do Estado na economia de mercado. Isto não quer dizer que gerou um grande bem estar para a coletividade goiana. A modernização aqui, é vista como um processo de adaptação à padrões de cultura, comportamentos diferentes e não superiores aos de até então vigentes no Estado.

As ações no que concerne ao empreendimento do **desenvolvimento** do Estado estão sempre presentes na vida política, nos discursos dos políticos morrinhenses, na prática cotidiana da vida comercial, ações políticas, cultural, etc.

Em termos de sociedade, estes setores progressistas adotaram uma série de ações que não chegaram a criar uma prática homogeneamente capitalista. As relações de trabalho continuaram mistas por todo o período. As massas foram em alguns objeto de discursos do Senador Hermenegildo quando ele menciona a profissionalização nos patronatos agrícolas para resolver problemas sociais.

As disputas políticas com as oligarquias dominantes, apesar de fazer parte dos quadros do Partido da oligarquia, visavam além da formação de um novo grupo dominante, também a implantação, com intensidade maior, de práticas administrativas que levam à integração do Estado aos mercados do Sudeste. Porém as tentativas não foram de todo frutíferas. As práticas legislativas possibilitaram a única oportunidade dos Lopes de Moraes atuarem na política para a perseguição de seus objetivos.

As tentativas de exercício do poder executivo se deram durante o governo de José Xavier de Almeida, ocorrendo estímulos aos objetivos do grupo. No governo de Alfredo Lopes de Moraes (1929-1930) foi impossível uma ação política real que visasse mudanças. A oligarquia apeada do governo presidencial do Estado, não permitiu a governabilidade e consequente reformas que gerassem um efetiva integração aos meios mais afetadas pelas mudanças engendradas pelo capital.

Por outro lado, as condições econômicas de Goiás como também de outras unidades da federação e mesmo outros países do mundo, não era fácil com a intensa crise do capitalismo, na década de 20. O consumo regredia e com ele a produção acirrando ainda mais os problemas sociais.

Como fruto, em parte, da crise dos anos 20, a Revolução de 30 por ação de forças externas em relação a Goiás, conseguiu estabelecer um governo com tendências do liberalismo econômico; até certo ponto atingindo a "realização dos ideais", tão caros aos Lopes de Moraes. Mesmo mantendo uma estrutura mais reformista do que transformadora, o Estado conseguiu se modernizar, mas não se desenvolver de fato. Foi, na verdade, assimilado no contexto da expansão da economia agro-exportadora do sudeste se colocando numa posição de subserviência e integração como produtor e fornecer de gêneros agrícolas de que esta região necessitava. Isto dinamizou ainda mais a economia do sul goiano atingindo até a parte mais central do Estado.

# Anexos

## **Entrevista realizada em 13/01/1996**

Dr. Luiz Nunes de Azeredo (neto do coronel Pedro Nunes)

### **Dados pessoais do entrevistado**

Nasci em 21 de novembro de 1915, em Morrinhos mesmo, fiz o curso primário no antigo Grupo escolar e depois o secundário em Uberaba no Ginásio Diocesano. Depois fui para Belo Horizonte e fiz o curso de medicina. De 33 até 38 quando terminei o curso em 8 de dezembro. E vim para Morrinhos onde me estabeleci. Fiz clínica geral e posteriormente trabalhei na Casa de Saúde. Em 1977 fiz um curso em anestesia.

### **O que o Sr sabe sobre as atividades do Coronel Hermenegildo?**

Sobre as atividades do coronel Hermenegildo na política eu posso relatar só por informação, porque ele morreu em 1905 e eu só nasci em 1915, agora ele foi eleito pela economia da cidade, ele tinha uma loja que meu avô trabalhou nela. O coronel Hermenegildo trouxe de Goiás, capital do Estado de Goiás, Pedro Nunes da Silva e Pacífico de Amorim para trabalharem na sua loja e realizou o casamento deles com as enteadas. Pedro Nunes da Silva casou-se com Maria Carolina e coronel Pacífico de Amorim casou-se com dona Teodora Marquez , tendo se transferido para Piracanjuba onde foi chefe político e com a morte do coronel Hermenegildo a chefia do município passou para o coronel Pedro Nunes da Silva.

### **O que o Sr. Sabe sobre a Partilha dos bens do coronel Hermenegildo?**

Sobre a partilha dos bens do coronel Hermenegildo com a morte dele em 1905 deve ter passado os bens para o viúva Maria Carolina de Nazaré Morais e os filhos; mas eu não sei da divisão dessa herança como é que foi feita só tendo tomado consciência depois da minha formatura e já depois da morte da minha bisavó D.<sup>a</sup> Maria Carolina de Nazaré morais.

### **Sobre as ligações de Morrinhos com o Triângulo**

Sobre as ligações de Morrinhos com o Triângulo e com São Paulo e Rio essa ligação era feita através de Ipameri e depois pela Via férrea até Uberaba e depois até São Paulo. De Morrinhos

era por carro de boi que trazia de São Paulo e talvez do Triângulo tudo que necessitava para sua economia. Também as pessoas que estudaram fora iam à cavalo até Ipameri e depois viajavam para Uberaba e para São Paulo e Franca também. Eram os meus tios, minha tia... Pessoas que não tinham posses naquele tempo não podiam estudar. Meus tios estudaram no Ginásio Diocesano de Uberaba e posteriormente meus irmãos estudaram lá também. Tinha o colégio das irmãs dominicanas onde iam as meninas e os Homens estudaram no Diocesano, o curso secundário. Só havia curso primário em Morrinhos. Essa ferrovia que ligava Ipameri a São Paulo servia muito para Morrinhos porque tudo que vinha de São Paulo era trazido para a cidade e de lá para Morrinhos por carro de boi; foi estabelecido também uma linha regular de correio onde as malas eram depositadas, vinham os jornais, correspondência de São Paulo, Uberaba, do Triângulo que iam para Ipameri e de Ipameri eram trazidas para Morrinhos pela estrada de automóveis no ano de 1929, 1928 em diante quando havia uma frota de carros, automóveis, naquela ocasião, percorrendo o caminho todo e fazia o trabalho de Ipameri para Morrinhos.

### **Como era a Política em Morrinhos?**

Com a morte do Coronel Hermenegildo, a direção da política passou para Pedro Nunes e depois para seus filhos que exerceram o cargo de intendente, naquela ocasião, que era o nome dado ao prefeito; e Dr. Alfredo de Moraes exerceu também o cargo de intendente dentro de Morrinhos. E depois após a gestão do Dr. Xavier como presidente do Estado ele foi eleito presidente também e beneficiou muito a Morrinhos.

Com a morte do coronel Hermenegildo, a parte comercial foi entregue ao coronel Pedro Nunes e deste para seu filho Raul Nunes da Silva; que por motivo de doença não mexeu mais com a parte comercial. Depois de ter feito uma sua gestão como intendente, instalou a água e ter deixado uma agência forte, uma serraria e uma olaria benefício deixou depois para os herdeiros depois de sua morte.

O Coronel Hermenegildo teve influência em Piracanjuba por ter mandado seu genro para trabalhar lá ele exerceu a influência política no município de Piracanjuba.

### **Que tipo de relações havia entre Morrinhos e o Triângulo Mineiro?**

Sobre as relações com o Triângulo Mineiro, eu não posso falar mais nada porque não era do meu tempo.

ERON: mas a família da esposa do coronel era de lá não é? Havia alguma relação...

LUIZ: pode ter tido influência através de seu enteado Galdino Silveira Marquez que residia lá e tinha fazenda na Estação

de Mangabeira e também no Rio Grande e a família dos Marquez de quem a sua mulher era descendente.

**O Sr. Poderia nos informar que tipo de influências tinha o Xavier de Almeida na Política de Morrinhos?**

Acredito que o Dr. José Xavier de Almeida tenha tido influência só na política de Morrinhos através do seu genro que residia em Pires do Rio, Dr. Taciano de Mello que era irmão do chefe político de Morrinhos, Dr. Sylvio de Mello.

ERON: isto mais ou menos em que ano?

LUIZ: por volta de 1945 até a época do seu falecimento.

ERON: quando ocorreu? .

LUIZ:1954.

ERON:O Sylvio de Mello o Sr. falou que era do PSD não é? Também o Sr: acredita que o Xavier por causa de discordar da linha política seguida pelo cunhado dele, o Dr. Alfredo, que era já era da UDN ou talvez não seja discordância de grupos políticos, de linhas políticas?

LUIZ: ele ajudava o Alfredo na época de presidente, ele tinha muito relacionamento com ele.

ERON: não, após 30.

LUIZ: não, após 30 eu não posso informar, pois ele conversava muito era com meu pai. Assunto político ele ia conversar era com meu pai.

ERON: Mas já era de outro partido, não?

LUIZ: Era da UDN...não, ele se afastou um pouco... bom ele tinha relacionamento. Eles conversavam muito era na porta da igreja; o Dr. Xavier e o tio Alfredo era assunto de fazenda. O que a gente podia ouvir quando a gente tava perto era assunto de Fazenda. Politicamente não, nada, conversar, mais não ia conversar né? É trocava idéias. Agora quem era o mentor político era o Dr. Sylvio o filho dele PTB/ PSD, deputado estadual, federal, não é Otaciano para senador não é? Para senador uma troca né? Foi o Juscelino né? Foi eleito senador por Goiás. Acho que ele trocou o cargo com o Otaciano em troca de que eu não sei; eles falavam isso. Pode se informar com esse pessoal mais político aí; eu não sei. Ele foi eleito senador por Goiás, o Juscelino, isso eu tenho certeza absoluta. Ele veio aqui.

ERON: Veio?

LUIZ: ele ficou hospedado na casa do Dr. Guilherme, aqui, naquela esquina ali, a casa era a mesma. Ali tem dois apartamentos, a casa do Dr. Guilherme, tem uma sala de estar, uma sala de visita, e dois apartamentos. No apartamento ele hospedou o Juscelino. Ele recepcionou o povo de Morrinhos na residência do chefe político, o Dr. Sylvio. Todo mundo foi lá abraçar ele. Teve uma votação cerrada aqui em Goiás. Foi eleito senador por uma maioria dos da região aqui.

**Possuíam alguma independência os políticos de Morrinhos frente ao poder estadual?**

ERON: Quando da época da Coluna Prestes, o Totó Caiado fez requisição de homens, em Morrinhos, em 1925, era intendente daqui...

LUIZ: Meu tio Raul. Eu me lembro quando o Antônio Caiado veio aqui. Eu era menino e me lembro dele ter ido lá na minha casa. Ele conhecia meu pai, o Antônio Ramos Caiado, o Brasil Caiado, inclusivo era o Lino Caiado que era médico. Foi médico da minha vó. Em 1939 quando ela morreu ele que tava dando assistência para ela. Tinha dois irmãos médicos Brasil Caiado e o Eurico Caiado. E tinha o Arnulfo Caiado irmão do Brasil e do Antônio. Eram quatro irmãos não é?: Arnulfo, Antônio, Brasil e Lucas. Agora meu pai era muito amigo de Antônio de Ramos Caiado. Ele passou aqui e foi lá em casa. Agora ele foi lá para meu tio Raul para fornecer, para a Prefeitura fornecer arroz, feijão, essas coisas e o tio Raul falou que não ia fornecer coisíssima alguma. A prefeitura não tinha condições de fornecer. Ela não tinha mantimentos, a prefeitura que pudesse fornecer, não é?

ERON: Agora homens foram formar a coluna dos Caiados, o Sr. se lembra?

LUIZ: Eles falavam o seguinte, que Totó bateu os revoltosos. Voluntários devem ter ido. Não me lembro muito pois tinha nove anos. Agora eu me lembro do Totó Caiado lá em casa, lembro desse soldado (que feriu-se ao cair) que ficou lá em casa. A Marieta zelava dele lá. Foi a que ajudou a nos criar. Era descendente de escravos e tudo e ficou lá com minha mãe e quando meu pai casou ela foi para a casa de minha vó. Meu pai já tinha casado; o segundo matrimônio dele quando eu tinha oito anos. Em 1925 já tinha dois anos de casado. Teve também um pessoal de Goiás, os Fleury Pereira Curado que morava de frente e foi na casa dele lá. Seu Hermano Fleury. Visitou também a Mariquita que trabalhava na agência de Correios. A Coluna Prestes para Piracanjuba e depois não sei onde foi. Sei de João Alberto que passou em Pontalina e passou na fazenda do pai do Geraldo. De Edéia essa fazenda, lá no rio dos Bois. Tinha uma fotografia da Coluna Prestes aqui. Meu tio tinha uma fotografia da Coluna Prestes. Ele tirou de um jornal A Coluna se dividiu em três: João Alberto ficou com uma, Prestes com a outra e Siqueira Campos com a outra. O Prestes passou por Piracanjuba. Arranchavam em fazenda onde se alimentavam. Pegavam objetos para beneficiar a Revolução. A Coluna respeitava muito as famílias. Não mexiam com as mulheres. Só matavam animais para se alimentarem e pegavam cavalos descansados, deixando os que estavam cansados. Meu tio simpatizava mais com o Prestes do que com os legalistas.

### **E a mentalidade dos coronéis de Morrinhos?**

LUIZ: tinham uma mentalidade mais democrática porque foram estudar em São Paulo.

### **Com eram as relações de trabalho em Morrinhos?**

Os Proprietários de Morrinhos trabalhavam com os empregados no sistema de parceria um pouco diferente. O retireiro recebia um quarto da produção e tinham os outros empregados que mexiam com o serviço de roça, nas plantações, no sistema de arrendo. O sistema de trabalho é o que eu já relatei de retireiros e agregados. Agora na cidade as pessoas abastadas contratavam os serviços das pessoas chamadas camaradas por uma jornada de trabalho recebia um salário. Os camaradas comiam nas casas dos patrões. Os caixeiros das lojas moravam em casas próprias. Me lembro da loja de meu avô e do Coronel Pacifico de Amorim

### **Herança do Coronel Hermenegildo**

Eron: E sobre a herança do Coronel Hermenegildo?

LUIZ: Com a morte de sua mulher, dona Maria Carolina, não é, aliás, dona Francisca Carolina de Moraes, os descendentes herdaram terras em Rio Verde, Paraúna, Goiatuba, Itumbiara, Bom Jesus que era distrito de Goiatuba, Itumbiara que era o Sarandy, Rio das Pedras, em Paraúna onde tinha a ponte de pedra que saiu para o tio Alfredo. Ele vendeu isso lá.

ERON: E o Xavier de Almeida herdou terras onde?

LUIZ: nas areias e o sobrado com as terras.

**CÂMARA MUNICIPAL DE MORRINHOS EM 29 DE OUTUBRO DE 1895.****À DIRETORIA DE INSTRUÇÃO, INDÚSTRIA E TERRAS E OBRAS PÚBLICAS**

Ex.mo Sr.

A Camara Municipal de Morrinhos tem a honra de dirigir-se hoje a vossa excia, pedindo-vos a vossa attensão para o que vamos expôr. Daqui há poucos dias terá de ser inaugurada em São Pedro de Uberabinha, Estado de Minas Gerais a chegada da Via Férrea Mogyana. Este acto que para nós já é um facto, provocou entre as Câmaras Municipais de São Pedro de Uberabinha e Morrinhos, o pensamento de uma estrada que partindo daquele termo e attravessando provisoriamente e em barcas os rios Paranayba e Corumbá vinha tocar neste termo e daqui ramificando-se por diferentes pontos do Estado, especialmento do sul, atrahindo a exportação e com especialidade do gado para um ponto mais proximo e commodo, indo Ter a Estação do Mogyana em S. Pedro de Uberabinha. Não escapará ao tino administrativo de V. Excia, a vantagem que tem de advir ao Estado e ao commercio com a abertura da citada estrada e portos, pois que, convergindo para ahi a maior parte dos vehiculos, sujeitos a impostos e locadeiros, com certeza triplicará a arrecadação dos impostos que se cobram nessa immunidade de portos, espalhados pelo Paranahyba, onde a força do governo não é suficiente para embaraçar o monopólio com o extravio da Terça parte de suas rendas, ao passo que, feichando-se alguns destes pela concentração da estrada que se projecta, a fiscalização torna-se segura e potente. Não é sem razão a linguagem deste conselho: como V. Excia. terá tido sem dúvida conhecimento pelos jornaes do passo que se pode dar com a abertura de estradas e de que já no Congresso Federal, na verba orçamentada passou uma cota de duzentos contos para o levantamento de uma ponte sobre o Paranayba, em logar já no explorado, é evidente a concurrenceia do commercio em toda a

extensão da palavra para a referida estrada e ponte, sendo facilima a fiscalização e economia por quanto, feichando-se alguns portos desnecessarios desapparecem essas dispesas quando também é certo ter a Câmara de S. Pedro de Uberabinha offertado ao governo de V. Excia. duas barcas que serão presas em dous cabos de metal no Paranayba e Corumbá, cuja despeza reduz-se quanto muito a dous empregados em cada uma das barcas, como tudo tereis occasião de ver pela copia do que se passou na conferencia do dia 29 já ditto entre esta Camara e a Comissão que para este fim foi enviada pela Comarca de S. Pedro de Uberabinha, cientificando mais a V. Excia. que a distancia desta cidade a de S. Pedro, actualmente são quarenta léguas, ao passo que pela projetada ficará reduzida a distancia de vinte e cinco léguas e alem disso por melhores caminhos. A Câmara Municipal de Morrinhos, pois concia de que V. Excia. prestará toda a vossa attensão para a abertura da estrada e portos, retificando com vosso placed o resultado da conferencia havida entre esta Camara e a de S. Pedro de Uberabinha, sobre o que se acha exposto. Finalmente esta Camara por intermédio de seus municipes, vai já e já dar começo a abertura da estrada que lhe compete, desde esta cidade até a barranca do Paranayba, no logar denominado Porto do Major Camillo e para com mais facilidade, isto se realizar esta Camara dirige-se ao patriotismo de V. Excia...,pedindo o auxílio de quatro contos de réis para o sustento dos trabalhadores que pela patria vão trabalhar sem outro dispendio.

Saude e Fraternidade

Ao Exmo Snr. Te. Cel. Francisco Leopoldo R. Jardim  
D.D. presidente do Estado.

O presidente do Conselho Municipal  
José Propheta de Oliveira.

**Relatório do Chefe de Polícia de Pirenópolis para o governo de Brasil Caiado acerca do Caso de Santa Dica.**

**"RELATORIO**

O crime de que trata este inquerito, ex-officio instaurado, é o que, nestes ultimos tempos, mais attentou contra a nossa capacidade intellectual, contra a nossa moral e contra a saúde publica.-A superstição, oriunda das falsas idéas religiosa, é a sua causa principal. Parecia-ncs que essa materia de superstição devia estar de ha muito relegada para um esquecimento completo, ante a nossa cultura dia a dia mais aperfeiçoada, pois ella só medra aonde a ignorancia campeia. A superstição decresce e desaparece com a Civilização. É uma theoria aliás accepta entre todos as paizes cultos, mas, que, infelizmente, não traduz a realidade, porque, de quando em quando, surge um facto qualquer originario dessas erroneas idéas que nos vem enxovalhar o nome de povo educado, de povo culto. Na Allemania, nos relata Aschffenburg,.- "foram instaurados varios processos sobre bruxaria, entre elles, um contra a mulher de um caldeireiro, o Chamado 'medio das flores'. espiritista, a qual, com seus bruxedos, illudio e prejudicou até pessoas que se diziam de certa cultura', - A lèste da Russia, em virtude de obscuras idéas religiosas, varias victimas da superstição causada por essas idéias procuraram a morte por inanição e asphyxia, fazendo-se sepultar vivas ou deixando se encerrar em espaços fechados. - A iniciadora dessa desgraça estava fechada dentro de uma parede e, Iouca. - Era, tambem, uma rnulher. - Diz-nos Aschffenburg, que nos conta este facto: "Esta catastrophe ter-se-ia podido evitar, pelo menos, em parte, se a instigadora do movimento, que fôra detida no começo do anno de 1897, como vagabunda, com alguns outros sectarios, por se ter recusado a prestar informações para o censo da população tivesse sido submettida a um exame medico Iegal". O nosso Brazil, até certo tempo, virgem dessas infelicidades, teve como primòrdios da superstição entre o seu povo, os factos que mais altamente bradaram contra a nossa Civilisação. - resumidos na tragedia de Canudos, na

Bahia; e na catastrophe occorrida no Rio Grande do Sul. - Chegou, tambem, a vez de Goyaz pagar o seu tributo, tributo caro e vergonhoso, mas, felizmente, a tempo jugulado - Benedicta Cypriana Gomes, moça de 20 annos e inculta, começara aos séus 18 annos no logar ''Lagôa'', à margem do rio do Peixe, neste municipio, onde nasceu, a ser acommettida de certos phenomenos pathologico bem conhecidos na nossa medicina, phenomenos esses de que se serviu ella, com o concurso de outros individuos para implantar, desde logo, a desolação e a miseria em torno de varios lares pobres e rusticos, fazendo desta arte, até o desassocego para o Poder Publico, cujas autoridades siquer ja eram respeitadas nesse antro de bruxaria. - Em meados de 1923, Benedicta Cypriana Gomes, em marifestações hystericas, inteiriçada sobre uma cama e ahí, guiçà, sobre uma acção somnambulica, dizia algumas palavras desconexas, perante um não pequeno numero de ouvintes, Desse estado anormal procuravam, ella e seus auxiliares, tirar partido e dominar a credulidade individual.

Então, o espiritismo a magia e seus sortilegios, de mistura com alguns arremedos do ritual catholico, foram 'o pivot da industria então explorada em grande escala. na "Lagoa''. Individuos analphabetos, facilmente dominaveis.por uma crendice qualquer, desde logo, voltaram-se para uma superstição perigosa e Benedicta Cypriana Gomes. Santa Dica Dica, como é conhecida, os teve em suas mãos completamente dominados. - A cura de molestias curaveis e os sentimentos de amor não foram estranhos à finalidade do seu objectivo fascinar e subjugar a credulidade individual.

E essas manobras fraudulentas, postas em pratica perante individuos fracos, trouxeram, como consequência immediata, traumatismos psychicos e moraes, certas privações ou alterações temporarias orr transitorias das facultades mentaes de alguns dos incautos colhidos nas malhas de semelhantes ari:manhas. - Dica fingia-se portadora de um poder superior; intitulava-se ou deixava que se lhe intitulasse santa e disso auferia lucro ilícito.

Não tivesse a pratica do espiritismo, magia e seus sortilegios uma clasificação *su-generis* no nosso Codigo Penal, dir-se-hia que estavamos deante de uma das modalidades do estellionato. - Typica,

porém, é a infracção penal commettida por Dica e os demais indiciados neste inquerito, e especial, a sancção penal que sobre essa infracção recae: Benedicta Cypriana Gomes e seus auxiliares - Alfredo dos Santos, Manoel José de Torres, vulgo Caxeado, Benedicto Cypriano Gomes. Gustavo Cypriano Gomes e Jacintho Cypriano Gomes commetteram o crime previsto e punido no art. 157, § 1º, a autora-com referência ao art. 21, §1º., do nosso Código penal, - os cumplices. - Além, porém dessa penalidade, outras lhes assistem, como consequencia daquella : nos dos arts. 297 e 306, por ter, nos dizem os autos, como consequencia do delito principal, havido no logar "Lagôa" na mesma época, lesões corporaes resultantes de qüemaduras recebidas nas fogueiras das confirmações por creança e morte por submersão ainda aconselhada como complemento dessa mesma confirmação ou de outro acto qualquer. - Ahi está o inquérito, com os docs. que o instruem, fallando mais alto do que qualquer informação neste Relatorio prestada por esta Chefia. Não se venha, entretanto, dizer que estamos deante de um culto, isto é, que esta serie de actos ilícitos praticados pelos indiciados, constitua um culto, que a Constituição, em seu art. 72.º 3º, garante, por quanto isso seria manifesto desconhecimento dos elementos que compõe uma religião. -Toda religião tem o seu systma dogmatico, seu aparelho theologico-metaphysico, o seu culto, o seu cerimonial, como factores e elementos primordiales de sua existencia. O espiritismo, estudado por Allan Kardec, é uma doutrina que se baseia na comunicação com os espíritos dos mortos, por um intermediario, a que dão o nome de medium, donde a idéa do perspirito que dizem os adeptos dessa doutrina ser o involucro fluido, leve, que serve de intermediario entre o espirito e o corpo.

O espiritismo, que não é velho, pois datam de 1848 as suas primeiras manifestações, nos Estados Unidos ,através dos ruidos, pauladas, movimentos de objectos, donde as tais mesas girantes que muita gente levaram ao hospicio. - A magia.- suposta arte de submeter a vontade propria à dos poderes superiores (espíritos, genios, demonios) de os evocar ou de Conjurar por meio de feiticos ou sortilegios, de dispor dos elementos e de realizar feitos extraordinarios, tais como advinhações, apparições, curas repentinhas, doenças mortais, sentimentos irresistíveis de amor,

odio, etc., segundo nos ensina Larousse, teve no Occidente, no Oriente no Egypto, na Chaldæa; na Assyria e nos paizes euphraticos um cunho de religião em que o homem, por certos meios, podia fazer-se obedecer, por meio das divindades. Hoje, entretanto, ha quem lhes queira dar um caracter scientifico, passando a aos olhos credulos por uma mistura de hypnotismo, de suggestão e de magnetismo, enfeitado com ligerezas de mãos e subtilezas, conforme o proprio Larousse. Mas o nosso inquerito não se refere ao espiritismo-culto-à magia-sciênciæ - seja ella branca ou preta, baixa ou alta, refere-se, tão sómente a sortilegios, artimanhas, a manobras fraudulentas; porque os indiciados realizavam, por esse ou por aquelle modo, invocação de espíritos e praticavam actos de cerimonia espiritista, em sessão ou isoladamente, debaixo de uma *mise-en-.sceue* em que as proprias imagens do Catholicismo apparecem numa mystificação lastimavel, com o intuito unico de realizar Dica, ,juntamente com seus auxiliares, o fím principal do seu objectivo e o, elemento predominante do seu crime - fascinar e subjugar a credulidade individual - Nisso está o dôlo específico do delicto dos indiciados. - "A Lagôa" era um lugar de fascinação de encanto e onde se exercitava o prestigio absoluto de Dica. A que podemos, tambem, chamar magia, em seu sentido figurado - deante desses factos aqui agora bem constados, ninguem, de bôa fé, poderá negar ao Estado o direito de manter o respeito público, de exercer sua accção de polícia, impedindo ou reprimindo os attentados contra a moral e a vida dos individuos que sob seu imperio vivem. E nem se diga que esta accção do Estado veiu colher Dica e seus auxiliares na ignorancia completa do mal que praticavam. Não, esta chefia, em dia Julho deste convidou Dica e seu pai a comparecerem á Secretaria da Segurança Pública e ahi, mostrando-lhes a Lei Penal, lhes pediu como favor, que abandonassem o caminho que vinham trilhando, sob pena de serem delle affastados pélos meios compulsivos que o nosso Código estabelece. - Ignorar, a Lei não exime da responsabilidade os que delinquem - Os indiciados, porém, ainda foram avisados, ainda foram advertidos do crime e commetiam, mas, recalcitaram e outros recurso não tinha a Policia, senao os entregar `a justiça, como ora faz. Não é todavia, sem pesar que nos referimos, neste inquerito, à resistencia offerecida contra uma ordem perf'eita, em face da Lei

e da qual vieram a morrer vários individuos que de armas nas mãos, contra elle se oppuzeram. O oficial encarrega da deligencia fez o que estava ao seu alcance para evitar sacrificios de vidas. É um outro crime previsto no artigo 124 do nossoCodigo Penal, que a denuncia melhor comprehendera e o sumario mais effcientemente apurara - Sejam estes autos remettidos ao exm. Sr. dr. juiz de direito da comarca para que esta autoridade os faça chegar às mãos do Ministerio Publico. - alem das testemunhas inqueridas, indico mais as de nomes Diogenes de Oliveira, Benedicto de Oliveira e José de Oliveira, residentes no logar denominado " Raizama", neste municipio. Acompanham dois photographias do local do crime. Pyrenopolis, 24 de Outubro de 1925.

(a) Celso Calmon Nogueira da Gama

Chefe de Policia "

# FOTOGRAFIAS

## FOTO 01

— "O Sobrado" de luto pela morte do Cel. Hermenegildo Lopes de Morais, (1905) eminent politico do Estado de Goiás. Vejam-se as duas faixas pretas, uso da época, para indicar luto.



Casarão onde residiu o Cel. Hermenegildo Lopes de Morais (líder político máximo em Morrinhos da década de 1870 até sua morte), tendo a frente o seu caixão rodeado de pessoas, em maio de 1905, época de sua morte.

## FOTO 02



Estado atual ( 1998 ) do "Sobrado", como é chamado o casarão onde residia uma das famílias mais ricas e influentes do sul de Goiás, os Morais, os únicos no Estado que foram "políticos independentes" das oligarquias dos Bulhões e Caiado.

## FOTO 03



Quadro a óleo (final do século XIX), com moldura coberta a ouro, retratando o Cel. Hermenegildo Lopes de Moraes, atestando seu poder econômico e consequente poder na política. Foi o homem mais influente de Morrinhos, em seu tempo, e um dos mais ricos do Estado. Exerceu o cargo de vice-presidente de Goiás por vários mandatos. Construiu as bases do poder e influência dos Lopes de Moraes no Estado.

## FOTO 04



Lápide do túmulo do patriarca dos Moraes: o Coronel Hermenegildo Lopes de Moraes. Percebe-se o fino material e acabamento do mármore que cobriu o corpo de um dos mais influentes homens de Goiás e base para a dissidência de Xavier de Almeida contra os Bulhões, em 1903. Para a época, 1905, uma lápide de tão fino mármore e acabamento, nestes sertões de Goiás, era coisa rara. Certamente importada da Europa e transportada até esses rincões em carro-de-boi; mostra o poderio econômico dos Moraes.( Museu Municipal de Morrinhos).

**FOTO 05****FOTO 06**

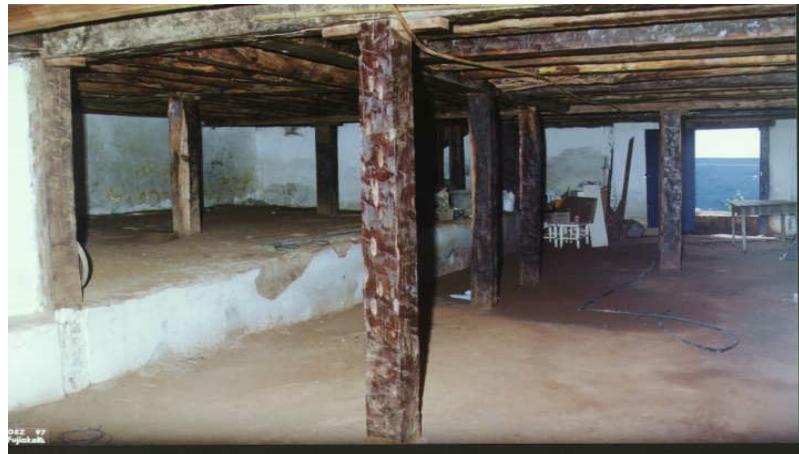
Interiores do "sobrado" mostram o fausto em que vivia os Morais na Casa construída na década de 80 do século XIX. Na época era a mais luxuosa da cidade. Na foto 6, ao fundo, a famosa mesa e cadeiras utilizadas pelos Morais e Bulhões para assinarem a Primeira Constituição de Goiás.

**FOTO 07**

*Caixa de metal utilizada pelo Cel. Hermenegildo para guardar as moedas adquiridas em suas atividades como comerciante e "banqueiro" numa época em que não havia bancos em Goiás.*

**FOTO 08**

*Móveis de época, no interior do "sobrado", pertencentes ao "capitalista" Cel. Hermenegildo. Sobre a mesa, as caixas de metal que eram utilizadas para guardar as riquezas em numerário.*

**FOTO 09**

*Fundações do sobrado e que, durante o período da escravidão, serviu como senzala para os escravos do Cel. Hermenegildo.*

**FOTO 10**

*Grades das janelas da senzala sob o "sobrado". Toda em madeira aroeira assim como toda o resto da estrutura do casarão.*

**FOTO 11**

O Senador Hermenegildo Lopes de Moraes Filho e sua esposa. Desde o final do séc. XIX representava os interesses político de seu pai e homônimo como político na área federal. Foi preparado para tal, educando-se no sudeste do país e tornando-se logo depois deputado federal por diversas legislaturas. Chegou a Senatória federal, por Goiás, já em 1917.

**FOTO 12**

Antiga residência do Senador Hermenegildo, em Morrinhos. Sobre a penúltima janela a direita vê-se as iniciais de seu nome: HLM. No início do século XX era uma das melhores casas da cidade ao lado do sobrado de seu pai.

**FOTO 13**

José Xavier de Almeida e sua esposa, D.<sup>a</sup> Amélia Augusta Lopes de Moraes, filha do Cel. Hermenegildo Lopes de Moraes. Foi a partir de seu casamento com a filha de um dos homens mais influentes do sul de Goiás que estabeleceu-se a aliança necessária para seu rompimento com os Bulhões e o exercício de um governo diferenciado dos anteriores em vários aspectos.

**FOTO 14**

Biblioteca que pertenceu ao Dr. José Xavier de Almeida, com móveis de época. Ainda estão presentes uma grande quantidade de livros, principalmente na área do Direito além de outros de literatura e medicina pertencentes a familiares.

**FOTO 15**

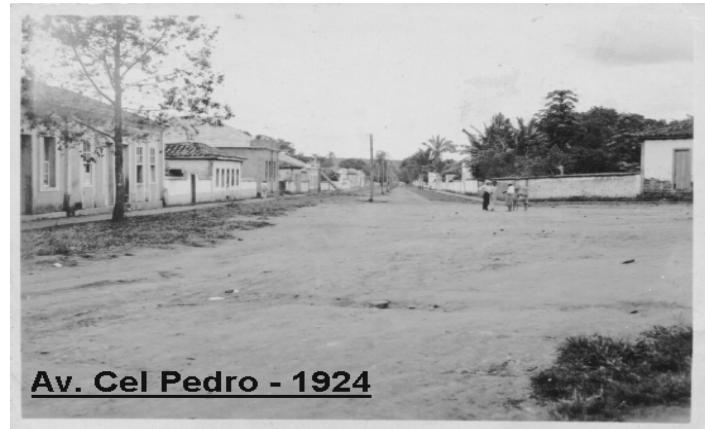
Casa do Cel. Pedro Nunes da Silva, que se casa com uma enteada do Cel. Hermenegildo, seu sócio no comércio. Sucessor do sogro, após sua morte, como líder político local e comandante da Guarda Nacional da Comarca de Rio Piracanjuba.

**FOTO 16**

Esposa e filhos do coronel Pedro Nunes da Silva, chefe político de Morrinhos no início do século. Todos vitimados pela tuberculose. O primeiro à esquerda, Raul Nunes da Silva, foi o último intendente da cidade e primeiro prefeito, com a "Revolução de 1930".

**FOTO 17**

Rua Barão do Rio Branco, em Morrinhos, em 1924. Principal rua da cidade e centro comercial.

**FOTO 18**

Outra importante rua de Morrinhos, em 1924, nome de um dos mais importantes coronéis da cidade, Cel Pedro Nunes da Silva.

**FOTO 19****MORRINHOS 1925**

Praça Cel. Hermenegildo Lopes de Moraes, em 1925. Situa-se em frente do casarão que pertenceu ao Cel.(na rua a direita na foto). Percebe-se o bom estado da cidade, na época uma das maiores do Estado.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### FONTES

- Arquivo Histórico Estadual. Documentos da Coletoria Estadual de Morrinhos Cx. n º 2, 3 e 5 - Morrinhos - GO - dados biográficos do Cel. Hermenegildo Lopes de Moraes.
- Arquivo Histórico Estadual. Ata da 3<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup> seções de Morrinhos da eleição para Presidente e Vice - presidente do Estado em 1901 - Cx. N º 6 - Morrinhos - GO
- Arquivo Histórico Estadual. Autos de multa contra o Capitão João Lopes Zedes e Major Limírio Ribeiro Quinta. Cx. N º 06 - Morrinhos.
- Mensagem enviada ao Congresso Legislativo Estadual pelo presidente do Estado, Dr. José Xavier de Almeida ,1905
- Mensagem enviada ao Congresso Legislativo Estadual pelo Presidente do Estado, Miguel da Rocha Lima,1906.
- Mensagem enviada ao Congresso Legislativo do Estado de Goyaz pelo presidente, Dr. Brasil Ramos Caiado,1926.
- Mensagem enviada ao Congresso Legislativo do Estado de Goyaz pelo presidente do Estado, Dr. Alfredo Lopes de Moraes, 1930.

MORAIS, Hermenegildo Lopes de. **No Cumprimento do Dever - discursos do Senador Federal.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924.

MORAIS, Hermenegildo Lopes de. **Em Prol de Goyaz** (no Senado e na Imprensa). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional,1922.

## **RELATÓRIOS**

- Relatório do Secretário dos Negócios das Finanças, Luiz Guedes D'Amorim, ao Presidente do Estado, Cel. Miguel da Rocha Lima, 1923.
- Relatório do Secretário de Estado dos Negócios das Finanças, Luiz Guedes D'Amorim, ao presidente do Estado, Dr. Brasil de Ramos Caiado, 1929.
- Relatório apresentado pelo secretário de Estado dos negócios das obras pública de Goyaz, Jalles Machado Siqueira, ao presidente do Estado, Dr. Alfredo Lopes de Morai, 1929.
- Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Getúlio Vargas pelo Interventor Federal de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira. 1930-1933, p.168.

## **PERIÓDICOS**

A Imprensa. Goiás. 19/12/1904.

Jornal Opção, Goiânia, 3-9 de novembro de 1996, p. A-2 - A13.

**Cadernos de Pesquisa - II-** Departamento de Ciências Humanas.

Aspectos Econômicos e Sociais do Coronelismo em Goiás, Goiânia, 1977.

A Informação Goyana- vários números.

## **ENTREVISTA**

- **Entrevista** com o Dr. Luiz Azeredo Nunes, neto do Cel. Pedro Nunes da Silva, importante político de Morrinhos, realizada em 13 de janeiro de 1996.

## **DISSERTAÇÕES E TESES**

BORGES, Barsanufo Gomides. **Goiás: Modernização e Crise -1920 - 1960.** Tese de Doutoramento, USP, 1994.

FRANÇA, Maria de Sousa. **Povoamento do Sul de Goiás: 1872-1900 - Estudo da dinâmica da Ocupação Espacial.** Goiânia: Dissertação de Mestrado, UFG, 1975.

FONSECA, Maria Lúcia. **Coronelismo, Mandonismo Local e Cotidiano.** Dissertação de Mestrado, UFG, 1997.

SILVA, Ana Lúcia. **A Revolução de 30 em Goiás.** Tese de doutoramento, USP, 1982

SOUZA, Maria Sônia França. **A Sociedade Agrária em Goiás (1912-1920)- na literatura de Hugo de Carvalho Ramos.** Goiânia: Dissertação de Mestrado, UFG, 1978.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALENCAR, Maria Amélia Garcia de. **Estrutura Fundiária em Goiás.** Goiânia: Editora UCG, 1973.

BORGES, Barsanufo Gomides. **O Despertar dos Dormentes.** Goiânia: Cegraf, 1990.

BURSZTZIN, Marcel. **O País das Alianças e Continuísmo no Brasil.** Petrópolis:Vozes, 1990.

BRUNO, Deusa da Cunha. **Brasil República - o jogo do poder oligárquico.** Niterói: Eduff, 1995.

CAMPOS, Francisco Itami. **Coronelismo em Goiás .**Goiânia : Ed. UFG, 1987.

- CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Uma Introdução a História.** São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CANO, WILSON. **Raízes da Revolução Industrial de São Paulo.** SÃO PAULO: DIFEL, 1977.
- CARONE, Edgar. **A República Velha.** São Paulo: Difel, 1971.
- CHAUL, Nars Fayad. **A Construção de Goiânia e a Transferência da Capital.** Goiânia: Cegraf, 1988.
- \_\_\_\_\_. (Coordenador) **Coronelismo em Goiás: Estudos de Casos e Famílias.** Goiânia: Editora Kelps, 1998
- \_\_\_\_\_. **Caminhos de Goiás - Da construção da Decadência aos limites da Modernidade.** Goiânia: Editora UFG/ Editora UCG, 1997.
- COSTA, Lena Castelo Branco. **Arraial e Coronel- dois estudos de história social.** São Paulo: Cultrix, 1978.
- DONGHI, Halperin. **História da América Latina.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1982.
- DOWBER, Ladislau. **A Formação do Capitalismo Dependente no Brasil.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- ECO, Umberto. **Como se Faz uma Tese.** São Paulo: Perspectiva, 1993.
- FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder.** Porto Alegre: Globo, 1976. Vol.I e II.
- FAUSTO, Boris(org.) **História Geral da Civilização Brasileira.** São Paulo: Difel, 1985.Vol 8 e 9.
- FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930 - Historiografia e História.** São Paulo: Brasiliense, 1994.
- FERREIRA, Joaquim Carvalho. **Presidentes e Governadores de Goiás.** Goiânia: UFG, 1980.
- FONTES, Zilda Diniz. **Morrinhos: de capela a cidade dos Pomares.** Goiânia: Editora Oriente, 1980.
- FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil.** São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1994.

- GOMES, Horieste e NETO, Antônio Teixeira. **Geografia Goiás-Tocantins.** Goiânia: Cegraf, 1993.
- GOMEZ, Luís Palacín et alli. **História Política de Catalão.** Goiânia: Editora UFG, 1994.
- JÚNIOR, Caio Prado. **História Econômica do Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1984.
- JÚNIOR, José Xavier de Almeida. **Leituras e Lembranças.** Goiânia, Oriente, 1971.
- LAPA, J. Roberto A. (org.) **História Política da República.** São Paulo: Papirus, 1990.
- LEAL, Oscar. **Viagem às Terras Goyanas.** Goiânia: Ed. UFG, 1980.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto.** São Paulo: Alfa-Ômega, 1993.
- LOBO, José. **Goianos Ilustres.** Goiânia: Oriente, 1974.
- LUXEMBURG, Rosa. **A Acumulação do Capital.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Pedro Ludovico: Um Tempo, Um Carisma, Uma História.** Goiânia: Cegraf - UFG, 1990.
- MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e Tradicionalismo.** São Paulo: Pioneira, 1975.
- 
- . **Os Camponeses e a Política no Brasil.** Petrópolis, Vozes, 1990.
- 
- . **O poder do Atraso - Ensaios de Sociologia da História Lenta.** São Paulo: Editora Hucitec, 1994.
- MOTA, Carlos Guilherme. (org.). **Brasil em Perspectiva.** São Paulo: Difel, 1984.
- OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(ligi)ão.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.
- PALACIN, Luís et alli. **História Política de Catalão.** Goiânia: Cegraf, 1994.
- PALACIN, Luís. **Coronelismo no Extremo Norte de Goiás.** Goiânia: Cegraf, 1990.

- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **O Mandonismo Local na vida Política Brasileira e Outros Ensaios.** São Paulo: Alfa-Ômega, s.d.
- ROSA, Joaquim. **Por Esse Goiás Afora.** Goiânia: Livraria e Editora Cultura Goiana, 1974.
- ROSA, Maria Luíza Araújo. **Dos Bulhões aos Caiado.** Goiânia: UCG, 1981.
- SANT'ANNA MORAES, Maria Augusta. **História de uma Oligarquia: Os Bulhões.** Goiânia: Oriente, 1974.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Cotez Editora, 1994. 19ª Edição.
- SINGER, Paul. **Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana.** São Paulo: Editora Nacional, 1977.
- VIEIRA, Bruno José. **Morrinhos Ao Som da Lira.** Morrinhos: Edição Pessoal, s.d.
- VILAÇA, Marcos Vinícios e ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. **Coronel Coronéis.** Rio de Janeiro: UFF/EDUFF, 1988.
- WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais- Parte 1.** São Paulo: Cortez Editora/ Ed. Unicamp, 1992.